

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**IDENTIDADE DO LUGAR NA PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL DOS  
MORADORES EM ASSENTAMENTOS RURAIS DE MATO GROSSO**

Dayse De Jesus Lessa  
Dissertação de Mestrado

**Rondonópolis-MT: Janeiro/2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**IDENTIDADE DO LUGAR NA PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL DOS  
MORADORES EM ASSENTAMENTOS RURAIS DE MATO GROSSO**

Dayse De Jesus Lessa

Orientador: Dr<sup>o</sup>. José Adolfo Iriam Sturza

Dissertação de Mestrado

**Rondonópolis-MT: Janeiro/2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**IDENTIDADE DO LUGAR NA PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL DOS  
MORADORES EM ASSENTAMENTOS RURAIS DE MATO GROSSO**

Dayse de Jesus Lessa

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte dos requisitos necessários a obtenção a obtenção do Grau de Mestre em Geografia, área de concentração Ambiente e Sociedade, na linha de pesquisa Planejamento e Gestão Territorial.

Aprovado por:

Composição da Banca Examinadora:

---

Presidente Banca / Orientador    Doutor(a)    José Adolfo Iriam Sturza  
Instituição :    UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Interno    Doutor(a)    Jorge Luiz Gomes Monteiro  
Instituição :    UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Externo    Doutor(a)    Maria Geralda de Almeida  
Instituição :    UFG

Rondonópolis-MT, 07 de dezembro de 2017.

**Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.**

L638i Lessa, Dayse De Jesus.  
IDENTIDADE DO LUGAR NA PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL DOS  
MORADORES EM ASSENTAMENTOS RURAIS DE MATO GROSSO / Dayse De  
Jesus Lessa. -- 2018  
110 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Dr<sup>o</sup>. José Adolfo Iriam Sturza.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de  
Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Geografia,  
Rondonópolis, 2018.  
Inclui bibliografia.

1. Lugar. 2. Assentamento Rural. 3. Percepção socioambiental. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.**

**Dayse De Jesus Lessa**

---

Nome da Autora

## DEDICATÓRIA

“Dedico este trabalho a minha amada mãezinha Maria Rosa meu esteio minha raiz, minha Companheira de todas as horas que tanto amo Ivete Paes sempre me apoiando e incentivando, meu querido pai Walderson que sempre me apoiou. Também aos demais familiares, como minha vozinha Altina Rosa Antônio e Adria Maila, meus sobrinhos João Gabriel, Henrique, Rafael, Guilherme, Arthur e Marina Rosa sobrinha/filha de coração Por fim, a todos meus familiares”.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus e a Jesus Cristo verdadeiros Mestres da sabedoria que me concederam forças e resignação para superar todas as dificuldades.

Ao meu querido orientador José Adolfo Iriam Sturza com quem aprendi muito sobre uma Geografia atual e mais humana que de forma paciente e sábia me orientou nessa pesquisa.

A esta universidade que possibilitou meu ingresso nesse curso e todo corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, especialmente ao professor Nestor Alexandre Perekouskei e Jorge Luís Gomes Monteiro,

A todos os colegas da turma PPGeo/16, a meu amigo Rubens Petri e Tatiane Duarte que ajudaram e apoiaram nessa conquista.

Em especial a FAPEMAT pela concessão da bolsa que foi essencial e primordial para que eu pudesse concluir esse estudo e todos aqueles que contribuíram diretamente e indiretamente.

## EPÍGRAFE

“Um lugar é um centro de ação e intenção, ele é 'um foco onde nós experimentamos os eventos significativos de nossa existência'. De fato, eventos e ações, são significativos somente no contexto de certos lugares, e ganham tonalidades e são influenciados pelo caráter desses lugares, ainda que contribuam para esse caráter [...]. Os lugares são os contextos ou pano de fundo para objetos intencionalmente definidos ou para grupos de objetos ou eventos, ou podem ser, eles mesmos, objetos da intenção. No primeiro caso pode-se dizer que toda consciência não é meramente consciência de algo, mas de algo em seu lugar, e que esses lugares são em grande parte definidos em termos dos objetos e de seus significados. Como objetos propriamente ditos, os lugares são essencialmente focos da intenção, têm geralmente uma localização fixa e possuem traços que persistem de uma forma identificável. Tais lugares podem ser definidos em termos das funções a que servem ou em termos da experiência comunitária pessoal” [...].

**Relph (1976, p. 42).**

## RESUMO

A pesquisa tem por finalidade conhecer a identidade do lugar através da percepção socioambiental dos produtores, aplicada à gestão territorial dos recursos naturais e atividades produtivas nos assentamentos Fazenda Esperança e Padre Jozimo ambos localizados em Rondonópolis, Mato Grosso. A investigação caracteriza-se como da geografia humana com a aplicação do estudo de percepção para avaliar o grau de satisfação com o lugar dos assentados rurais. A base conceitual é fundamentada principalmente no conceito de lugar e território. A aplicação do conceito de território na atualidade é bem diferenciada, pois não só os seus contextos mudaram, assim como a própria ciência buscou outros paradigmas e métodos e, conseqüentemente, novos desafios. Já a ideia de lugar apresenta-se como um fenômeno concernente à dinâmica do espaço geográfico e das dimensões de identidades e afetividades que nem sempre são considerados nos estudos geográficos. Nessa perspectiva, por meio de entrevistas semiestruturadas, junto a trinta moradores dos Assentamentos Fazenda Esperança e Padre Jozimo, verificou-se que 90% dos moradores estão satisfeitos com o lugar. Em relação a Identidade e Significado do Lugar, 58% responderam que a natureza significa tudo e 42% responderam que significa meio de sobrevivência. Sobre Problemas e Desejos, foi observado que 50% dos problemas relatados pelos entrevistados refere-se à falta de apoio governamental que incentive trabalho produtivo, bem como atenção básica aos serviços essenciais como saúde e educação. Assim, com base nos números, percebemos que o assentamento é o meio de vida, trabalho e sobrevivência para essas famílias. A propriedade ou o lote recebido no assentamento, também é lugar de grande satisfação para os moradores dos dois assentamentos, ficando na mesma proporção de afeição que a casa. O assentamento é outra escala de lugar que para os moradores teve significados diversos para entrevistados de ambos os assentamentos. Os dados analisados nos dois assentamentos apontam para a satisfação e pertencimento dos moradores com o lugar, em quase todos os aspectos, com exceção em aspectos de infraestrutura, serviços de saúde e produção, ou seja, demandas externas suas vontades e decisões. Estas informações são importantes para as políticas públicas municipais e estaduais voltadas para os assentamentos e municípios envolvidos na pesquisa. Em suma, existem fortes sentimentos topofílicos e de pertença dos assentados com as diversas escalas de lugar analisadas, indicando alto grau de satisfação e identidade de lugar.

**Palavras Chave:** Lugar, Assentamento Rural, Percepção socioambiental.



## **ABSTRACT**

The current research aims to know the identity of the place through the socioenvironmental perception of the producers, applied to the territorial management of natural resources and productive activities in the Fazenda Esperança and Padre Jozimo settlements both located in Rondonópolis, Mato Grosso. The investigation is characterized as of the human geography with the application of the perception study to evaluate the degree of satisfaction with the place of the rural settlers. The conceptual basis is based mainly on the concept of place and territory. The application of the concept of territory in the present time is well differentiated, because not only have their contexts changed, just as science itself has sought other paradigms and methods and, consequently, new challenges. The idea of place is presented as a phenomenon concerning the dynamics of geographical space and the dimensions of identities and affectivities that are not always considered in geographic studies. From this perspective, through semi-structured interviews with thirty residents of the Fazenda Esperança and Padre Jozimo Settlements, it was verified that 90% of the residents are satisfied with the place. Regarding Identity and Meaning of Place, 58% responded that nature means everything and 42% responded that it means a means of survival. Concerning Problems and Desires, it was observed that 50% of the problems reported by the interviewees refers to the lack of government support that encourages productive work, as well as basic attention to essential services such as health and education. Thus, based on numbers, we realize that settlement is the livelihood, labor, and survival for these families. The property or lot received in the settlement is also a place of great satisfaction for the residents of both settlements, being in the same proportion of affection as the house. Settlement is another place scale which for the residents had diverse meanings for interviewees of both settlements. The data analyzed in the two settlements point to the satisfaction and belonging of the residents with the place, in almost all aspects, except in aspects of infrastructure, health services and production, that is, external demands their wills and decisions. This information is important for the municipal and state public policies aimed at the settlements and municipalities involved in the research. In sum, there are strong topofilic feelings and belonging of the settlers with the various scales of place analyzed, indicating a high degree of satisfaction and identity of place.

**Keywords:** Place, Rural Settlement, socio-environmental perception.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Elementos Topofólicos de Moradores em Rondonópolis.....	55
Figura 2. Definição do Lugar a Partir da Natureza e Relações Sociais.....	56
Figura 3. Localização Assentamento Fazenda Esperança.....	58
Figura 4. Processo de Voçorocas em Áreas do Assentamento Fazenda Esperança.....	59
Figura 5. Localização Assentamento Padre Jozimo.....	60
Figura 6. Casa no Assentamento Fazenda Esperança.....	70
Figura 7. Igreja Católica Assentamento Fazenda Esperança.....	74
Figura 8. Posto de Saúde Gleba Cascata.....	75
Figura 9. Pecuária.....	78
Figura 10. Estrada no Assentamento Padre Jozimo.....	79
Figura 11- Casa no Assentamento Padre Jozimo.....	84
Figura 12. Salão Comunitário do Assentamento Padre Jozimo.....	87
Figura 13. Mandioca; um dos Principais Cultivos Agrícola.....	90
Figura 14. Pecuária Mista de Leite e de Corte.....	91
Figura 15. Produtor de Leite.....	92
Figura 16. Quadro comparativo da identidade do lugar na percepção dos moradores nos Assentamentos Fazenda Esperança (Rondonópolis) e Padre Jozimo (São José do Povo) em Mato Grosso.....	96

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Idade dos Entrevistados do Assentamento Fazenda Esperança.....	67
Gráfico 2. Renda Familiar Assentamento Fazenda Esperança.....	67
Gráfico 3. Tempo de Moradia dos Entrevistados.....	68
Gráfico 4. Significado do Assentamento.....	71
Gráfico 5. Doenças Frequentes.....	76
Gráfico 6. Produção Agropastoril.....	77
Gráfico 7. Maiores Problemas do Lugar.....	79
Gráfico 8. Desejos Referente ao Lugar.....	80
Gráfico 9. Idade dos Entrevistados do Assentamento Padre Jozimo.....	81
Gráfico 10. Renda Familiar do Assentamento Padre Jozimo.....	82
Gráfico 11. Tempo de Moradia .....	82
Gráfico 12. Significado do Assentamento.....	85
Gráfico13. Doenças Frequentes.....	89
Gráfico 14. Uso e Produção Agropastoril.....	90
Gráfico 15. Maiores Problemas.....	93
Gráfico 16. Desejos Referente ao Lugar.....	94

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**INCRA-** Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

**NEPEC-** Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura

**PROCERA-** Programa Especial de Crédito para a Reforma Agrária

**PRONAF-** Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

**PSF-** Programa Nacional de Saúde da Família

**USP-** Universidade federal de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS .....</b>	<b>ix</b>
<b>LISTA DE GRÁFICOS .....</b>	<b>x</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....</b>	<b>xi</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPITULO I - A GLOBALIZAÇÃO E A CULTURA REFLETINDO NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E LUGARES.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 GLOBALIZAÇÃO E PROCESSOS CULTURAIS .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 OS AVANÇOS TÉCNICOS DA COMUNICAÇÃO NA TRANSFORMAÇÃO DOS LUGARES.....</b>	<b>24</b>
<b>1.3 A IDENTIDADE DO LUGAR FRENTE ÀS MUDANÇAS GLOBAIS ATUAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>1.4 OS ESTUDOS CULTURAIS E A GEOGRAFIA .....</b>	<b>30</b>
<b>1.4.1 Bases da Geografia Cultural .....</b>	<b>34</b>
<b>1.4.2 Geografia Cultural no Brasil .....</b>	<b>38</b>
<b>CAPITULO II- ASSENTAMENTOS RURAIS E CONCEITOS GEOGRÁFICOS APLICADOS AO ESTUDO DO LUGAR.....</b>	<b>40</b>
<b>2.1 ASSENTAMENTOS RURAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>2.2 TERRITÓRIO.....</b>	<b>43</b>
<b>2.3 OS ESTUDOS DE PERCEPÇÃO .....</b>	<b>45</b>
<b>2.4 O LUGAR .....</b>	<b>48</b>
<b>2.4.1 A topofilia e a topofobia: Conceitos correlatos de lugar .....</b>	<b>53</b>
<b>CAPÍTULO III- O PERCURSO E OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA PARA O ESTUDO DO LUGAR .....</b>	<b>58</b>
<b>3.1 A REALIDADE INICIAL DE ESTUDO .....</b>	<b>58</b>
<b>3.1.1 Assentamento Fazenda Esperança em Rondonópolis .....</b>	<b>58</b>
<b>3.1.2 Assentamento Padre Jozimo.....</b>	<b>60</b>
<b>3.2 O MÉTODO .....</b>	<b>61</b>
<b>3.3 TIPO DE PESQUISA E PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>63</b>
<b>3.3.1 Pesquisa Bibliográfica.....</b>	<b>63</b>
<b>3.3.2 Pesquisa de Campo.....</b>	<b>64</b>
<b>CAPÍTULO IV - OS LUGARES DE VIDA E DE PRODUÇÃO NOS</b>	

<b>ASSENTAMENTOS RURAIS FAZENDA ESPERANÇA E PADRE</b>	
<b>JOZIMO.....</b>	<b>66</b>
<b>4.1 CASO DO ASSENTAMENTO FAZENDA ESPERANÇA.....</b>	<b>66</b>
4.1.1 O lugar e a socioeconomia .....	66
4.1.2 A identidade/significado do lugar .....	69
4.1.2.1 Significado da Natureza.....	69
4.1.2.2 A casa como lugar .....	69
4.1.2.3 A propriedade como lugar.....	70
4.1.2.4 O assentamento como lugar.....	71
4.1.3 Relações Sociais e Associativismo .....	73
4.1.4 Infraestrutura e produção .....	74
4.1.4.1 Bens duráveis de consumo.....	74
4.1.4.2 Água e serviços de saúde.....	75
4.1.4.3 A produção e meios de produção .....	76
4.1.5 Desejos e necessidades dos Moradores .....	78
<b>4.2 O CASO DO ASSENTAMENTO PADRE JOZIMO .....</b>	<b>80</b>
4.2.1 O lugar e a socioeconomia .....	80
4.2.2 A Identidade/Significado do Lugar.....	83
4.2.2.1 Significado da Natureza.....	83
4.2.2.2 A casa como lugar .....	84
4.2.2.3 A propriedade como lugar.....	85
4.2.2.4 O assentamento como lugar.....	85
4.2.3. Relações Sociais e Associativismo .....	86
4.2.4 Infraestrutura e produção .....	88
4.2.4.1 Bens duráveis de consumo.....	88
4.2.4.2 Água e serviços de saúde.....	88
4.2.4.3 A produção e meios de produção .....	89
4.2.4.4 Desejos e necessidades dos Moradores .....	93
<b>4.3 ANÁLISE COMPARATIVA DOS ASSENTAMENTOS .....</b>	<b>95</b>
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>108</b>

## INTRODUÇÃO

Dentre as várias maneiras de conhecer a Percepção Socioambiental foi pelo questionário e observação que o presente estudo se realizou. A vivência rápida com os sujeitos da pesquisa nos revelou a forma pela qual eles se sentem em viver em seu ambiente natural e social. Tal percepção é caracterizada pelos entrevistados mediante suas histórias de vida e experiências acumuladas que estabelecem raízes e afeição com o ambiente rural.

Ao longo dos anos os assentamentos rurais aparecem como uma consagração e conquista da terra que logo se desdobraram em novas expectativas de produção, renda e moradia. Com a adoção de técnicas modernas e sistema de produção capitalista, a agricultura familiar tende a passar por um processo de descaracterização de seus processos produtivos e organização social, influenciando em sua desterritorialização e, conseqüentemente, na identidade do lugar.

Essas áreas estão voltadas para a ocupação e o uso para fins agrícolas, agropecuários e agroextrativistas em que um grupo de famílias trabalhadoras, são organizadas sob a forma de lotes individuais e, em alguns casos, de áreas de uso e propriedade comuns, caracterizado como cooperativas (MEDEIROS; LEITE, 1999).

Atualmente verifica-se também que os assentamentos são refúgios para famílias rurais e desfavorecidas pela estrutura fundiária do país e acabam recorrendo às disputas territoriais contra os modos capitalistas de produção, por não terem condições econômicas de acompanhar os processos de modernização e expansão agrícola capitalista.

A dinâmica dos assentamentos, com todas as limitações impostas, permite gerar novas estruturas e novos personagens da produção familiar rural. Os assentamentos rurais trazem no seu horizonte algumas alternativas econômicas e sociais para parte significativa de trabalhadores brasileiros, que se encontram marginalizados e excluídos do processo de produção vigente e que conformam a questão agrária brasileira.

Ao longo dos anos, os assentamentos aparecem como a consagração da luta (conquista de um objetivo – a terra), que logo se desdobram em novas perspectivas de produção, de renda, de moradia e de condições dignas de vida e de trabalho. Pode-se especular o assentamento enquanto ponto de chegada, ou seja, o acesso a terra permitindo a integração social. Mas também é possível abordá-lo como ponto de partida, ou seja, situação onde os assentados se tornam novos Sujeitos na produção familiar.

Do ponto de vista de ajuste ao ambiente do seu entorno, a organização da sociabilidade do assentamento apresenta característica semelhante ao do bairro rural, descrito na obra de Antônio Cândido. Segundo o autor, ainda, a estrutura de vizinhança e a posse da terra compreenderam uma função de relativa estabilidade na vida do caipira. Nesse mesmo contexto, o assentamento está conformando no universo rural como um novo processo de convívio, onde se trata a recriação de condições básicas e de ajuste social para a sobrevivência e a estabilidade da produção familiar.

Assim os assentamentos não se constituem como uma simples concessão de terra a camponeses, mas sim, como um território que permite o desenvolvimento de relações de vida, produção e organização social diferentes das impostas pelo modo agrícola capitalista (COCA, 2013).

Este modelo de organização do espaço desempenha um relevante papel no espaço rural brasileiro, frente ao modo dominante dos latifúndios que desfavorece a justiça e o desenvolvimento social no meio rural. Os assentamentos apresentam uma gestão inovadora dos territórios rurais, a partir de suas organizações sociais, mobilizações e participação econômica, podendo levar, ainda, mais as famílias assentadas a terem autonomia e liberdade na busca de melhores condições de vida e desenvolvimento rural (FERRANTE ET ALLI, 2012).

Os assentamentos têm grande contribuição social e econômica, podendo gerar emprego, a diminuição do êxodo rural, o aumento na oferta de alimentos, abastecimento do mercado interno, garantia de moradia e a elevação dos níveis de renda familiar, com consequentes melhorias na qualidade de vida dos assentados (FERRANTE, 2012).

Há uma grande pressão econômica e política sobre as pequenas propriedades rurais, que se reproduzem em uma lógica produtiva que consideram a pequena produção agrícola como inviável para os padrões produtivos modernos (MEDEIROS; JUNIOR, 2005).

A percepção socioambiental nesse processo contribui com essas discussões, possibilitando uma relação mais harmônica do ponto de vista do indivíduo ou da coletividade com os elementos exteriores, sejam estes, elementos naturais, necessidades econômicas ou interesses político-sociais. A percepção e o engajamento do cidadão em relação à importância dos elementos naturais, vida social e produtiva e aos problemas ambientais locais precisa ser analisada, pois definem a satisfação dos assentados e o poder de resiliência. Para que isso ocorra, há certa necessidade de sintonia entre as diferentes realidades políticas, econômicas, sociais e culturais, bem como questões ecológicas.



Neste sentido, será analisada a relação do ponto de vista de um indivíduo ou de uma coletividade, com os elementos exteriores, sejam estes, elementos naturais, necessidades econômicas ou interesses político-sociais. Assim, entende-se a percepção como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos. Dessa forma, diversos estudos defendem que a mente exerce parte ativa na construção da realidade percebida e, conseqüentemente, na definição da conduta (DEL RIO, 1996).

O território transpõe as fronteiras, sendo correspondido não só apenas pela ideia de espaço geográfico socializado, dominado e controlado, mas também pelos significados e identidades. Aqui o território importa ao estudo do lugar que para o assentado manifesta-se basicamente, como terra de produção e poder (território) e terra de vida (identidade, lugar). Haesbaert (1999) esclarece que nem toda identidade tem no território um dos fundamentos de sua construção, trata-se, porém, de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais da estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto no concreto. Assim, a identidade social é também uma identidade territorial, quando o indicativo simbólico essencial para a construção dessa identidade parte do ou transpassa o território.

Da mesma forma, o território na perspectiva material e do poder, carrega em si a identidade, o simbolismo e a cultura que são dimensões essenciais para sua compreensão. A relação entre identidade e território é tão forte que “toda identidade implica numa territorialização, assim como a territorialização permite a permanência identitária” (COSTA; COSTA, 2008, p. 29).

Nesse sentido, a dimensão territorial nos últimos anos, tem sido objeto de estudos caracterizados por uma abordagem multidisciplinar, a fim de ler as raízes locais em sua complexidade territorial e regulação social. Nesse contexto, pode-se definir a territorialidade como um processo de construção territorial incessante, sendo assim, constituído por meio das relações sociais, bem como a produção de serviços e produtos.

Nesse processo, as discussões teóricas e metodológicas sobre o lugar dentro da geografia tradicional, foram estabelecidas conforme as particularidades naturais e culturais de uma determinada área. Ao longo das décadas, o conceito de lugar foi se sofisticando, especialmente pelas contribuições de autores como Yi-Fu Tuan que vincula a ideia de lugar à corrente filosófica da fenomenologia. E, dentro da Geografia Humanista, o lugar é compreendido como o espaço vivido. É onde a vida se realiza, carregado de afetividade e

significado.

Nesse contexto, a ideia de lugar apresenta-se como um fenômeno concernente à dinâmica do espaço geográfico e das dimensões de identidades e afetividades que nem sempre são considerados nos estudos geográficos. Para responder questões como estas, foram estabelecidos os propósitos e objetivos da pesquisa.

A pesquisa teve por objetivo geral conhecer a identidade do lugar a partir da percepção socioambiental dos moradores em assentamentos rurais de Mato Grosso. Os objetivos específicos foram: identificar e analisar as percepções (atitudes, valores, sentimentos) dos moradores dos assentamentos com o local e comunidade; apontar os principais problemas e necessidades dos moradores do assentamento a partir do espaço vivido e levantar as concepções de natureza e as principais atividades produtivas nos assentamentos.

O Capítulo I apresenta as contribuições teóricas sobre globalização e cultura que são importantes para qualquer análise do local, e dos lugares, onde pessoas, objetos e ambiente se sujeitam às regras postas pelo ritmo atual da civilização. Entre as faces mais nítidas e formas da globalização, encontram-se a tecnologia e o meio informacional que rápida ou instantaneamente, chegam a qualquer ponto do planeta, trazendo mudanças também ao local e lugar.

O Capítulo II trata mais especificamente de conceitos já consagrados à Geografia Humana no conhecimento de identidades, lugar e território e aplicados ao estudo do lugar em assentamentos rurais. Aqui são apresentados autores importantes como Loventhal (1961), Tuan (1983), Sack (1986), Haesbaert (2001) que já têm tratado de temas e conceitos ligados ao estudo do espaço vivido, lugares, identidades e território. Os capítulos I e II expõem as bases teóricas aplicadas aos estudos dos espaços e lugares nos dois assentamentos investigados.

O Capítulo III apresenta o percurso metodológico construído para o entendimento dos fenômenos encontrados nas realidades geográficas do assentamento e dados mais específicos coletados a partir das entrevistas com os moradores dos dois assentamentos estudados. A partir dos objetivos em vista, o texto analítico e discursivo dos dados está estruturado em quatro tópicos: o lugar e a socioeconomia; identidade do lugar, infraestrutura e produção, que são discutidos por assentamento. Ao final do Capítulo faz-se a comparação dos dois assentamentos para visualizar componentes identitárias semelhantes ou distintas no tocante a percepção social, identidade e satisfação com o lugar.

O Capítulo IV apresenta e discute os dados relativos aos moradores assentados, modo de vida, produção, problemas, desejos e, principalmente suas relações topofílicas e de satisfação com os lugares de diferentes escalas (natureza, casa, propriedade, assentamento e relações sociais). Esta parte define os níveis e aspectos de satisfação e identidade do lugar para os sujeitos, a partir das categorias de análise e indicadores selecionados. Ao final do Capítulo faz-se a comparação dos dois assentamentos para visualizar componentes indenitárias semelhantes ou distintas no tocante a percepção social, identidade e satisfação com o lugar. Os capítulos III e IV apresentam os percursos metodológicos da pesquisa e os dados mais específicos coletados a partir das entrevistas com os moradores dos dois assentamentos estudados.

## **CAPITULO I - A GLOBALIZAÇÃO E A CULTURA REFLETINDO NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E LUGARES**

Este Capítulo inicia a apresentação e discussão teórica e conceitual da dissertação, caracterizando o fenômeno da globalização que impõe mudanças e marcas decisivas na estrutura do local e identidade dos lugares. Na sequência resgata-se a Geografia Cultural como uma forma de abordagem da Geografia Humana por excelência para tratar os fatos e processos ligados à globalização e suas interfaces com a cultura, os locais e os lugares.

### **1.1 GLOBALIZAÇÃO E PROCESSOS CULTURAIS**

McLuhan (1967), em sua obra, “O Meio é a Mensagem”, se preocupa em mostrar que o meio é um elemento importante da comunicação e não somente um canal de passagem ou um veículo de transmissão. De acordo com McLuhan, os meios pelos quais recebemos a mensagem, ou seja, a mídia, tem tanto ou mais influência sobre nós do que o próprio conteúdo. A maneira como percebemos a informação é transformada pelos meios de comunicação que transmitem. A reflexão se expande para entender o mundo das mercadorias, da impressão, da publicidade e das artes. Esta obra foi um dos primeiros marcos sociocultural que aponta para a existência da globalização.

Numa análise mais profunda Santos (2003, p.41) interpreta o fenômeno de uma globalização perversa, como fábula, observando assim, a necessidade de passar de um pensamento para a consciência universal que permite a construção de uma nova civilização planetária. O autor escreve que:

sem as fábulas e mitos, este período histórico não existiria como é. Uma dessas fábulas é a tão repetida ideia de aldeia global. O fato de que a comunicação se tornou possível à escala do planeta, deixando saber instantaneamente o que se passa em qualquer lugar [...]. Um outro mito é do espaço e do tempo contraídos, graças, outra vez aos prodígios da velocidade [...]. Fala-se, também, de uma humanidade desterritorializada, e essa ideia dever-se-ia outra, de uma cidadania universal (SANTOS, 2003, p. 41).

Nessa construção de críticas e ideias expressa-se a maior perversidade na produção de globalização. Hoje não é tanto a polarização da riqueza e da pobreza, ou a segmentação dos

mercados e, até mesmo, a destruição da natureza, mas sim, a produção de um novo totalitarismo e um único domínio do espaço unipolar, a exaustão das culturas e a carência de um Estado intervencionista e regulador da vida coletiva e globalizada. O comércio global é capaz de homogeneizar o planeta, com o desenvolvimento por meio do livre comércio e da completa liberdade de circulação dos capitais privados, o que destinaria a humanidade na direção de um governo global, ocorrendo à revelia da morte do Estado. Nesta lógica, Santos (2000, p. 22) define a globalização como:

[...] o processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival. (...). Em primeiro lugar, perante as condições do sistema-mundo ocidental não existe globalização genuína; aquilo que chamamos globalização é sempre a globalização bem-sucedida de determinado localismo, (...) não existe condição global para qual consigamos encontrar uma raiz local, uma imersão cultural específica. A segunda implicação é que a globalização pressupõe localização. O motivo por que é preferido o último termo é, basicamente, o fato de o discurso científico hegemônico tender a privilegiar a história do mundo na versão dos vencedores (SANTOS, 2000, p. 22).

Embora expresse várias críticas sobre a questão da globalização, ainda assim, Milton Santos aponta alguns pontos positivos quando afirma em sua obra “Por Uma Outra Globalização” (2000) que a globalização contribui para o desenvolvimento cultural devido às quebras das fronteiras e a facilidade ao acesso das informações mundiais. Neste sentido, a globalização deve ser utilizada de forma democrática e a serviço do homem, ampliada sob uma integração real, social e humanitária, na qual as diferenças se atenuam, e o tecnicismo ou o capital não se sobreporiam perante a vida social ou pessoal, mas se dariam de forma inteligente e sustentável. Essa abordagem crítica representa um ponto de vista, no qual a nova esquerda se contrapõe à hegemonia de fundamentação e reestruturação dos valores da democracia na globalização contra a iniquidade global. Entretanto “[...] a localidade se opõe à globalização, mas também se confunde com ela. O mundo, todavia, é nosso estranho” (SANTOS, 2006, p. 218).

Nesta perspectiva, a lógica da globalização é apresentada como fenômeno que está acabando com as identidades, que atravessa as fronteiras nacionais integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço e tempo, desse modo, transformando o mundo em realidade e experiência mais interconectado, formando um conjunto onde tudo e todos estão em um mesmo ambiente. Assim, Hall (2000, p. 75),

complementa que:

a globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da sociedade como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço. (HALL, 2000, p. 75).

A identidade nacional está se desintegrando, coincidindo com a ascensão da homogeneização global e do pós-modernismo cultural. Algumas identidades (local ou particularistas são reforçadas por meio de resistência antiglobalização, já outras, estão sendo substituídas por novas identidades. De acordo com Hall, alguns teóricos culturais afirmam que a tendência de crescente interdependência global está levando ao colapso de toda a identidade cultural, produzindo uma fragmentação dos códigos culturais, bem como uma variedade de estilos, cuja ênfase reflete o efêmero, o flutuante, o temporário, a diferença e o pluralismo do pós-modernismo global. Conforme afirma Hall (2006, p. 69),

As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do 'pós-moderno global'; b) As identidades nacionais e outras identidades 'locais' ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização; c) As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar (HALL, 2006, p. 69).

Assim, dentro dessa perspectiva, pode-se dizer que o mundo é uma aldeia feita pela globalização que permite viajar em poucas horas nas partes mais remotas da terra, bem como consumir produtos de todos os países. O imediatismo da informação aproxima a cena, possibilita a familiarização imediata de eventos simultâneos, lugares e eventos criados entre uma relação unitária em todo o mundo.

Ainda de acordo com McLuhan (2003), o corpo humano é especialmente o aparelho sensorial de "extensões" humanas, e que os meios são extensões. Cada meio é concebido como uma extensão do corpo. A roda é, por exemplo, uma extensão do sistema locomotor, meios de comunicação são extensões dos sentidos. Dessa forma, todas as mídias representam extensões, amputações, próteses e modificações dos sentidos humanos e, portanto, da percepção humana, alterada, que leva a uma transformação em um contexto mais amplo. Entretanto, a cultura e a sociedade devem ser entendidas como sequelas de desenvolvimentos da mídia e de seu uso (MCLUHAN, 2004).

O conceito de “Aldeia Global” de McLuhan foi superado pelo conceito de “Sociedade em Rede”, proposto por Castells (2005) que investiga os reflexos da sociedade em rede na economia, cultura e na convivência social a partir do fenômeno da internet. Para o autor a aldeia global foi uma predição completamente errada, pois “[...] não é uma aldeia, mas uma rede de casas individuais, o que é completamente diferente” (CASTELLS, 2005, p. 141).

Para Castells (2001), a cultura de massa é altamente individualista e cresceu juntamente com a Internet e emerge da interação entre as tendências principais de globalização e identificação. O consumismo caracterizado pelo papel das marcas; as redes; o cosmopolitismo (ideológico, político ou religioso) e do multiculturalismo. Esse processo é financiado pela publicidade que é hoje orientada pela indústria do entretenimento mundial. Assim, o multiculturalismo é o padrão mundial marcado por uma diversidade de produção e distribuição de conteúdo cultural, por meio da comunicação de massa (Internet, comunicações sem fio, jogos online, redes digitais) ofertada por meio de plataforma privilegiada para o cultivo de individualismo em rede.

Em outra perspectiva, Castells (2004) evoca uma visão otimista que combinaria a identidade cultural e a criação de rede política global e multidimensional. E é neste sentido que, referindo-se à comunicação na era digital, fala de uma revolução de sinais e a nova forma de comunicação interativa com base na onipresença local e global com consequências importantes para a organização social e mudança cultural onde complementa Castells (2004, p. 170) que,

A comunicação de valores e a mobilização em torno do sentido são fundamentais. Os movimentos culturais (entendidos como movimentos que têm como objetivo defender ou propor modos próprios de vida e sentido) constroem-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a Internet e os meios de comunicação – porque esta é a principal via que estes movimentos encontram para chegar àquelas pessoas que podem eventualmente partilhar os seus valores, e a partir daqui atuar na consciência da sociedade no seu conjunto (CASTELLS, 2004, p. 170).

Nesse contexto, considerando que a comunicação está intimamente ligada às tradições linguísticas e culturais que tendem a estimar o impacto global dos gigantes da mídia internacional, Castells (2001) também destaca um novo público "criativo" de origem da mistura cultural que é caracterizado pela autocomunicação de massa, o que leva a novas práticas de auto expressão e socialização mediadas pela tecnologia.

Nesta ótica, a cultura global não pode ser descrita como um conjunto de conteúdos, e

sim, como uma simbiose virtual, cultural e inconsistente, não tendo nenhuma ordem fixa e nenhuma base para uma carta de direitos e obrigações representada. Dessa forma, desencadeiam-se as transformações sociais em um mundo globalizado, pelas novas tecnologias de comunicação em rede.

A sociedade em rede global opera a partir de uma dupla lógica de inclusão e exclusão e é caracterizada pelo contraste entre a dimensão global da Internet e a afirmação de múltiplas identidades locais. Esta reestruturação é baseada em novos arranjos organizacionais que incorporam a lógica de rede e passa a organizar o tempo, e esse novo espaço de fluxos reconfigura o espaço de lugares que, historicamente, enraizou a experiência social.

Incluem-se nessas relações um número de elementos inter-relacionados; redes privadas, as intranets corporativas; as redes semi-públicas, as redes financeiras; redes públicas e abertas e a Internet. Conforme discute Castells (2001, p. 170), é exatamente este espaço dos fluxos que compõem a organização social, onde,

o espaço de fluxos resultante é uma nova forma de espaço, característico da Era da Informação, mas não é desprovida de lugar: conecta lugares por redes de computadores telecomunicadas e sistemas de transporte computadorizados. Redefine distâncias, mas não cancela a geografia. Novas configurações territoriais emergem de processos simultâneos de concentração, descentralização e conexão espaciais, incessantemente elaborados pela geometria variável dos fluxos de informação (CASTELLS, 2001, p. 170).

O geógrafo David Harvey é uma das referências para análises das consequências sociais e culturais da globalização. Segundo o autor, a globalização hoje não tem nada de fundamentalmente novo, o sistema capitalista mudou como resultado da desregulamentação financeira exigida pelos estados dominantes, para o desenvolvimento de um sistema de mídia e comunicações, desse modo, trazendo um espaço desmaterializado que inclui transações financeiras em menor tempo e custo. Isto posto, em sua obra “O Enigma do Capital”, o autor coloca as condições para a acumulação do capital dentro do processo de globalização que foi promovido pela reorganização radical dos sistemas de transportes e comunicacionais, o que conseqüentemente diminuíram os custos das mercadorias, e que possibilitaram a organização rigorosa da produção em cadeia em todo espaço global. (HARVEY, 2011, p. 40). Nesse sentido, Harvey define o dinheiro como um objeto "desmaterializado" que trabalha a serviço daqueles que têm poder social numa lógica de que, enquanto o aumento da riqueza dos ricos à



custa dos mais fracos e mais pobres coincide com uma vontade de poder caracterizada pela tensão de universalizar e globalizar. Sobre a supremacia do capital, escreve Harvey (2011, p. 7):

O capital é o sangue que flui através do corpo político de todas as sociedades que chamamos de capitalistas, espalhando-se, às vezes como um filete e outras vezes como uma inundação, em cada canto e recanto do mundo habitado. É graças a esse fluxo que nós, que vivemos no capitalismo, adquirimos nosso pão de cada dia, assim como nossas casas, carros, telefones celulares, camisas, sapatos e todos os outros bens necessários para garantir nossa vida no dia a dia (HARVEY, 2011, p.7).

Conforme avalia Harvey (2005), o neoliberalismo é uma forma de economia política que se esforça para realizar apenas uma missão: restaurar o poder de classe da elite econômica global. À vista disso, segundo o autor, a globalização, portanto, está a tomar forma como uma abstração progressiva do espaço que se traduz, por meio da criação de redes, novos métodos de conexão física e simbólica. Para Harvey, o regime de acumulação flexível exige que ele, em resposta à crescente obsolescência dos modos e da necessidade de alcançar os segmentos de mercado cada vez mais específico, uma ordem cultural, que são mais do que nunca mobilizadas como afirma (HARVEY, 1989, p. 156).

Nesse prisma, Harvey através do conceito de fluxo, interpreta o regime de acumulação capitalista como um processo que deve sempre manter elevada a demanda, por meio de crédito ao consumo e instrumentos financeiros sofisticados postos em prática quando há contração da procura.

Conforme discute o autor, o capitalismo fordista tinha desenvolvido uma cultura “padronizada”, amplamente comercializada, cuja missão era por meio da mídia e da publicidade assegurar a correspondência entre a produção e o consumo de massa.

## **1.2 OS AVANÇOS TÉCNICOS DA COMUNICAÇÃO NA TRANSFORMAÇÃO DOS LUGARES**

O modo atual de desenvolvimento descreve uma nova relação entre produção, meio ambiente e sociedade onde a informação é relevante não só como um portador do conhecimento no processo de produção, recuperação de informação e apresentação, mas também, como processos econômicos cruciais.

A tecnologia tem desempenhado um papel relevante no comportamento humano, o alto valor atribuído à nova invenção tecnológica, em partes do mundo, levou a comunicação instantânea que, por sua vez, levou à rápida disseminação de modas e ideias em segmentos como o vestuário, a comida, a música, a literatura e a comunicação descrevendo as maneiras de se vestir, criar filhos, ganhar dinheiro, encontrar felicidade e outros. Desse modo, promovendo valores, aspirações e prioridades pela maneira como retratam o comportamento de pessoas como crianças, pais, professores, políticos e atletas, e as atitudes que eles exibem em relação à violência, sexo, papéis de homens e mulheres e legalidade.

Nessa perspectiva, é possível observar que com o desenvolvimento dos meios técnicos e o uso dos meios de comunicação audiovisual introduziram-se vários novos aspectos ao confronto estético com perguntas de percepção. Assim, em especial, as novas formas de lidar com contextos espaço-temporais que são artisticamente explorados em muitos caminhos abertos.

Posto isso, a Internet é utilizada não só para organizar ações sociais dominantes, mas também, organizar a resistência contra ela e de grupos sociais marginais, bem como indivíduos, ou seja, é uma comunicação complexa entre o espaço dos fluxos e o espaço de lugares. Entretanto, o lugar é como "um local, cuja forma, função e significado são autocontida dentro dos limites de contiguidade física definida" (CASTELLS, 2001, p. 171).

Já Santos (2003, p. 39), percebe esse período tecnológico e global como um processo de mundialização da técnica ou de internacionalização que é denominado como período técnico científico, sendo um novo modo de produção global onde existe interdependência entre ciência e tecnologia sob domínio da técnica, pois,

(...) essas técnicas da informação são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque escapa a possibilidade de controle (SANTOS, 2003, p. 39).

Esse arranjo é fato em todas as partes do mundo e representa a informação com a nova variável de condução, o que permite, tanto a identificação de um novo sistema de tempo como a organização de um novo espaço. Por isso, Santos (2003, p. 40) discute que:

há uma relação carnal entre o mundo da produção da notícia e o mundo da produção das coisas e das normas. A publicidade tem, hoje, uma penetração muito grande em todas as atividades, como na profissão médica, ou na educação. [...] Hoje, propaga-se tudo, e a política é, em grande parte, subordinada às suas regras (SANTOS, 2003, p. 40).

A mudança técnica e a rapidez nas comunicações têm provocado o encontro de culturas, adaptação cultural, e outros processos culturais, responsáveis por certa homogeneização de uma cultura global e enfraquecimento ou desaparecimento de outras culturas locais e os próprios lugares. Isso é fato inclusive nos assentamentos rurais de menor acesso moldando novos fazeres, hábitos, relações sociais e, portanto, mudando os lugares.

### **1.3 A IDENTIDADE DO LUGAR FRENTE ÀS MUDANÇAS GLOBAIS ATUAIS**

Para Canclini (1998), a identidade precisa ser repensada à luz da globalização econômica e cultural, e as novas tecnologias. Se as ciências humanas, o romantismo popular e o nacionalismo tinham chamado a atenção para as culturas locais, o traçado dos limites territorial e étnico de identidades culturais, culturas hoje, não mais enraizada dentro dos limites de suas origens, é cruzado e alterado pela migração por processos de hibridização que enfraquecem as raízes, a globalização e os fluxos de mídia de informação. A internacionalização da economia, o papel central da comunicação, as crescentes disparidades demográficas econômicas e sociais entre as várias regiões do mundo, mobilidade e migração remodelaram a geografia do sistema mundial e as categorias de espaço e tempo, distância e proximidade entre culturas. Contudo, os implícitos por descontinuidades múltiplas da hibridização podem ter em resultados até mesmo contraditórios o que pode ser em termos positivos, por exemplo; em uma ampliação de ofertas culturais e um desafio a atitudes arraigadas sobre raça; e em termos negativos; que pode ser associada com deslocamento, perda da tradição, e agitação social. Assim sendo, as origens das mudanças culturais contemporâneas podem ser rastreadas para os processos certamente do desenvolvimento desigual capitalista, turbulência geopolítica, e em larga escala migração segundo (CANCLINI, 1998).

Atualmente vivencia-se um ambiente turbulento e descontínuo onde a globalização desafia o significado de lugar, cultura e identidade à luz de certa tendência de mercado e comportamento global. Todavia, em um mundo globalizado as pessoas buscam encontrar uma

estrutura de identidade como forma de auto expressão por meio de suas culturas. Entretanto, a globalização acelerada vem transformando as culturas que as pessoas costumavam experimentar no sentido local. Dessa forma, a moda, a arte, a música, a comida e a religião tem se tornado artefato fundamental na definição de uma identidade local.

Numa análise local, Alain Bourdin, em sua obra “A questão Global”, traz contribuições significativas à respeito de novas concepções de territorialidades e políticas públicas para a ação militante política, bem como uma análise profunda da questão local em escala mundial.

Conforme discute Bourdin (2001), é possível distinguir correntes de pensamento sobre o local, como por exemplo, “A Vulgata localista” a qual postula que a humanidade é local. Outra concepção “patrimonial do local” é uma forma de construir um mito local: patrimônio que faz com que o “local” se baseia na ideia de que, se as sociedades evoluem a partir de pequenos conjuntos, estão mais ou menos isolados e fortemente inscritos em alguns territórios.

O local herdado relaciona-se aos aspectos históricos e representa o peso que o passado pode ter sobre o presente, portanto, leva em conta a genealogia e suas relações familiares. Para Bourdin (2001) o local é um lugar privilegiado de manifestação com um conjunto de representações e de códigos transmitidos pela prática. Nesse contexto o autor argumenta que, as delimitações da localidade são múltiplas e contingentes. As vizinhanças, o bairro, a cidade ou região urbana constituem pontos de referencia relativamente estáveis, mas, conforme os contextos, estes níveis se definem diferentemente e muitas coisas ou quase nada pode ocorrer ai (BOURDIN, 2001, p.13). Este local de Bourdin na verdade é o lugar nos diversos contextos e escalas.

Nessa perspectiva, o território local é a realidade parcial, um transiente e vago e deve ser definida em termos da ação proposta, que transcende estritos- suas fronteiras geográficas, em vez de uma leitura estática (BOURDIN, 2001). Assim sendo, em uma cidade a vida local sobrepõe e constitui quadros práticos, e a partir desses quadros, é possível identificar áreas-chave para seu exercício e valorizando-as, particularmente, em locais comerciais, de trabalho, de entretenimento ou de cultura.

Desta forma, pode-se entender que é no local onde se impulsiona a vida, brotam raízes e estabelecem-se laços afetivos, se constituem a identidade, a cultura, os costumes, os hábitos, a familiaridade e a comunidade social. Embora o Local e o Global se apresentem em uma

escala oposta e contraditória geograficamente, estas duas dimensões estão cada vez mais conectadas e próximas. Conforme afirma Santos (2006, p. 218) “a localidade se opõe à globalização, mas também se confunde com ela. O mundo, todavia, é nosso estranho”.

No contexto atual em que a fluidez e a simultaneidade caminham juntas e a informação é um elemento central, o lugar apresenta-se tanto como expressão de resistência como de adaptação à ordem global. Nessa lógica, Massey (2005) propõe que o conceito de lugar deve ser progressivo e ilimitado a uma localidade. Assim, as atividades, inter-relações que ligam um lugar e outro é o motor chave para fazer um lugar seguir em frente, ou seja, evoluir.

Em outras palavras, ao visualizar uma localidade específica, deve-se levar em consideração a escala social e a amplitude que afeta a produção de um lugar. As coisas vão além do limite dos limites. A singularidade e as especificidades de um lugar estão no fluxo. À vista disso, o lugar de uma perspectiva é, portanto, nostálgico, regressivo ou mesmo reacionário. Por outro lado, o lugar pode ser compreendido como uma construção social, fundamentado nas relações espaciais diretas, no cotidiano e na articulação entre a cooperação e o conflito conforme discute Massey (2005). Por conseguinte, a identidade de lugar é a construção das relações sociais. Trata-se de uma nova perspectiva que evolui de um modo de olhar para dentro, para o interior, o que reconhece que o lugar assume múltiplas identidades. Este é apenas o pensamento estetizado de lugar abordado por Harvey (2011). Afinal, não é o lugar, mas as pessoas que reivindicam o controle sobre o espaço.

Vive-se em uma cultura complexa e dinâmica, onde as experiências, memórias e histórias não são necessariamente compartilhadas por outros. O local e a paisagem fazem parte da identidade e memória dos indivíduos. Segundo ele, o cenário é repleto de evidências do passado: as sepulturas, os cemitérios, os monumentos, os sítios arqueológicos, os centros religiosos, que dão sentido às nossas vidas (SACK, 1997). Portanto, para autor o comportamento humano é afetado pelas heranças genéticas culturais e pelas experiências e as maneiras pelas quais as pessoas se desenvolvem e são moldadas. Nesta ótica Sack (1997, p. 136) argumenta que,

O número de sociedades pré-modernas e pré-letradas estão comprometidos com a terra; e o lugar que parece ser um. Este acessório é incentivado pelo uso de paisagem. Por necessidade, o lugar deve estar estreitamente ligada à cultura e as distinções entre natureza e cultura, entre os vivos e os mortos. O lugar é muitas vezes habitada pelos espíritos dos antepassados, ou é um dom dos deuses (SACK, 1997, p. 136).

Diante das colocações de Sack, é possível compreender que cada pessoa nasce em um determinado ambiente social, cultural, familiar, seja a comunidade, o país, a classe social e que, por meio destes irão desenvolver muitas conexões sociais. As características do ambiente social afetam o modo como as pessoas aprendem a pensar e a se comportar. Esta configuração espacial inclui a casa, a escola, o bairro, e também, as religiões locais e as constituições de leis.

Dessa forma, além de pertencer ao ambiente social e cultural, as pessoas se unem voluntariamente a grupos baseados em ocupações, crenças ou interesses compartilhados (como sindicatos, partidos políticos ou clubes). Esses grupos impõem expectativas e regras a fim de resguardar suas identidades e influenciam na forma de como as pessoas pensam de si mesmas e como os outros pensam delas. Entretanto, dentro desse universo pode haver muitos grupos, com diferentes subculturas associadas à região, origem étnica ou classe social.

A afirmação do local, regional ou nacional não tem sentido nem eficácia com condenação geral do exógeno: deve ser concebida agora com a capacidade de interagir com as múltiplas ofertas simbólicas internacionais a partir de posições próprias. Nesta época em que a história se move em muitas direções, toda conclusão está atravessada pela incerteza. Conhecimentos mais refinados desembocam em decisões precárias sobre como entrar ou sair da modernidade, onde investir, como investir, como relacionar a cultura com o poder (CANCLINI, 2011).

Entre as faces mais nítidas e formas da globalização, encontram-se a tecnologia e o meio informacional que rápida ou instantaneamente, chegam a qualquer ponto do planeta, trazendo mudanças também ao local e lugar. Estas influências também chegam aos assentamentos rurais criando novos territórios. Neste sentido, Fernandez e Almeida (2010, p. 152) complementa que:

encontramos identidades inseridas num mundo conectado e aproximado por redes técnicas cada vez mais aceleradas, pelas formas de difusão de informação que inserem os lugares e identidades no que se denomina global, aproximando e proporcionado o encontro, os desencontros, originando, e fazendo emergir novos territórios, novas identidades (e assim, vice-versa) (FERNANDEZ; ALMEIDA, 2010, p. 152).

Num universo onde múltiplas identidades humanas se atravessam e se estabelecem entre espaços transitórios, moveis e efêmeros. A convergência comunicacional faz parte de

uma transformação cultural da sociedade, em que os sujeitos são incentivados a buscar novas informações e fazer conexão entre os meios diversos. Este contexto está incluído na realidade dos assentamentos investigados onde as técnicas de produção capitalista imperam e modificam as paisagens, trazendo e diversos danos sociais e ambientais, com a aplicação de elevadas doses de adubos químicos e agrotóxicos, diminuição da pequena produção rural e consequentemente o êxodo rural e a perda da identidade. Todo esse processo tem a ver com a globalização e os meios de comunicação que projeta e impõem novos padrões e ritmos de vida.

#### **1.4 OS ESTUDOS CULTURAIS E A GEOGRAFIA**

A nova ordem cultural em tempos de acumulação flexível é, no entanto, considerada como uma "normalização" cultural. A era pós-moderna caracteriza-se por qualidades estéticas “efervescentes, instáveis e fugazes” que valoriza a diferença, o efêmero e mercantilização cultural (HARVEY, 1989, p. 156).

Contudo, as reflexões de Harvey são convincentes, as realidades culturais e sociais não podem simplesmente ser analisadas aos mecanismos do mercado capitalistas, essas realidades possuem profundas e sutis raízes culturais, ambientais ou políticas como, por exemplo, é o caso do Brasil e dos assentamentos rurais.

O sociólogo e professor Jamaicano Stuart Hall, é considerado uns dos nomes mais influentes na formação de estudos culturais, mudando a maneira que os cientistas sociais pensam sobre a cultura. Em suas abordagens convida a pensar sobre a globalização como um processo de tendências contraditórias coexistindo a homogeneização e a heterogeneidade. Considerado como um teórico marxista, Hall inclui em seus trabalhos escritos sobre hibridismo, identidade, relações raciais, multiculturalismo e a política da diferença.

Hall (1996) em seu trabalho “O Global, o Local e o Retorno da Etnicidade, ” desenvolve suas ideias sobre a cultura nacional e como a narrativa das culturas nacionais é contada. Nessa perspectiva, define a cultura nacional como "um discurso, uma maneira de construir significados que influenciam e organizam nossas ações e nossa concepção de nós mesmos”. As culturas nacionais criam significados para as nações com as quais podem-se estabelecer certa identidade, incorporando-as tanto do passado como do futuro.

Conforme é proposto por Hall, é preciso que estudemos a cultura popular como um todo, dentro de uma dinâmica de sistemas e não apenas isolar uma parte. Nesse contexto,

Stuart Hall enfatiza a correlação da influência e antagonismo, entre a cultura dominante e da cultura popular. Segundo, Hall, esta tensão possibilita subversão e de oposição, mas também a sua recuperação. Se a cultura popular ajuda a desenvolver discursos contra hegemônico, ele também pode se tornar uma arma a serviço da hegemonia. Em sua obra "A Identidade Cultural da Pós-Modernidade", sobre "Narrando a Nação: Uma Comunidade Imaginada", Hall desenvolve suas ideias sobre a cultura nacional e como a narrativa das culturas nacionais é contada. Assim, o autor definiu a cultura nacional como "um discurso" uma maneira de construir significados que influenciam e organizam nossas ações e nossa concepção de nós mesmos. De acordo com ele, as culturas nacionais criam significados para as nossas nações com as quais podemos nos identificar, incorporando identidades tanto do passado como do futuro. Em meio essa discussão sobre a identidade, o autor expressa sua preocupação com as antigas identidades culturais nacionais que sofreram um declínio e estão sendo comprometidas e deslocadas pelo processo de globalização. Dessa maneira, gerando o nascimento de novas identidades, tornando o indivíduo moderno cada vez mais fragmentado (HALL, 2005). Já Canclini, alerta para um resgate das tarefas propriamente culturais de sua dissolução no mercado ou na política: repensar o real e o possível, distinguir entre a globalização e a modernização coletiva, reconstruir, a partir da sociedade civil e do Estado, um multiculturalismo democrático (CANCLINI, 1999, p.289).

Sobre a questão "A invenção da tradição", Hall afirma que, apesar do pensamento comum, as tradições muitas vezes não são antigas e, de fato, muitas são invenções recentes. As tradições inventadas são "um conjunto de práticas de natureza simbólica, que procuram inculcar certos valores e normas de comportamentos pela repetição que, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado.

Nesse contexto, Hall (1990, p. 110) afirma que o discurso da cultura nacional é uma construção de identidades passadas e futuras, onde,

a identidade, ao contrário do que se pensa, não é tão transparente ou in-problemática. Talvez, em vez de pensar sobre a identidade como um fato consumado, representada pelas práticas culturais emergentes, devemos pensar nisso como um fenômeno mais na "produção", isto é, como um processo eternamente em curso, que nunca será totalmente esgotado, e sempre constituiu dentro, e não fora das representações. Este ponto de vista problematiza a autoridade e autenticidade que a própria noção de identidade cultural traz com ele (HALL, 1990, p. 110).



Numa outra abordagem, especificamente em sua obra “Desconstruindo a ‘Cultura Nacional’: Identidade e Diferença”, Hall (1997) explora ainda mais esta relação entre culturas nacionais e identidades nacionais, referindo-se ao termo de “Nação” a algo moderno e político, bem como um conceito mais antigo de família e comunidade, onde,

as noções de identidade nacional e da cultura nacional, não devem ser consideradas como banco de dados, mas como produções ideológicas que visam absorver as diferenças, sejam elas de classe, gênero, linguística, religiosa ou regional - que compõem a nação, para apresentá-la como “uma entidade homogênea” (HALL, 1997, p. 22).

Cada cultura inclui uma teia diferenciada de padrões e significados: as formas de ganhar a vida, os sistemas de comércio e o governo, os papéis sociais, as religiões, as tradições em roupas e alimentos, as artes, as expectativas de comportamento, as crenças e os valores sobre todas essas atividades.

O processo histórico da "globalização" vem acompanhado por formas de desenraizamento cultural e social que leva a uma introdução progressiva da redescoberta local e o valor da "diversidade". Isto posto, podemos entender que a globalização cultural é um processo complexo com formas muito contraditórias, de expressão que desafia um indicador exclusivo. Desse modo, a cultura está sempre misturada com outras culturas, originado a partir do intercâmbio entre estas, o que caracteriza uma unidade multicultural em constante mutação e transformação. Essa combinação e mistura de diferentes culturas é denominado para alguns estudiosos, sociólogos e antropólogos de “hibridação” que se refere à mistura de diferentes estilos, formas e tradições.

Para Stuart Hall, a “hibridação” é um processo através do qual as culturas devem rever os seus próprios sistemas de referência, normas e valores, separando de suas regras habituais ou transformação inata. É fácil ver a partir da lista de opções fornecidas por Hall, que o impacto da globalização cultural e econômica tem múltiplos efeitos ao mesmo tempo contraditório nos processos de identidade. O efeito geral de globalização é fazer com que a identidade de ambos os povos do indivíduo, mais “posicional, política, sujeita aos caprichos da história, em suma, mais cíclica do que era em contextos pré-modernos e modernos”.

O hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agnóstico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua

indecibilidade (HALL, 2003, p. 74).

Segundo a análise de Hall, a "hibridação" é resultante de uma revisão de cargos e sistemas de referência que implica um processo agnóstico de tradução cultural. Nesse raciocínio, o autor propõe o conceito de luta simbólica dos interesses que desempenham na relação triangular entre os mundos profissionais de trabalho social, os trabalhos culturais e artísticos e as pessoas envolvidas no processo. O conceito de luta simbólica dos interesses qualifica a ideia de tensão na "tradução cultural" entre as três entidades, cujos interesses podem convergir ou divergir depois desta guerra simbólica. Nesse sentido, conforme assinala Hall (2003), as identidades culturais refletem a experiências históricas e códigos culturais compartilhados com estruturas estáveis, imutáveis e contínuas de referência e significado, sob as divisões e vicissitudes cambiantes a nossa história real. A identidade cultural, neste segundo sentido, é uma questão de "Tornar-se", bem como de "ser". Pertence ao futuro tanto quanto o passado. Não é algo que já existe, transcendendo Lugar, tempo, história e cultura. As identidades culturais em algum lugar têm histórias. De acordo com Canclini (1998), a melhor maneira de observar o processo de hibridização envolve trabalho de campo e pesquisas sobre o consumo cultural, onde os produtos híbridos são oferecidos para venda e atender o mercado. Assim, ele atende a realidade da globalização, em que ele tem uma espetacularização total de cultura e uma necessidade hibridismo consequente, mas por trás do impulso do consumo para os quais um modo espontâneo de produção que surgiria híbrido. O hibridismo é visível na cultura e é reforçada no contexto de desempenho, onde há uma convergência de vários e diversos fluxos de produção cultural (CANCLINI, 1998). Entretanto para o autor, o hibridismo cultural, traz consigo a ruptura da ideia de pureza. É uma prática multicultural, possibilitada pelo encontro de diferentes culturas (CANCLINI, 2011, p. 284). Assim, como é proposto por Hall, é necessário que estudemos a cultura popular como um todo, dentro de uma dinâmica de sistemas e não apenas isolar uma parte.

Quero afirmar o contrário que não existe uma 'cultura popular' íntegra, autêntica e autônoma, situada fora o campo de força das relações de poder e de dominação culturais. Em segundo lugar, essa alternativa subestima em muito o poder da inserção cultural. Este é um ponto delicado, pois ao ser apresentado abra-se à acusação de que está apoiando a tese da implantação cultural. O estudo da cultura popular fica se deslocando entre esses dois polos inaceitáveis: de 'autonomia' pura ou do total encapsulamento (HALL, 2003, p. 254).

Sendo assim, se uma única cultura é dominante em uma grande região, seus valores

podem ser promovidos, não apenas pelas famílias e grupos religiosos, mas também, pelas escolas e pelos governos e a sociedade como um todo. Nesse caminho, a globalização tem levado não só para o que alguns argumentam ser uma "americanização" das culturas tradicionais, mas também, contribui para intercâmbios culturais internacionais via migração, turismo e troca de bolsas de estudo.

Muitas sociedades homogêneas foram transformadas em comunidades multiculturais onde pessoas de diferentes origens e etnias culturais viviam juntas. O desenvolvimento das sociedades multiculturais certamente não tem sido isento de problemas, segregação de culturas e, até mesmo, tumultos étnicos, o que de fato ilustra o lado problemático da integração sociocultural em nível local.

Essa lógica tem a ver com o fato de que o mundo se tornou pequeno para a transferência de pessoas, informações e produtos. Mas isso não fez com que a vida das pessoas se tornasse mais simples, pelo contrário, o ritmo aumentou, as opções de estilo de vida têm-se multiplicado.

Nesse sentido, a globalização cultural, pode ser vista de diferentes perspectivas: por um lado, a imposição ou concessão de empréstimos de modelos ocidentais pode significar liberdade e bem-estar; o outro, a importação de elementos pode ser percebida por outras culturas como força ou ameaça à autenticidade.

Nesta ótica, há resistências entre sociólogos, antropólogos e estudiosos sobre a existência de uma cultura global emergente, desenvolvida a partir de uma raiz anglo-saxônica transportada e difundida no mundo todo. No entanto, as mudanças profundas que atravessam o período contemporâneo em nome do progresso e do impacto de compressão entre espaço e tempo sobre os indivíduos, são extremamente significativas, pois movem imensa especulação científica e de muitos estudiosos para o desafio de compreender a dinâmica das relações interculturais na atualidade, bem como as que virão.

#### **1.4.1 Bases da Geografia Cultural**

As questões culturais também são objeto de estudo na Geografia Cultural que tem suas raízes na Antropogeografia de Friedrich Ratzel que estabeleceu o critério de controle ambiental. Na França, um de seus precursores Paul Vidal la Blache (1845-1918), observou

que as técnicas e ferramentas utilizadas pelos homens para explorar o ambiente lhes impregnava um novo conceito tipo de vida, criando assim o conceito gênero ou modo de vida. Nos Estados Unidos por meio da Escola de Berkeley e Carl Sauer (1889-1975), estudava-se a "Paisagem cultural", ou seja, a paisagem perante a ação do homem sobre a natureza. Conforme analisa Sauer, a interação entre a paisagem "natural" e as comunidades humanas cria a "paisagem cultural" estabelecendo Sauer que:

Toda paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens, que constituem um sistema geral. Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes". A paisagem é considerada, portanto em certo sentido, como tendo uma qualidade orgânica. (SAUER, 1998, p. 23).

Essa reflexão, realizada por Carl Sauer, constituiu assim um dos pilares para o estabelecimento e discussão em torno das culturas na Geografia, sendo que a partir de então a paisagem é referenciada não mais apenas como uma cena contemplada por um observador, mas da percepção de diversas cenas individuais. Constata-se que toda paisagem possui individualidade e ao investigador, permite os estudos culturais da paisagem. Todavia, esses pesquisadores estavam particularmente interessados em compreender como o homem se adaptava aos ambientes, mas especialmente, como as pessoas moldavam a paisagem através da agricultura, da engenharia e da construção.

A abordagem crítica anglo-saxão de Denis Cosgrove (1984), propõem uma renovação reconstruindo conceitos e temas que contribuíram para o desenvolvimento da Geografia Cultural. Cosgrove destaca em suas obras a interação dinâmica entre as diversas paisagens materiais do mundo e modos igualmente diversos de imaginá-los e explorá-los. Ao contrário de Carl Sauer, Cosgrove visualiza e conceitua a paisagem de forma mais sistêmica, num olhar mais holístico, não se prendendo apenas com aspectos morfológicos estabelecendo Cosgrove (1993, p.8) que:

A paisagem pode ser vista como uma síntese pictórica externa, que representa as relações entre vida humana e natureza, constituindo-se em "poderoso meio através dos quais sentimentos, ideias e valores são expressos" e simultaneamente modela esses mesmos sentimentos, ideias e valores (Cosgrove, 1993, p. 8).

É nessa perspectiva que Cosgrove realça a experiência que se pode ter da paisagem, permitindo a criação de significados, interpretando as como mapa, teatro, espetáculo ou texto. Nessa construção de pensamento, Cosgrove tornou-se referência básica na geografia cultural e na geografia histórica.

Desse modo, o estudo da relação entre cultura e lugar, em termos gerais, examina os valores culturais, as práticas, as expressões e os artefatos discursivos e materiais das pessoas, a diversidade cultural e a pluralidade da sociedade, e como as culturas são distribuídas pelo espaço e como os lugares e as identidades são produzidos. Neste sentido contribui Claval (2007, p. 315), afirmando que,

a paisagem é na imensa maioria dos casos um produto não planejado da atividade humana. Nenhuma concepção estética global presidiu a sua elaboração; a preocupação da beleza só pode se exprimir na escala das edificações, dos jardins ou dos parques, mas só em alguns casos é aparente (CLAVAL, 2007, p. 315).

Nessa perspectiva, Claval (2007) observa que a natureza, a sociedade e o homem deixaram de ser analisados apenas como realidade objetiva diretamente acessível, dessa forma, não podendo mais ser examinados somente pelo viés positivista, mas, pela forma que os seres humanos se sentem em viver no seu ambiente natural e social, em suma, através de suas culturas, tentando compreendê-los.

A ação humana é moldada por códigos e representações que os indivíduos apreendem durante a infância ou abstraem de sua experiência, onde o indivíduo não é só moldado pela cultura, mas também, pela sua experiência social e concreta que integra conteúdos culturais. Entretanto, deve-se analisar a cultura como sendo um mediador entre os homens e a natureza. O meio em que o homem vive é também artificial e sofre constantes transformações para nele poder habitar, circular, produzir alimentos, entre outros. Por isso, afirma Claval (2007, p. 63) que, “a cultura está em constante mudança, recebendo várias influências a partir do que ocorre no seu interior, e transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio”.

A Geografia Cultural apresenta a necessidade de recorrer à imaginação, por meio do conhecimento direto dos fatos registrados, e, ao lado da cultura material (comer, vestir, viver, trabalhar), o modo como as pessoas pensam, a sua filosofia de vida, e os valores que atribuem. O pensamento vai além do raciocínio lógico objetivo, valorizando o subjetivismo e

legitimando a imaginação e o mecanismo cognitivo como ferramenta fundamental para o conhecimento científico. Assim sendo, a ciência dos movimentos externos a partir do sistema sensorial (visão, tato, audição, olfato, paladar), é analisado durante o processo de conexão entre os diferentes fenômenos percebidos, conforme discute Claval (2002, p. 141),

mas a maior parte daquilo que os homens se transmitem passa por signos, sinais e mensagens expressas num código recebido por eles  $\rightarrow$  isto é, numa linguagem natural ou artificial. Portanto a cultura é o conjunto de representações sobre os quais repousa a transmissão (CLAVAL, 2002. p. 141).

Todavia, esta lógica cultural local é a base da identidade a partir do qual os indivíduos podem explorar por meio da mídia, o turismo ou a migração temporária centenas de outras culturas híbridas no mundo e assimilar algo de cada um deles. Assim sendo, a atual situação cultural não se caracteriza apenas pela constante mudança modas culturais, mas também formas mais frequentemente e emergentes da cultura e estilos culturais em contraste. Hoje, percebe-se uma valorização da cultura local, de um resgate cultural como forma de estabelecer referência e identidade. Há quem diga que ela reivindica e está perto de conquistar seu status. Todavia, é possível ver evidências dessa tendência no despertar de uma nova consciência e nacionalismo, nas formas padronizadas de produção (incluindo técnicas, procedimentos, gostos), com a redescoberta dos valores típicos de 'lugar'. Assim, podemos entender essa nova tendência como um mecanismo de recuperação étnica na tentativa de reestabelecer definições fortes do que constitui uma cultura. Entretanto, a maneira como pensamos sobre o lugar e a cultura, é essencial. As suposições que fazemos sobre a identidade e significado de lugares, culturas e a relação entre ambos, também é essencial. Portanto, a diversidade enriquece nossas vidas, porém, as culturas podem obter mais riqueza com a sua própria integridade.

No final do século XIX, a Geografia Cultural procurou compreender as práticas culturais, as organizações sociais e os conhecimentos indígenas, no entanto, deu ênfase às conexões e ao uso do lugar e da natureza das pessoas. Hoje, a Geografia Cultural contribui com a comparação e o contraste de diferentes culturas ao redor do mundo e sua relação com os ambientes naturais e, principalmente, com as repercussões das mudanças sociais e técnicas rápidas no indivíduo e sociedade.

Nos últimos vinte anos, período que inclui a transição entre o século XX e XXI, em

nível internacional, evidenciou-se um momento de redescoberta e renovação da Geografia Cultural, tanto na sua perspectiva teórica como na metodológica. Assim, os novos eventos relacionados com a globalização, trouxeram com eles o triunfo da sociedade de consumo (a propaganda, o culto das marcas, a hegemonia dos meios de comunicação, os simulacros e a realidade virtual, etc.). Assim, este rico ramo da Geografia necessita renovar-se contribuindo para a compreensão dos ricos processos implicados no fenômeno de aculturação, enraizamento, pertencimento do homem em novos territórios, locais e lugares.

#### **1.4.2 Geografia Cultural no Brasil**

A geografia brasileira de cunho acadêmico nasce em 1934 com a criação do departamento de geografia (e história) na Universidade de São Paulo. Em 1936 aparece na cidade do Rio de Janeiro o segundo curso, na atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1993, Zeny Rosendahl cria no Rio de Janeiro, um laboratório NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura) tornando-se um centro de produção e difusão no Brasil da Geografia Cultural. Suas pesquisas enfatizavam as relações entre espaço e religião, espaço e simbolismo e cultura popular onde esclarece Rosendahl e Corrêa (1999, p. 8-9) que:

A importância do estudo de caráter cultural advém do fato que o espaço social está carregado de uma noção subjetiva e cultural e, estes o influenciam de forma preponderante. Portanto, analisar determinados aspectos geográficos apenas no âmbito econômico e político esvazia a averiguação a ser feita, conforme exposto por Rosendahl e Corrêa (1999, p. 8-9).

Para Rosendahl, a religião enquanto um fato social torna-se inteligível, e de grande interesse social. A Geografia e Religião, supostamente temas distintos, são em primeiro lugar duas práticas sociais, a geografia na análise do espaço e a religião como fenômeno cultural, ocorre espacialmente (ROSENDAHL, 2002).

O Núcleo de Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com sua rede de pesquisadores de diversas instituições de ensino, publica revistas, livros e promovem eventos científicos. Fazem parte de seu conselho consultivo entre outros, Marvin Mikesell, Denis Cosgrove, Paul Claval, representantes, respectivamente, da perspectiva saueriana, da denominada nova geografia cultural e da visão francesa em

geografia cultural. O teólogo Leonardo Boff (Teologia da Libertação) também é membro desse Conselho. Ao final de 2003 quinze números foram publicados destaca Corrêa e Rosendahl 2005. A instituição da USP também contribui para o desenvolvimento da Geografia Cultural no Brasil.

As contribuições teóricas sobre globalização, cultura, identidade do lugar e Geografia Cultural trazidas até aqui, são importantes para qualquer análise do lugar, onde pessoas, objetos e ambiente se sujeitam às regras postas pelo ritmo atual da civilização. Qualquer estudo sobre identidade do lugar e território em qualquer escala, como por exemplo, os assentamentos rurais estudados nesta pesquisa, necessitam incluir estas teorias.



## **CAPITULO II- ASSENTAMENTOS RURAIS E CONCEITOS GEOGRÁFICOS APLICADOS AO ESTUDO DO LUGAR**

A pesquisa bibliográfica, visitas para conhecimento inicial dos assentamentos e moradores e diálogos diversos indicaram um conjunto de conceitos, teorias e ideias de diversos autores da Geografia e outros, que serão importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Discutir e analisar a identidade do lugar em assentamentos rurais, que é o propósito principal da pesquisa requer conhecer pontos teóricos-chave de território, estudos de percepção e, lugar e conceitos correlatos. Inicia-se esta discussão teórica com assentamentos rurais, pois estes constituem o palco maior da pesquisa.

### **2.1 ASSENTAMENTOS RURAIS**

Podemos conceituar o assentamento rural como uma unidade de produção agrícola familiar onde Bergamasco e Norder explica que:

Pode ser definido como a criação de novas unidades de produção agrícola, por meio de políticas governamentais, visando o reordenamento do uso da terra; ou a busca de novos padrões sociais na organização do processo de produção agrícola: (a) projetos de colonização; (b) reassentamento de populações atingidas por barragens; (c) planos estaduais de valorização das terras públicas e de regularização possessória; (d) programas de reforma agrária; e (e) criação de reservas extrativistas. (BERGAMASCO e NORDER, 1996, p. 880).

Nesse contexto, o assentamento rural é um modelo econômico e social onde os trabalhadores rurais desenvolvem atividades da produção agrícola familiar. Os assentamentos são constituídos por meio de desapropriação de determinado latifúndio improdutivo e emissão de posse da terra pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), órgão responsável pela formulação e execução da política fundiária nacional.

Com a adoção de técnicas modernas e sistema de produção capitalista a agricultura familiar tende a passar por um processo de descaracterização de seus processos produtivos e organização social, influenciando em sua desterritorialização, reativando novas territorialidades. O processo da modernização agrícola provocou mudanças significativas na produção agrícola, implicando também, na forma de produção, organização e na vida de

pequenos agricultores familiares (GAIOVICZ, 2011).

A dinâmica dos assentamentos, com todas as limitações impostas, permite gerar novas estruturas e novos personagens da produção familiar rural. Os assentamentos rurais trazem no seu horizonte algumas alternativas econômicas e sociais para parte significativa de trabalhadores brasileiros, que se encontram marginalizados e excluídos do processo de produção vigente e, que conformam a questão agrária brasileira.

Ao longo dos anos, os assentamentos aparecem como a consagração da luta (conquista de um objetivo – a terra), que logo se desdobram em novas perspectivas de produção, de renda, de moradia e de condições dignas de vida e de trabalho. Pode-se especular o assentamento enquanto ponto de chegada, ou seja, o acesso à terra permitindo a integração social. Mas também é possível abordá-lo como ponto de partida, ou seja, situação onde os assentados se tornam novos sujeitos na produção familiar. É a partir desse território que emergem diversas relações e diálogos constituídos entre os assentados e os vários sujeitos sociais envolvidos no processo de luta pela terra.

Sauer (1998, p. 87) salienta que “há uma conexão direta entre a agricultura de base familiar e a reforma agrária, ou, dito de outra forma, o acesso à terra transforma as famílias assentadas em um segmento de agricultores familiares”. Isso mostra que o tamanho dos lotes distribuídos em assentamento rural e a formação política dos movimentos sociais (especialmente MST), potencializam este espaço-território e espaço-lugar para uma agricultura mais ecológica e que se preocupa com a saúde do ambiente e das pessoas.

Do ponto de vista de ajuste ao ambiente do seu entorno, a organização da sociabilidade do assentamento apresenta característica semelhante ao do bairro rural, descrito na obra de Antônio Cândido. Segundo o autor, ainda, a estrutura de vizinhança e a posse da terra compreenderam uma função de relativa estabilidade na vida do caipira. Nesse mesmo contexto, o assentamento está conformando no universo rural como um novo processo de convívio, onde se trata a recriação de condições básicas e de ajuste social para a sobrevivência e a estabilidade da produção familiar. Portanto, há que se considerar o assentamento como uma comunidade em formação, onde se tinha o vazio com o latifúndio, passa-se a ter vida, isto é, o convívio social e produtivo (CANDIDO, 1971).

Essas áreas estão voltadas para a ocupação e o uso para fins agrícolas, agropecuários e agroextrativistas em que grupo de famílias trabalhadoras é organizado sob a forma de lotes individuais e, em alguns casos, de áreas de uso e propriedade comuns, caracterizado como

cooperativas (MEDEIROS; LEITE, 1999).

Atualmente vê-se também que os assentamentos são refúgios para famílias rurais e desfavorecidas pela estrutura fundiária do país e acabam recorrendo às disputas territoriais contra os modos capitalistas de produção, por não terem condições econômicas de acompanhar os processos de modernização e expansão agrícola capitalista.

Assim, os assentamentos não se constituem como uma simples concessão de terra a camponeses com pouca ou sem-terra, mas sim, como território que permite o desenvolvimento de relações de vida, produção e organização social diferentes das impostas pelo modo agrícola capitalista (COCA, 2013).

Este modelo de organização do espaço desempenha papel fundamental no espaço rural brasileiro, frente ao modo dominante dos latifúndios que desfavorece a justiça e o desenvolvimento social no meio rural. Os assentamentos apresentam uma gestão inovadora dos territórios rurais, a partir de suas organizações sociais, mobilizações e participação econômica, podendo levar, ainda, mais famílias assentadas a terem autonomia e liberdade na busca de melhores condições de vida e desenvolvimento rural (FERRANTE, 2012).

O assentamento tem grande contribuição social e econômica, podendo gerar emprego, a diminuição do êxodo rural, o aumento na oferta de alimentos, o abastecimento do mercado interno, a garantia de moradia e a elevação dos níveis de renda familiar, com consequentes melhorias na qualidade de vida dos assentados (FERRANTE, 2012).

Há uma grande pressão produção agrícola como inviável para os padrões produtivos modernos (MEDEIROS; JUNIOR, 2005). Para isso, a Percepção Socioambiental nesse processo contribuirá possibilitando uma relação harmônica do ponto de vista do indivíduo ou da coletividade com os elementos exteriores, naturais, as necessidades econômicas ou os interesses político-sociais.

A percepção socioambiental e o engajamento do cidadão em relação à relevância dos elementos naturais e aos problemas ambientais locais representam um avanço para a comunidade assentada e sociedade. Uma das funções da percepção socioambiental é a partir de seus conceitos e relações com o meio, contribuir na formação de cidadãos conscientes, preparados para a tomada de decisões e atuando na realidade socioambiental, no comprometimento com a vida, o bem-estar de cada um e da sociedade, tanto em nível global como local.

Os processos de produção econômica, social e cultural, estão relacionados com a

própria organização social, onde os assentamentos rurais representam as formas de organização social, ligadas a modificações no espaço, resultantes de um modo de ocupação diferenciada dos diversos espaços rurais.

## 2.2 TERRITÓRIO

O território juntamente com a paisagem, o lugar, a região e o espaço é um dos principais focos de estudo da Geografia. A aplicação desse conceito na atualidade é bem diferenciada, pois não só os seus contextos mudaram, como a própria ciência buscou outros paradigmas e métodos e, conseqüentemente, novos desafios.

O território surge nos avanços da proposta de Ratzel (1990) que, além de trazer o debate territorial para a Geografia, coloca-o como necessário para a reprodução da sociedade e do Estado. O autor motiva a análise geográfica nos pressupostos metodológicos, filosóficos e positivistas de observação, descrição, classificação e comparação, compreendendo a Geografia como uma ciência comparada. Neste contexto, se percebe a relevância do conceito na análise espacial e no ambiente.

Gottmann (1973) define o conceito de território dentro da perspectiva de organização política. A partir daí os conceitos de soberania e Estado são incorporados como instituição onde existe autoridade e o exercício da soberania que mantém relações externas. Em outra interpretação o autor configura os significados do território ligados ao progresso tecnológico, ao incremento da mobilidade populacional e à soberania no contexto do direito internacional. Assim o conceito de território não pode ser classificado como físico ou fenômeno inanimado, mas como uma área onde há um elemento de centralidade, que pode ser uma autoridade exercendo soberania sobre as pessoas ou o uso de um lugar. Este sentido de território privilegia a ação de controle e soberania.

Por sua vez, Andrade (1995) analisa que o território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Deste modo, o território está associado à ideia de poder, de controle, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas.

Na visão de Haesbaert (2001), o território contempla uma dimensão simbólica e material, a partir da concepção de espaço como um híbrido entre a sociedade e a natureza,

entre a política, a economia, a cultura e entre a materialidade e a idealidade. Conforme o autor, é preciso conceber as multiterritorialidades na constituição do território, já que ele é alvo ao mesmo tempo de apropriação, vinculada ao simbólico e dominação que está relacionada ao campo material.

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. O uso econômico é elemento definidor por excelência do território. Dessa forma, o território usado constitui-se como um todo complexo, onde tece uma trama de relações estabelecidas entre o lugar, formação socioespacial e o mundo. (SANTOS, 2007).

No entanto, o conceito de território evoluiu na história do pensamento geográfico, em suas diversas concepções. Dessa forma, pode-se conferir que o conceito corresponde não só a ideia de espaço geográfico socializado, dominado e controlado, mas também, pelos significados e identidades. Entretanto, Haesbaert (1999) esclarece que nem toda identidade tem no território um dos fundamentos de sua construção, trata-se, porém, de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais da estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto no concreto. Assim, a identidade social é também uma identidade territorial, quando o indicativo simbólico essencial para a construção dessa identidade parte do ou transpassa o território.

Nessa perspectiva, a identidade está em um estágio de refinamento de seus conceitos básicos e busca uma abordagem holística na compreensão de sua essência. Uma discussão sobre este assunto é conduzida pela Geografa Maria Geralda de Almeida onde afirma e que:

O conceito de Território Indentário é resultado da “valorização e da apropriação do espaço” pelos grupos sociais, podendo ainda ser entendido como um “local de vivência e confrontação das manifestações” de diversos grupos. (ALMEIDA, 2005, p. 338).

Para a autora, são identidades que nascem diante de novas questões territoriais, novas formas de organização e de reivindicação diante de desastres, guerras, conflitos, ou pelo controle violento das fronteiras. Tal conceito além de estar presente na esfera acadêmica, também tem destaque utilidade na esfera governamental na elaboração e estabelecimento de políticas pública mediante a definição e a delimitação de territórios culturais ou territórios de identidade. Dessa forma, o território pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas, desde

uma paisagem do espaço cotidiano, “vivido”, que simboliza uma comunidade, até um corte geográfico mais amplo e, em tese, mais abstrato, como o do Estado-nação. Mas falar de conflito, a luta, o controle retorna diretamente para uma definição geopolítica.

O desenvolvimento deve estar baseado não somente em aspectos econômicos, mas em questões, sociais, naturais, culturais e econômicas, assim como ratifica Gaiovicz (2011) que, “pensar o desenvolvimento socioeconômico é pensar em desenvolvimento territorial”.

Atualmente, o território está no cerne das preocupações política, econômica, social, cultural e ambiental, porque o território cada vez mais tem significado de poder e está no alvo dos interesses dos grandes capitalistas e latifundiários parametrizando as suas relações de domínio.

No caso de pequenas comunidades regionais (aldeias e assentamentos rurais de uma cidade com o seu entorno) o território tem a ver com a organização e a racionalização do espaço, sendo um constructo das relações de poder, podendo ser utilizado pela governança, pelas ações institucionalizadas, políticas social de uma dada cultura como aponta (FERNANDEZ e ALMEIDA, 2010). Entretanto, considera-se o conceito de território abordado nesta pesquisa por serem os assentamentos território de posse de terra e ocupação para fins agrícolas. Os assentamentos são territórios delimitados que permitem o desenvolvimento de relação de vida e de trabalho. O conceito de lugar justifica-se pela importância das relações dos assentados para com o lugar na formação da identidade, e por serem o lugar dos laços afetivos, das experiências. Já a percepção é o meio de estudo para com essas famílias assentadas.

### **2.3 OS ESTUDOS DE PERCEPÇÃO**

O alemão Hermann von Helmholtz (1821-1894), propôs a teoria empirista, em que a percepção surge com base nas inferências que inconscientemente fazemos sobre o mundo à nossa volta. Elas são contrastadas com informações que o organismo colhe do ambiente, ou seja, os estímulos que recebemos são reconstruídos ativamente pelo nosso sistema nervoso.

A teoria de Gestalt surge no início do século XX em oposição aos estudos da percepção sob a análise atomista, cuja percepção de uma imagem ou objeto é dada pelas partes componentes, e posteriormente por associação. Isto é, procurava o conjunto a partir de

seus elementos. Posto isto, a escola de Gestalt se opõem e discute que não se pode ter conhecimento de um todo por meio das partes, e sim das partes por meio de um todo. De acordo com a teoria Gestalt, somente por meio da percepção da totalidade é que a razão pode decodificar e assimilar uma imagem ou um conceito. Dessa forma, entende que comportamento humano deveria ser estudado nos seus aspectos mais globais, levando em consideração as condições que alteram a percepção do estímulo. A percepção em torno do meio ambiente e estímulos que temos, varia de acordo com o estado individual de mente e a situação no tempo determinado.

Husserl (2008) busca o ponto de contato entre a mente e o real, a superação de realismo e idealismo. Já Merleau-Ponty analisa o estudo das essências, e de todos os problemas, voltado para definir a essência: a essência da percepção, a essência da consciência. Segundo Husserl, estamos em uma superfície de contato com o mundo ou enraizamento perpétuo. Nesse sentido, todo o conhecimento se instala nos horizontes abertos pela percepção.

Nessa construção de pensamento, a percepção é definida como um processo seletivo de apreensão. Destaca-se o fato de que cada percepção tende a ser seletiva, criativa, fugaz, generalizada e estereotipada. Cada visão do mundo é única, pois cada pessoa habita, escolhe e reage ao meio de diferentes maneiras, influenciadas pelos seus sentimentos, visões particulares, e, sobretudo, contemplando paisagens com suas imagens particulares, o que Tuan (1980) expressa como “um estender-se para o mundo processo de definir e configurar do mesmo.

Nas palavras de Leonardo Boff (1999) “todo ponto de vista é a vista de um ponto”. Para compreender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão do mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Quando o autor menciona o “campo social”, isso tem a ver com a história de vida, experiências sociais, individuais e psicológica, cultura, a religião e a tradição onde estamos imersos. O teólogo e escritor Leonardo Boff (1999), tece uma crítica poderosa, de ângulo holístico, ao realismo materialista, a filosofia que sustenta o cientificismo tecnicista atual. Segundo Boff, a humanidade estaria cega à dimensão divina

que a guiou desde tempos imemoriais.

De acordo com o trabalho de Tuan (1980), existem diversas maneiras de perceber as paisagens, de se construir a realidade por meio de experiências únicas. Ao entrar em contato com o meio ambiente, as pessoas fazem uso dos cinco sentidos em um processo associado com os mecanismos cognitivos, ou seja, cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente frente às ações sobre o meio. As respostas ou manifestações são, portanto, resultado das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo

Dessa maneira, entende-se a percepção como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos, conforme estabelece Del Rio (1999, p. 3) discutindo que:

[...] como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos. Os primeiros são dirigidos pelos estímulos externos, captados através dos cinco sentidos, onde a visão é a que mais se destaca. Os segundos são aqueles que compreendem a contribuição da inteligência, uma vez admitindo-se que a mente não funciona apenas a partir dos sentidos e nem recebe essas sensações passivamente; existem contribuições ativas dos sujeitos ao processo perceptivo desde a motivação a decisão e conduta (DEL RIO, 1999, p. 3).

Conforme analisa Livia Oliveira (2004), a percepção ambiental constitui uma visão holística, como um todo: natureza/sociedade. Dessa forma, o lugar analisado por meio dos sentidos orgânicos, cognitivos, afetivos e simbólicos, está sendo encarado mediante diversos olhares nas pesquisas atuais, e inúmeras contribuições fazem coro à interpretação da experiência humana e sua complexidade. Nesse contexto, Oliveira (2002, p. 47) discute que:

A percepção para a ciência geográfica ressalta o estudo das paisagens e do espaço vivido pelo homem, pois a questão do espaço vivenciado em sua percepção tornou-se um elemento tanto de qualidade de vida percebida ou não, como de aceitação imposta pela questão da sobrevivência neste espaço, ou seja, seu meio ambiente. Logo, “assim como variam as percepções e as imagens mentais a respeito da qualidade ambiental, também variam as atitudes e os valores atribuídos ao meio ambiente” (OLIVEIRA, 2002, p. 47).

Torna-se, desse modo, essencial que se desenvolva maior compreensão das inter-



relações entre o homem e o meio ambiente a partir das suas expectativas, julgamentos e condutas com relação tanto às paisagens naturais como também às construídas, fazendo emergir a qualidade de vida das populações e a satisfação do indivíduo com o seu meio ambiente. Nesse sentido, a percepção ambiental contribuirá na construção de uma sociedade e um ambiente justo, preservando a natureza e respeitando os limites dos recursos naturais, possibilitando uma relação harmônica do ponto de vista do indivíduo ou da coletividade com os elementos exteriores, sejam elementos naturais, necessidades econômicas ou interesses político-sociais.

O geógrafo José Adolfo Iriam Sturza, aplicou estudos de percepção sob a ótica do conceito lugar com 80 moradores urbanos de Rondonópolis, em Mato Grosso e concluiu que 80% deles não estavam satisfeitos com o lugar. Conforme argumenta Sturza (2005), a identidade do lugar em Rondonópolis é tênue e está presente em raros tipos de interações entre seus moradores e o meio ambiente. O solapamento do lugar está vinculado, em grande parte, ao processo de topocídio, isto é, a destruição do Cerrado para a expansão do espaço produtivo onde Sturza (2005, p. 152) afirma que:

A paisagem do Cerrado, local e suporte primeiro para a identidade do lugar em Rondonópolis, vem desaparecendo lentamente da vida das pessoas, evidência da presente falta de conhecimento sobre ele e da falta de vínculos topofílicos, caracterizando também um topocídio cultural. O Cerrado já desapareceu completamente da vida deles (STURZA, 2005, p. 152).

Dessa forma, é essencial que se desenvolva uma maior compreensão das inter-relações entre o homem e o meio ambiente a partir das suas expectativas, julgamentos e condutas com relação tanto às paisagens naturais como também às construídas; faz emergir a qualidade de vida das populações, e a satisfação do indivíduo com o seu meio ambiente. Para isso, é necessário conhecer mais a natureza humana e os processos envolvidos nas interações entre o ambiente (no caso da pesquisa o assentamento rural) e o homem.

## **2.4 O LUGAR**

O conceito de lugar tem uma riqueza de abordagens e aspectos presentes na literatura geográfica e outras. Salientamos a seguir, autores e ideias diversas com relação a este

conceito que é o mais importante da pesquisa.

No atual cenário vivencia-se a era da simultaneidade, da justaposição, do perto e de longe, do lado a lado e do disperso. No entanto, a questão do espaço ser-no-mundo teve pouca reflexão ao longo dos tempos. De acordo com Heidegger (2003), a relação entre espaço e lugar, ainda é considerada ingênua e insuficiente, compreendida enquanto crenças conservadoras ou posições reacionárias, como o reconhecimento em si de atitudes "tribais" e políticas de práticas de exclusão.

Manuel Castells (1999) definiu nossa era do "espaço de fluxos", que assumiria o antigo "era do espaço de lugares", mas ele também observou que, em paralelo ao primeiro, que é a lógica dominante inscrito na estrutura social e econômica. Existe também uma lógica cultural centrada na primazia da experiência, o que favorece, pelo contrário, a relação com o espaço circundante, com o espaço localizado.

Nesse processo, as discussões teóricas metodológicas sobre o lugar dentro da geografia tradicional, foram estabelecidas conforme as particularidades naturais e culturais de uma determinada área. Isto posto, o lugar era associado à dimensão de localização e à individualidade das parcelas do espaço. Em uma escala de análise, designava-se apenas a uma porção mais ou menos definida do espaço. Na Geografia Crítica, o conceito de lugar foi construído por meio de questões políticas e econômicas, sendo analisado pelo viés das classes sociais. Neste universo, autores como Carlos (1996, 2001), Harvey (1996) e Santos (1994, 2004) são alguns expoentes que abordam o lugar a partir do materialismo histórico e dialético.

Para Santos (1994), o lugar abarca uma permanente mudança, decorrente da própria lógica da sociedade e das inovações técnicas que estão sempre transformando o espaço geográfico. A compreensão do lugar no movimento das contradições exige entendê-lo pautado nos seus pares dialéticos: o interno e o externo; o novo e o velho; o local e o global. Nesse sentido, existe uma interrelação dinâmica entre as escalas: local, regional, nacional e global, pois de acordo com Santos (2002, p. 158),

o lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente (...). Assim, cada lugar se define tanto por sua existência corpórea, quanto por sua existência relacional (SANTOS, 2002, p. 158).

Com a extensão das relações capitalistas de produção, não é mais possível estudar o

lugar sem uma preocupação efetiva com suas conexões com o global através das redes e fluxos. Por isso, mesmo com a globalização, as especificidades do lugar não desaparecem, mas sim, conseguem coexistir, contraditoriamente à tendência de homogeneização imposta pelo capital internacional.

Numa abordagem da Geografia Cultural, o conceito de lugar teve sua aceção dentro dos fundamentos de observação do fator em suas relações (espaço vivido), bem como considerando-se que a Geografia estava "além da ciência", isto é, que extrapolava os métodos de pesquisa científica impostos pelo positivismo.

Nesse processo evolutivo, o conceito de lugar foi se sofisticando ao longo das décadas, especialmente pelas contribuições de autores como Yi-Fu Tuan que vincula a ideia de lugar à corrente filosófica da fenomenologia. E, dentro da Geografia Humanística ou Humanista, o lugar é compreendido como o espaço vivido. É onde a vida se realiza, carregado de afetividade e significado. A perspectiva humanística é desenvolvida sobre as bases teóricas da fenomenologia. Contudo, essa corrente filosófica aborda os fatos como únicos, partindo da compreensão do ser sobre a realidade, e não, da realidade em si, tida como inatingível. Dentro dessa análise, são acrescentadas à percepção, os significados, as características e heranças culturais dos indivíduos.

Para Holzer (1997), a identidade do lugar tem relação com o seu espírito, cujo enraizamento e o sentimento de familiaridade dependem das qualidades físicas e das mudanças que as gerações humanas lhe atribuem. A localização física estática, as atividades, os significados e o espírito do lugar compõem a sua identidade e, "quanto mais profundamente se está dentro de um lugar mais forte a identidade com ele" (FERREIRA, 2002, p. 48).

Para Massey (2005), o lugar tem um caráter elusivo, pois trabalha com escalas espaço-temporais diferenciadas, além de ser um mosaico de estórias. Conforme a autora, o lugar é transgredido constantemente por meio das interações de espaço e tempo, como eventualidades espaço-temporais.

Assim, pode-se dizer que "fazer lugares", muitas vezes, baseados em interpretações conflitantes, usando imagens, narrativas e representações, norteará certa construção de sentido. Neste sentido, a representação e definição do lugar podem resultar em conflitos sobre a sua natureza material, que podem estar entre as diferentes interpretações da identidade local, onde também se estabelece a dinâmica das relações de poder que se encontram, se cruzam e

se chocam; um certo "sentido de lugar" pode ser dado, predominantemente, ao ponto de obscurecer os outros modos, embora presente, a leitura do mesmo lugar.

Nesse panorama, o lugar se configura como espaço aberto (no sentido global de lugar) e se amplia enquanto categoria de leitura espacial, ou seja, a compreensão de lugar articulada por meio das noções de processo, interconexão e diversidade (MASSEY, 1994). Lugares são, assim, entendidos como estruturas dinâmicas que permitem a interação entre o humano e o meio ambiente e, são determinados na e através da interatividade, ao mesmo tempo em que eles também participam disso. No entanto, nota-se a sua revalorização enquanto categoria de leitura do espaço e suas relações com o global, conforme discute Massey (2000, p. 183) que,

lugares não possuem uma única identidade, eles estão cheios de conflitos internos. A especificidade de um lugar deriva do fato de que cada lugar é o foco de uma mistura distinta de relações sociais externas e locais. Essa mistura num lugar produz efeitos que não ocorreriam de outra forma. Todas essas relações se interagem com a ajuda da história acumulada do lugar, produto de camadas sobre camadas de diferentes conjuntos de elos e vínculos locais e com o mundo exterior (MASSEY, 2000, p. 183).

Nesta perspectiva, conforme discute Carlos (2007), o lugar é o alicerce onde se projeta a vida a partir da tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Segundo a autora, as trajetórias realizadas pelos habitantes conectam o lugar de domicílio aos lugares de lazer, de comunicação, mas o admirável é que essas intervenções espaciais são estabelecidas de acordo com as propriedades do tempo vivido, onde Carlos (2007, p. 18) revela que,

são as relações que criam o sentido dos 'lugares' [...]. Isto porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso (CARLOS, 2007, p.18).

A identidade do lugar desenvolve o atributo de pertencimento e relação íntima com o espaço e, conseqüentemente, conduz a uma reflexão sobre a relação com o ambiente. Por isso, pode-se considerar o lugar onde os indivíduos estão enraizados, onde podem construir ligações e encontrar vestígios de suas histórias.

A relação entre as pessoas e os lugares e, o papel que eles têm no processo de formação da identidade individual e coletiva, é um tema de interesse não só da geografia, mas também, em outras disciplinas como, por exemplo, no campo da Psicologia ambiental, um

ramo da Psicologia social que estuda as relações entre o comportamento humano e meio ambiente.

O abarcamento do conceito lugar, bem como vários outros conceitos-chaves na ciência geográfica, é complexo e traz distintas definições em torno de suas interpretações e análises. A Geografia não pode ser vista como uma disciplina científica nos moldes do positivismo, pois se refere à inserção do homem-no-mundo, de modo que não pode lidar apenas com aspectos objetivos ligados a um espaço geometrizado. Nesta perspectiva, o lugar é onde a relação homem-terra está mais próxima. Em sua obra “O Homem e a Terra”, Dardel (1990, p. 19), trabalha o conceito de lugar como fundamento para a construção de todas as relações temporais e espaciais do ser-no-mundo. Assim sendo, pressupõe um campo de estudos próprios que se refere à existência humana na Terra, a partir de um objeto fenomenologicamente determinado. Nesse aspecto, é essencial o elemento da geograficidade, definida como uma Geografia vivida em ato, a partir da exploração do mundo e das ligações de cada homem com o lugar. Nesse contexto, o lugar e o homem são articulados mutuamente, pois o lugar envolveu a identidade da pessoa que define e estabelece seu ambiente. Esta relação de proximidade permite a metáfora de enraizamento e implica uma dimensão temporal. Dessa maneira, o lugar é, no longo prazo, memória e tempo cristalizado, sendo que “a geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo o conteúdo, disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, um modelado, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste” (DARDEL, 1990, p. 2).

Para Holzer (1977), o conceito de lugar é fundamental para o que ele define sobre a Geografia Fenomenológica, pois irá propiciar a este ramo do conhecimento a possibilidade de voltar-se para sua essência, que é o estudo do espaço geográfico. Já para Tuan (1983), um dos maiores teóricos da perspectiva humanista, os lugares, são como os objetos, são núcleos de valor, e só podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias do residente (*insider*), e relações externas, próprias do turista (*outsider*).

O lugar torna-se realidade, a partir da familiaridade com o espaço, não necessitando, entretanto, de ser compreendido por meio de uma imagem precisa, limitada. Com personalidade ou identidade do lugar, Yi-Fu Tuan refere-se a sua singularidade: lugares como os seres humanos, adquirem características únicas ao longo do tempo. Eles são lugares especialmente sagrados, imbuídos de uma carga espiritual profunda, ou seja, ter um espírito,

porque acredita-se que os espíritos habitam neles.

Se um lugar que evoca a afeição tem personalidade, no mesmo sentido, pode-se dizer que um objeto, dado à pessoa que o possui, tem caráter e, assim, adquire uma personalidade, uma forma, um perfume que é único. Nessa construção, o autor destaca que as pessoas criam laços afetivos com os lugares de moradia. E muitos elementos contribuem para a criação destes laços, que tão fortes, podem superar até mesmo as grandes adversidades. Assim, as raízes entre o homem e o meio são tão profundas, que até as catástrofes, mesmo aquelas oriundas dos impactos ambientais, como as cheias ou deslizamentos de terras, geram histórias, feitos heróicos e símbolos.

Da mesma forma, o geógrafo canadense Edward Relph (1976), argumenta que um lugar possui identidade através de três elementos: a base física, as atividades que ocorrem lá e os significados atribuídos à base física e as atividades realizadas. A diferença entre a experiência de um lugar e de uma porção de qualquer espaço é dada pela relação diferente que o homem tem com ele. O primeiro implica uma relação de interioridade, o segundo dos fatores externos, enquanto o terceiro a compreensão do mundo e seus significados. A relação de externalidade pode ser existencial, envolvendo uma participação não consciente, uma alienação de certos lugares e pessoas, em essência, um sentimento de não pertencer; ou o tipo de objetivo, que se manifesta por meio de uma atitude voluntária de distanciamento do contexto local, o que leva a uma separação entre pessoas e lugares; e, finalmente, o tipo de incidente, quando o desapego aos lugares tem um caráter inconsciente e locais são considerados apenas como um pano de fundo para as atividades humanas. Assim sendo, o lugar deveria ser compreendido com base na autenticidade e inautenticidade.

#### **2.4.1 A topofilia e a topofobia: Conceitos correlatos de lugar**

Tuan (1983), delineando o conceito de lugar, discute as formas individuais de apreensão do espaço até as percepções de grupos. O autor comenta que a maioria dos dados provindos da experiência é desprezada porque não podem ser encaixados nos conceitos tradicionais das ciências que valoriza apenas um conhecimento passível de mensuração. Neste caso, a Geografia Humanista, que trata da experiência humana com o espaço e o lugar, ainda encontra dificuldades de aceitação quando investiga e apresenta, cientificamente, a realidade das percepções, atitudes e valores em relação ao meio ambiente. Contudo, é possível

sistematizar as experiências humanas com o espaço e o lugar a partir da ação cotidiana, que nos mostra um mundo complexo e seres humanos com suas experiências e vivências.

A complexidade das relações entre a pessoa e o ambiente que resulta no conceito de lugar também é analisada por conceitos correlatos como a topofilia, a topofobia e o topocídio. Neste sentido, Tuan (1983) afirma que a construção de uma relação sentimental do indivíduo com determinado espaço, ocorre por meio das emoções (derivadas de amor, orgulho, saudade, sensação de riscos, etc).

Nessa perspectiva segundo Tuan (1980), o conceito de “topofilia” compreende sentimentos de afeição como o de um lar confortável, detalhado, diverso e ambíguo, sem confusão e tensão. O autor traz a definição do conceito de Topofilia como sendo a compreensão de todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Assim, pode-se observar que o estudo de Tuan perpassa pela percepção e apresentação espacial, as culturas e as relações sociais. No entanto, a topofilia estimula a uma avaliação e questionamento do modo como se percebe, se situa, significa-se e idealiza-se o mundo. A partir dessa concepção, a topofilia, passa a ser vista como a relação existente entre o indivíduo e o espaço, analisando o seu sentimento e sua afeição para com o lugar, isto é, seu amor em relação ao lugar.

Em contrapartida a topofobia também criada por Tuan (1979), é o antônimo da topofilia, introduzindo a ideia de paisagem do medo, do não lugar e do sentimento de não pertencimento. Para outros autores, a topofobia pode ser entendida como “experiências de espaços, lugares e paisagens que são de algum modo desagradáveis ou induzem à ansiedade e à depressão” (RELPH, 1979, p. 20). A partir dessas teorias, os conceitos de “lugar” e “território” se sobressaem e reconfiguram o cenário de análise espacial.

Já o Topocídio de acordo Porteos (1988, p. 75) denomina o desaparecimento do lugar. Conforme argumenta o autor o processo de topocídio é implantado suavemente, sem que a população o perceba para atender interesses políticos e capitalistas.

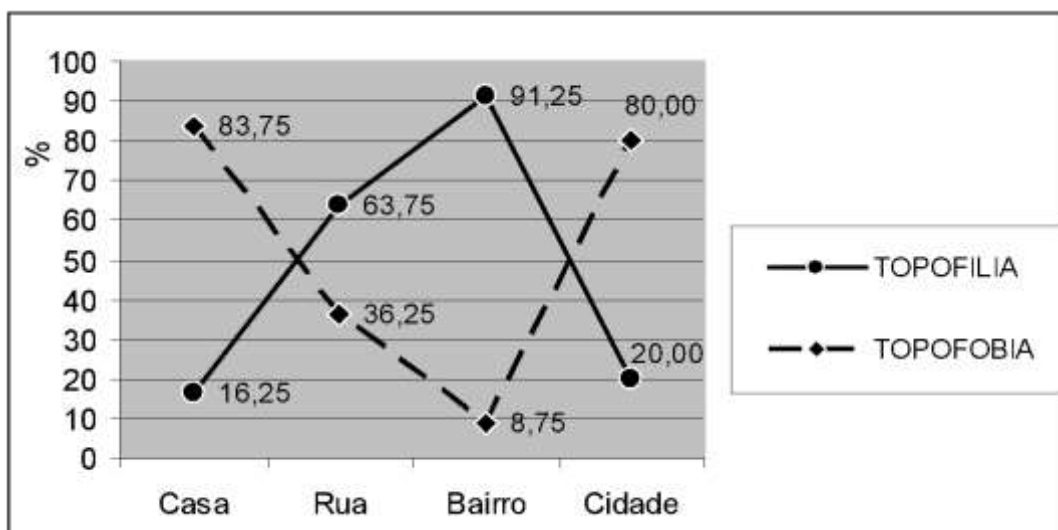
No lugar os elementos topofílicos e topofóbicos são diversificados, pois cada pessoa vive e experiência o ambiente diferentemente e de acordo com experiência de vida, visão de mundo, valores, sentimentos e cultura. Também contribui para isso, a configuração natural e biofísica do ambiente em que vive.

Relph (1980), por sua vez, conceitua o lugar como um centro de significações para a formação da identidade dos indivíduos e como membros de uma comunidade, associando-se,

desta forma, ao conceito de lar. Assim, conforme o autor, a importância de nossa relação para com os lugares ultrapassa a da nossa consciência dessa ligação.

Os dados abaixo exemplificam a afeição ou a repulsão na percepção dos moradores de Rondonópolis em relação aos distintos ambientes (casa, rua, bairro, cidade) sendo a casa o espaço de maior aversão e o bairro, o de maior afeição (figura 1). O próprio Tuan (1983) explica que a casa pode ser o espaço de aversão quando as pessoas não possuem maiores relações de afinidades e intimidades.

**Figura 1. Elementos topofílicos e topofóbicos dos moradores em Rondonópolis**



Fonte: STURZA (2005).

Entretanto, a Geografia Humanística de base fenomenológica traz em sua bagagem uma abordagem além da formação de experiência direta dos lugares, buscando questionar as ações presentes no mundo contemporâneo, globalizado, que destroem e desconsideram a importância dos lugares.

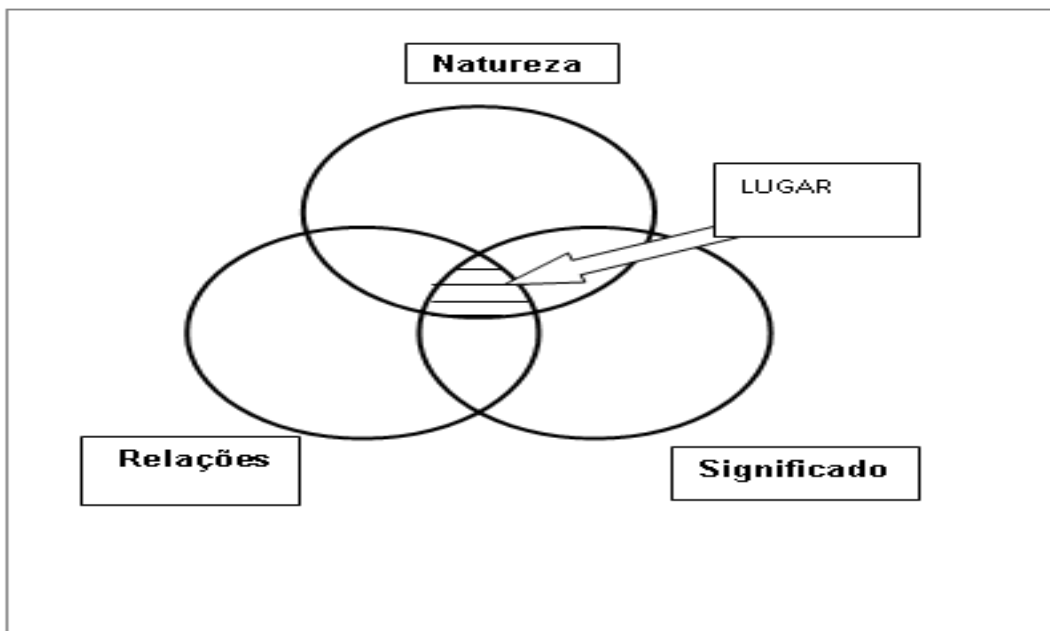
A questão da globalização é deste modo, crucial para tentar se entender a diminuição do número de lugares significantes e a homogeneização das paisagens. Na sociedade atual, a diminuição do número de lugares significantes e paisagens diferenciadas estariam apontando para o surgimento do que Relph chama de uma Geografia do “deslugar”. O conceito de “deslugar”, criado por Relph (1976) indica as formas monótonas, repetidas, e com uniformidade de sequência. No mesmo sentido, integrando ao mundo moderno a perda da diversidade e do significado destes lugares. Conforme discute Relph, na sociedade



contemporânea, a redução do número de lugares significantes e paisagem diversificada indicam para o surgimento do que ele chama de uma Geografia do deslugar. Como consequência, estar-nos-íamos sendo subjugados pelas forças da *deslugaridade* e pela perda de sentido de lugar. Com isso, as sociedades industrializadas e de massa possuem um modo de vida predominantemente inautêntico onde a comunicação de massa, a cultura de massa, as grandes empresas, o processo de autoridade central e o próprio sistema econômico são os principais responsáveis por todo este processo. Dessa maneira, é necessário levar-se em conta a profunda necessidade humana de associação com os lugares.

Sack (1988) critica as orientações e perspectivas particulares da Geografia e subdisciplinas que não estudam o lugar na sua integridade, quando este é “uma forma básica de integração”. Para o autor as pesquisas sobre lugar ainda estão viciadas de perspectivas fragmentadas do natural, social ou humanista, quando, na realidade, lugar é um conceito integrador que apresenta interconexões entre a natureza, relações sociais e significados. A Figura 2 ilustra a concepção integradora de lugar exposta por Sack, com as interconexões entre esses três elementos pilares.

**Figura 2. Definição de lugar a partir da natureza e relações sociais**



Fonte: Sack (1988) apud Sturza (2005).

Merleau-Ponty, filósofo francês, é certamente uma referência à respeito da natureza e

fenomenologia da percepção e representa a intenção de dar uma nova definição para a relação entre a natureza e a consciência humana, fazendo uma análise crítica à compreensão positivista da percepção, por meio da revisão do conceito de sensação e sua relação com o corpo e com o movimento.

A ciência, em sua versão positivista, considera a percepção como algo distinto da sensação, embora a relacione por meio da causalidade estímulo-resposta. A Fenomenologia da Percepção tenta mostrar como a relação com o mundo é infinitamente grande em relação ao horizonte de percepção, antes de qualquer objetivação científica. A consciência, portanto, não parece tão indiferente, mas, pelo contrário, é sempre consciência engajada, porque sempre depende do contato com o mundo.

Posto as colocações teóricas dos conceitos basilares da pesquisa acredita-se que eles orientarão satisfatoriamente a escolha do caminho metodológico, o tratamento dos dados e o entendimento da identidade do lugar nos assentamentos investigados.

## CAPÍTULO III- O PERCURSO E OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA PARA O ESTUDO DO LUGAR

A apreensão da realidade começa com a observação, informações e dados já disponíveis para os primeiros contatos com o seu espaço e as pessoas. Assim, apresenta as condições espaciais biofísicas que constituem as bases territoriais físicas e antropogênicas dos espaços na e para a formação e identidade dos lugares nos assentamentos em estudo. Diz respeito especificamente aos aspectos da localização, primeira natureza e criação dos assentamentos, ou seja, a realidade inicial do estudo.

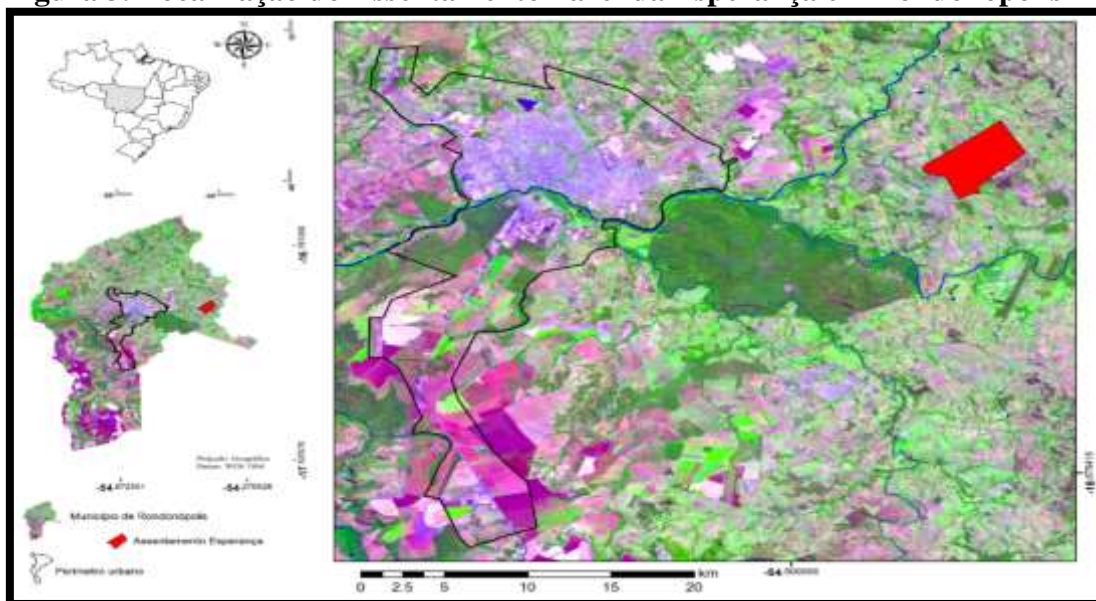
### 3.1 A REALIDADE INICIAL DE ESTUDO

A área de estudo, representada por dois assentamentos rurais, foi escolhida em função de dois critérios básicos: tempo de existência e proximidade do autor para coleta de dados.

#### 3.1.1 Assentamento Fazenda Esperança em Rondonópolis

O assentamento situa-se em uma área deprimida da Depressão do Rio Vermelho, com topografia ondulada que varia entre 265 a 345 metros de altitude (Figura 3).

**Figura 3. Localização do Assentamento Fazenda Esperança em Rondonópolis**



Fonte: Pires (2016).

Geologicamente encontra-se em rochas da Formação Ponta Grossa caracterizada por argilitos e arenitos, e residuais das coberturas lateríticas. Na área predominam solos do grupo argissolos e latossolos associados, estes últimos restritos em topos residuais de antigas chapadas. Em algumas áreas percebeu-se neossolos argilosos com a presença de voçorocas (Figura 4) em estágios avançados, sobre terrenos de topografia ondulada que vão restringir o uso agrícola (ver capítulo IV).

**Figura 4. Processo de voçorocas em área do Assentamento Fazenda Esperança**



Fonte: Pires (2015).

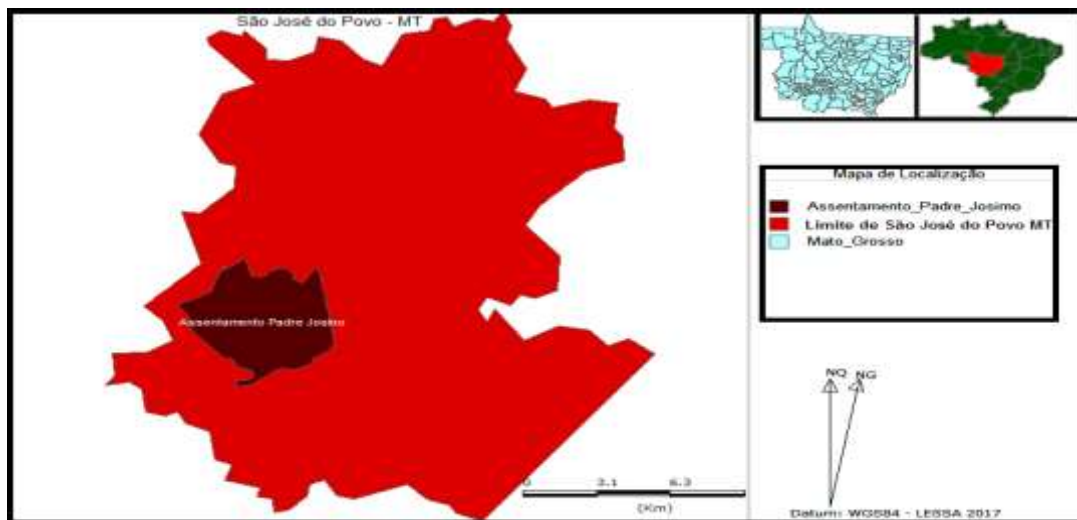
O assentamento possui 1.585,5 hectares, divididos em 120 lotes, com nove a dez hectares cada lote, contando ainda com área comunitária e a reserva ambiental do assentamento que possui 210 hectares. Criado em 2001, a partir de políticas públicas de financiamento de terras, por meio do extinto programa “Banco da Terra”, o Assentamento Fazenda Esperança está localizado as margens da Rodovia MT-270, sentido Rondonópolis-Guiratinga, a 3 km da entrada para o Distrito de Nova Galileia e distante à 30 km de Rondonópolis.

O nome de “Fazenda Esperança” justifica-se pelo fato do assentamento ter se constituído na antiga Fazenda Esperança, da qual herdou o nome. Atualmente as famílias assentadas realizam atividades agropecuárias em pequena escala, com predominância da pecuária de cria e engorda.

### 3.1.2 Assentamento Padre Jozimo

O Assentamento Padre Jozimo fica a 7 km do município de São José do Povo, com a extensão territorial de 3.152,43 ha 90 lotes que integraram o projeto “Dando as Mãos” vindas, em sua maioria, de bairros de Rondonópolis, como Jardim Atlântico, Mato Grosso e Vila Operária (Figura 4). O acampamento foi montado em Março de 1997, com aproximadamente 800 pessoas vindas dos Municípios de Rondonópolis, Jaciara, Juscimeira, Pedra Preta, Dom Aquino e Campo Verde.

**Figura 5. Localização do Assentamento Padre Jozimo**



Fonte: Organização da autora.

De acordo com Silva (2009), a fazenda original pertencia a Dona Jupía, esposa do Senhor José Salmem Hansen, fundador do município de São José do Povo que em virtude de dívidas com impostos perdeu a fazenda na justiça. Antes disso, a propriedade estava arrendada para plantio de algodão que, devido à baixa de preço no mercado, os arrendatários desanimaram e pararam com o plantio tornando a propriedade improdutiva.

Segundo os moradores, o acampamento perdurou por dois anos e quatro meses até a sua homologação na justiça em cinco de maio de 1998, com fins de reforma agrária. Logo após um ano da homologação, os lotes foram adquiridos pelas famílias acampadas por meio de sorteio. A demora na distribuição dos lotes incidiu por conta das roças plantadas durante o período do acampamento. Assim sendo, esperou-se a colheita para então realizar a repartição. A área de moradia local é mata fechada, com terra propícia para o cultivo, principalmente, de

arroz e milho. No início, foram muitas as dificuldades enfrentadas pelos moradores, como falta de água e alimentação. Com a chegada do “Dando as Mãos”, o assentamento que já operava com uma farinha, aprimorou e se organizou formando um grupo de agricultores com o empreendimento “Farinheira Raízes da Terra”. Alguns agricultores fizeram projeto para o Banco Cerrado, mas já produzem várias culturas em seus lotes. Acrescentado a isso, foi construído na comunidade em mutirão um barracão na área social onde acontecem todas as atividades sociais como reuniões, visita do médico, alfabetização dos jovens e adultos e outras atividades de lazer (SILVA, 2009).

Segundo dados do Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST) de 2010, o assentamento abriga em média 90 famílias e, tem apresentado uma organização produtiva, de base familiar, que beneficia o mercado interno e gera qualidade de vida para famílias rurais, sendo referência de assentamento rural de reforma agrária que contribuiu com o desenvolvimento de famílias rurais e vem alcançando seus objetivos em prosperidade no campo (MST, 2010). O uso da terra predominante é pastagens, seguida de cerrado e lavouras, na forma de culturas temporárias.

Após a apreensão inicial cognitiva de dados primários da realidade e espaços dos assentamentos foi traçado o percurso metodológico para os propósitos da pesquisa. A natureza da pesquisa está delineada no âmbito da Geografia Humana que busca o conhecimento da identidade do lugar, indicou o método fenomenológico como o mais adequado.

### **3.2 O MÉTODO**

A Fenomenologia é o estudo das essências e de todos os problemas. No entanto, a fenomenologia é também uma filosofia que coloca a espécie na existência. É uma filosofia transcendental que auxilia na compreensão das reivindicações da atitude natural, do espaço vivido e das experiências. Dessa forma, a fenomenologia está atrelada ao subjetivismo extremo e objetivismo extremo, em seu conceito do mundo ou da racionalidade. A racionalidade é medida em experimentos em que se revela, ou seja, as perspectivas que se sobrepõem. Porém, o mundo fenomenológico, não se alimenta apenas do puro, mas também dos significados que se refletem na intersecção das experiências e no cruzamento das experiências. Neste universo, complementa Merleau-Ponty (1945), que estamos em uma

superfície de contato com o mundo ou enraizamento perpétuo. Desse modo, segundo o autor, todo o conhecimento se instala nos horizontes abertos pela percepção (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 258).

Assim sendo, reconhece-se Edmund Husserl (1859-1938) como um dos percussores da fenomenologia. A fenomenologia de Husserl é uma epistemologia que relaciona com a subjetividade para a fundação de tudo na ciência, definindo o problema através do conceito de intencionalidade. Nesse sentido o sujeito é definido principalmente por sua consciência e pela intencionalidade. Desse modo, o método fenomenológico busca entender como a essência é aprendida no objeto, superando a subjetividade da experiência individual, a experiência vivida. Nesse contexto, David Lowenthal esclarece que nossa visão de mundo é antropocêntrica, fundamentada em elementos comuns. Entretanto, Lowenthal (1961) afirma que:

(...) Todo conhecimento é necessariamente tanto subjetivo quanto objetivo, os delineamentos do mundo que são puramente práticos, geralmente, parecem muito áridos e sem vida para serem assimilados; somente a cor e o sentimento transmitem verossimilhança. Além de fatos não burilados, exigimos experiências frescas, de primeira mão, opiniões individuais e preconceitos (LOWENTHAL, 1961, p. 258).

Isto posto, acredita-se que o método fenomenológico é capaz de definir unidades explicativas e condições experimentais adequadas para o estudo na forma da percepção visual e sensível da realidade pelos moradores em assentamentos rurais. O conhecimento da área de estudo pelo pesquisador e a natureza do objeto da investigação são relevantes e determinantes para se selecionar o método, técnicas e instrumentos da pesquisa.

Esta abordagem leva a estudar as representações na perspectiva de articulação das práticas espaciais, e, por isso, leva a refletir sobre o papel da cultura nos fenômenos ou processos geográficos. Neste aspecto, estabelece Claval (2011, p. 222) que,

a fenomenologia transformou as perspectivas dos geógrafos que a descobrem porque lhes revelou que os lugares não são pontos anônimos num espaço neutro; a Terra não é uma superfície geométrica, é feita de meios físicos, onde a vida está por toda parte presente e os homens moldaram à sua imagem (CLAVAL, 2011, p. 222).

É nesse panorama humanista, abarcado num diálogo com a fenomenologia e o

existencialismo, que o autor recorre à percepção e aos sentidos atribuídos à paisagem. Nesse sentido, a percepção é necessariamente estruturada na visão que “o olhar participa da experiência emotiva e, por vezes, estética, que temos dos lugares” (CLAVAL, 1999. p. 83).

Por isso, foi adotado o método fenomenológico para melhor êxito e alcance do conhecimento da realidade vivida das famílias assentadas e sua adaptação existencial aos lugares. À vista disso, conforme analisa Carlos (1998), a fenomenologia evoluiu no pensamento geográfico. E, provavelmente, as correntes do neo-historicismo e fenomenologia estejam se constituindo na base do maior número de trabalhos em desenvolvimento na geografia atualmente.

### **3.3 TIPO DE PESQUISA E PERCURSO METODOLÓGICO**

O método fenomenológico permite uma aproximação positiva com a realidade vivida pelas famílias assentadas, possibilitando dados na aplicação de diagnósticos e entrevistas. Porém, o fato da pesquisa qualitativa ser de difícil generalização (TRUJILLO, 2003) exige a complementação com a pesquisa quantitativa, que pode ser usada para a tabulação e o tratamento dos dados estatísticos. Malhotra (2001) considera que a pesquisa qualitativa pode ser usada como uma fase de preparação para a quantitativa, por sua característica de contextualização do problema.

Nessa perspectiva, a metodologia ou percurso metodológico da pesquisa constitui-se no conjunto de atividades desenvolvidas para alcançar os objetivos da pesquisa. De certo modo, a pesquisa teve um caráter quali-quantitativa na abordagem e tratamento dos fatos e fenômenos envolvidos na relação entre os assentados e os lugares.

#### **3.3.1 Pesquisa Bibliográfica**

A pesquisa bibliográfica correspondeu ao levantamento de dados por instrumento de autores especializados mediante as leituras em livros, artigos, dissertações, teses e revistas especializadas bem como outros estudos acerca dos conceitos adotados.

Alguns conceitos-chaves foram estudados em algumas obras/autores, destacando-se três em especial que constituirão o arcabouço teórico e conceitual da pesquisa: assentamentos rurais (MEDEIROS, 1999; e FERRANTE, 2012; GAIOVICZ, 2011); lugar (TUAN, 1980;



HOLZER, 1997; RELFH, 1979; HARVEY, 1996; STURZA, 2005); CARLOS, 2007; TUAN, 1983); percepção (AMORIN, 2012; DEL RIO, 1996; TUAN, 1980; OLIVEIRA, 2007) e território (SAQUET, 2007; SACK, 1986; SANTOS, 2007; ANDRADE, 1995; HAESBAERT, 2001). A revisão teórica trouxe a discussão da evolução do conceito de lugar e outros, bem como a compreensão dos aspectos geográficos e territoriais. Posto isto, a paisagem passa de objeto de observação particular para além dos horizontes, amplia o espaço e permite que as pessoas tenham o gosto e o prazer de observá-la.

### **3.3.2 Pesquisa de Campo**

A percepção interessa as diferentes ciências devido a sua importância na compreensão do mundo e do homem como um conjunto de eventos físicos e naturais. Assim sendo, o processo perceptivo, segundo Del Rio (1996), tem seu ponto de partida na realidade, cujo ciclo se apresenta da seguinte forma, sendo que entre cada fase existem filtros culturais e individuais: realidade – sensações (seletiva/instantânea) – motivação (interesse/necessidade) – cognição (memória/organização/imagens) – avaliação (julgamentos/seleção/expectativa) – conduta (opinião/ação/comportamento) – realimentação e realidade.

Esta fase iniciou com visitas no Assentamento Esperança no mês de Dezembro de 2016, para levantamento fotográfico da área de estudo e familiarização dos assentamentos e moradores. Dessa forma, os trabalhos de campo foram organizados objetivando coletar informações e dados que contemplasse o estudo, na forma de observações, levantamento fotográfico e aplicação de questionários.

O Questionário foi o instrumento mais importante, aplicado com a técnica da entrevista junto aos moradores do Assentamento Fazenda Esperança e Padre Jozimo, nos meses de Abril a Maio de 2017. A amostra selecionada para a pesquisa foi de 20 famílias dos 120 lotes no assentamento Fazenda Esperança e 10 famílias entre os 90 lotes do Padre Jozimo. Os critérios para a escolha dos assentamentos foram: a distância, para facilitar as visitas e, tempo de existência do assentamento, para melhor relacionar o aspecto de satisfação com o lugar e tempo de moradia. Já a escolha dos lotes para a entrevista nos dois assentamentos, seguiram critérios de distribuição espacial e disponibilidades dos assentados, procurando entrevistar moradores em todas as estradas (linhão). Dessa maneira foram realizadas 16 entrevistas no Assentamento Fazenda Esperança em duas estradas principais e

quatro em uma estrada secundária. No Assentamento Padre Jozimo foram realizadas oito entrevistas em duas estradas principais e duas, em estradas secundárias transversais.

O Questionário com questões semiestruturadas (APÊNDICE) foi organizado em três partes: Perfil socioeconômico dos moradores (dados pessoais; lote; local de nascimento; renda; escolaridade; tempo de moradia; composição familiar entre outros); Infraestrutura, Meios e Sistemas Produtivos (residência; benfeitorias; produção; maquinário; tecnologias; entre outros) e Percepção socioambiental do Lugar (atitudes, valores, sentimentos, identidade).

As informações dos questionários foram tabuladas na forma de gráficos, para sua análise e discussão, que obedeceu a sequência dos seguintes tópicos: O Lugar e a Socioeconomia; Identidade/Significado do Lugar; Relações Sociais e Associativismo; Infraestrutura e Produção e Desejos e Necessidades dos Moradores. A fase analítica e discursiva dos dados culminou com o Quadro Comparativo da Identidade do Lugar para os dois assentamentos, onde se sintetiza os principais dados quali e quantitativos mais importantes para chegar-se aos itens conclusivos, afinados aos objetivos da pesquisa.

## **CAPÍTULO IV - OS LUGARES DE VIDA E DE PRODUÇÃO NOS ASSENTAMENTOS RURAIS FAZENDA ESPERANÇA E PADRE JOZIMO**

Este Capítulo apresenta os dados mais específicos coletados a partir das entrevistas com os moradores dos dois assentamentos estudados. A partir dos objetivos em vista, o texto analítico e discursivo dos dados está estruturado em quatro tópicos: o lugar e a socioeconomia; identidade do lugar, infraestrutura e produção, que são discutidos por assentamento. Ao final do Capítulo faz-se a comparação dos dois assentamentos para visualizar componentes identitárias semelhantes ou distintas no tocante a percepção social, identidade e satisfação com o lugar.

### **4.1 CASO DO ASSENTAMENTO FAZENDA ESPERANÇA**

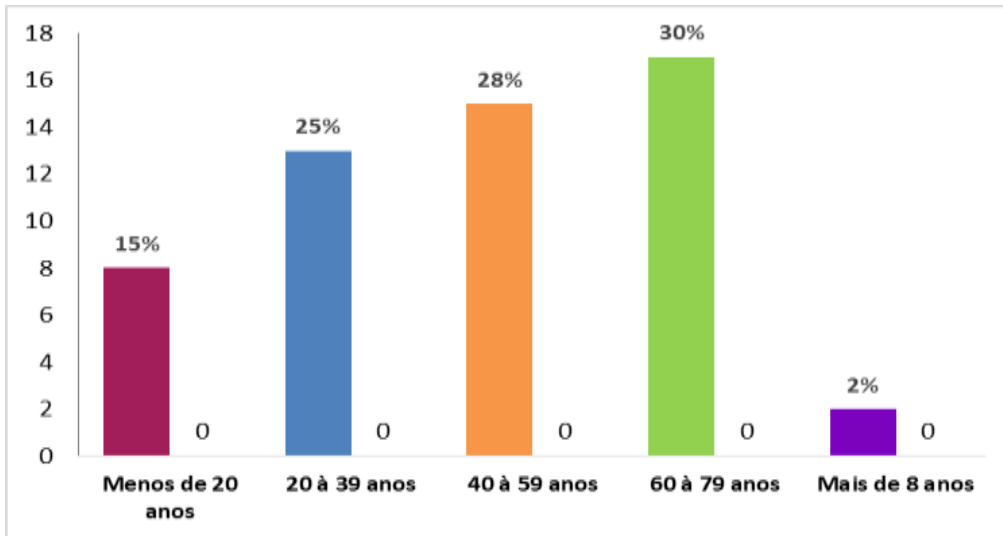
#### **4.1.1 O lugar e a socioeconomia**

Aqui se apresenta uma caracterização social e econômica dos assentados no tocante aos dados sociais que caracterizam as pessoas quanto aos itens de idade, sexo, escolaridade, composição e renda familiar, lugar de origem e tempo de residência. São dados importantes para se conhecer os homens dos lugares e as relações sociais, a partir também das suas condições materiais.

A composição familiar apresenta média famílias de 2,6 pessoas por família, com no mínimo 01 pessoa por família e, no máximo 05 pessoas, dentre 30 mulheres e 25 homens. Estudam 12 pessoas, isto é 21,8% dos entrevistados.

A religiosidade entre os entrevistados é expressada em sua grande maioria pela religião Católica e na sua minoria pela religião Evangélica. O Estado de Mato Grosso se destaca entre as origens dos entrevistados sendo 11 do próprio; Estado; 03 de Minas Gerais; 02 de São Paulo; 02 de Goiás; 01 do Paraná; 01 da Bahia, dentre os quais 09 declararam ser 1º proprietário da propriedade rural.

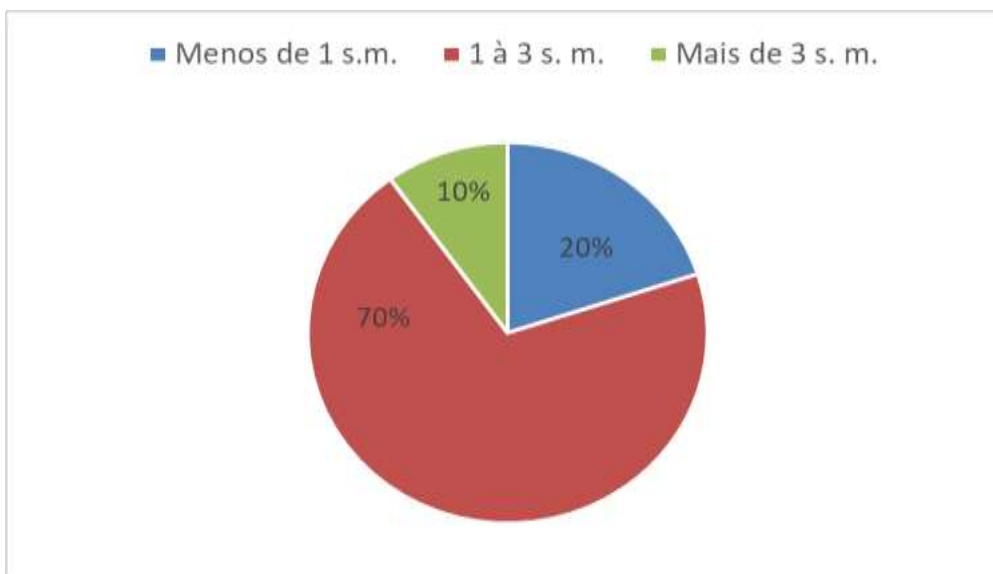
### Gráfico 1. Idade



Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

De acordo com o gráfico, observa-se que mais de 30% dos entrevistados tem a idade entre 60 a 79 anos e 28% entre 40 a 59 anos. Isso mostra que o número de adultos e idosos dentro do assentamento são equiparados bem como o sexo que é definido por 30 mulheres e 25 homens. Dentro dessa percentagem 35% completaram o Ensino Fundamental; 25% possui nível médio e 5% possui nível superior.

### Gráfico 2. Renda Familiar



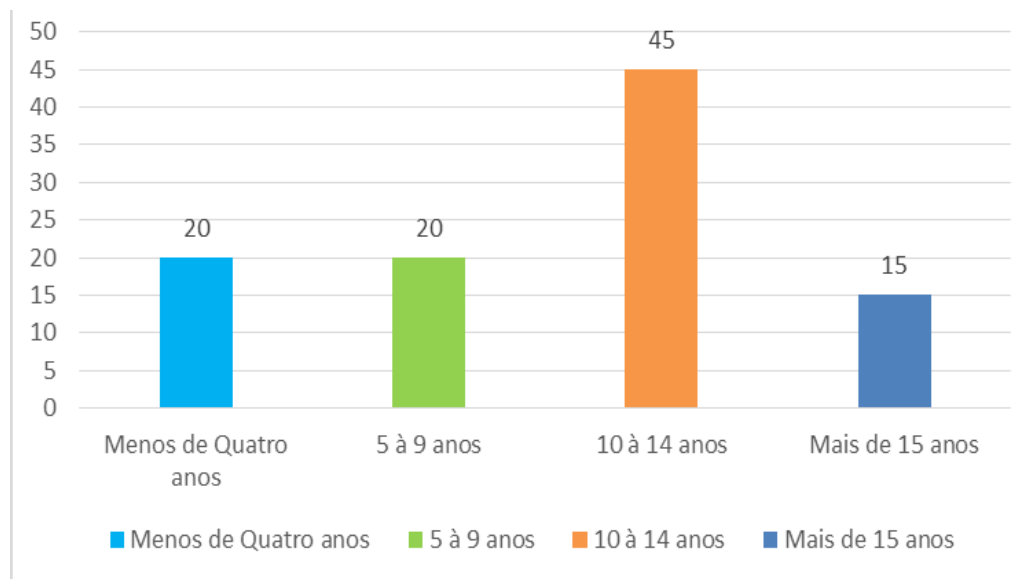
Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

Conforme os dados, mais de 70% das famílias possuem de 1 a 3 salários mínimo e 20% tem menos de 1 salário, sendo que 80% dos entrevistados possuem outra renda proveniente de benefícios governamentais e aposentadorias que somam com a renda da produção agrícola familiar.

Dos 20% que possuem menos de 1 salário mínimo, são pessoas que não adquiriram outra renda e também não conseguiram créditos de financiamento agrícola para melhorias e infraestrutura na produção. Isto posto, podemos analisar que mesmo com limitações impostas à essas famílias assentadas, ainda assim, são desenvolvidas atividades produtivas para meio de consumo e comercial, o que de fato justifica a conquista da terra para essas famílias.

O tempo de residência (Gráfico 3) aponta que mais de 45% dos entrevistados residem há mais de 14 anos no assentamento e 20% menos de quatro anos.

**Gráfico 3. Tempo de Moradia**



Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

De acordo com os relatos dos assentados, percebe-se a relação de topofilia com o lugar, construída por meio de histórias de vida, participação na construção do assentamento e o contato com a natureza que é um dos elementos essenciais na satisfação com o lugar. Assim sendo, **90%** dos entrevistados afirmaram estar satisfeito com o lugar. Tuan (1980) comenta que o tempo de moradia é um determinante importante para se gostar de um lugar.

## 4.1.2 A identidade/significado do lugar

As ideias de Sack (1986) e Tuan (1983) consubstanciam o entendimento e a identidade do lugar expressos e caracterizados neste tópico, a partir das respostas dos entrevistados. Para Sack o lugar se define com a interrelação e integração da natureza, relações sociais e significado. Já Tuan entende que o lugar é produto das relações de sentimentos, atitudes e valores entre a pessoa e o ambiente. Assim, a identidade do lugar nesta pesquisa é compreendida pelo significado da natureza, dos espaços-lugares mais próximos (casa, propriedade e assentamento) e relações sociais e associativismo.

### 4.1.2.1 Significado da Natureza

Sobre o Significado da Natureza para os entrevistados, doze (12) responderam que a Natureza significa *tudo*, nove (09) responderam que significa *Vida*, cinco (05) responderam que significa *Tranquilidade/Paz*, quatro (04) responderam que significa *Felicidade* e três (03) responderam *Clima Gostoso/Ar Puro*. O estudo dessa categoria permitiu identificar que o ambiente da vida cotidiana na área rural é um dos fatores determinantes no estabelecimento de vínculo e satisfação com o lugar. Dessa forma, os dados evidenciam o sentimento de afeição e identidade com a natureza. Nesse sentido, Lowenthal (1961) argumenta que o homem e a terra estão em qualquer lugar inter-relacionados de incontáveis maneiras e que todos os aspectos da vida humana estão inteiramente ligados ao local.

Os lugares mais próximos dos entrevistados referem-se a casa, propriedade e o assentamento que consistem em espaços-tempo-lugares muito próprios e de diferentes graus de intimidade e experiência afetiva e emocional.

### 4.1.2.2 A casa como lugar

Tuan (1961) discute o papel do lar e a importância do acúmulo de experiências onde acrescenta que:

Fora da rede das relações puramente humanas, o lar é talvez nossa primeira e mais forte ligação. Bachelard tem muito a dizer sobre isto. No lar, as lembranças e o tempo são transformados em coisas concretas... assim que, nós acumulamos idade e força, nosso interesse e afeição espalha-se para paisagens mais amplas, exteriores à casa, para o jardim, para as fazendas e as colinas. (TUAN, 1961, 31).

Na análise dos dados é possível notar a forte ligação dos moradores com seus lares onde são acumuladas suas experiências e histórias de vida os quais **75%** dos entrevistados afirmaram estar satisfeitos com suas casas e **25%** não estão satisfeitos, devido à falta de infraestrutura e conforto (Figura 6). Desse percentual **70%** tem interesse de ampliar a casa e **30%** não tem interesse.

**Figura 6. Casa no Assentamento Fazenda Esperança**



Fonte: Lessa (2017).

#### **4.1.2.3 A propriedade como lugar**

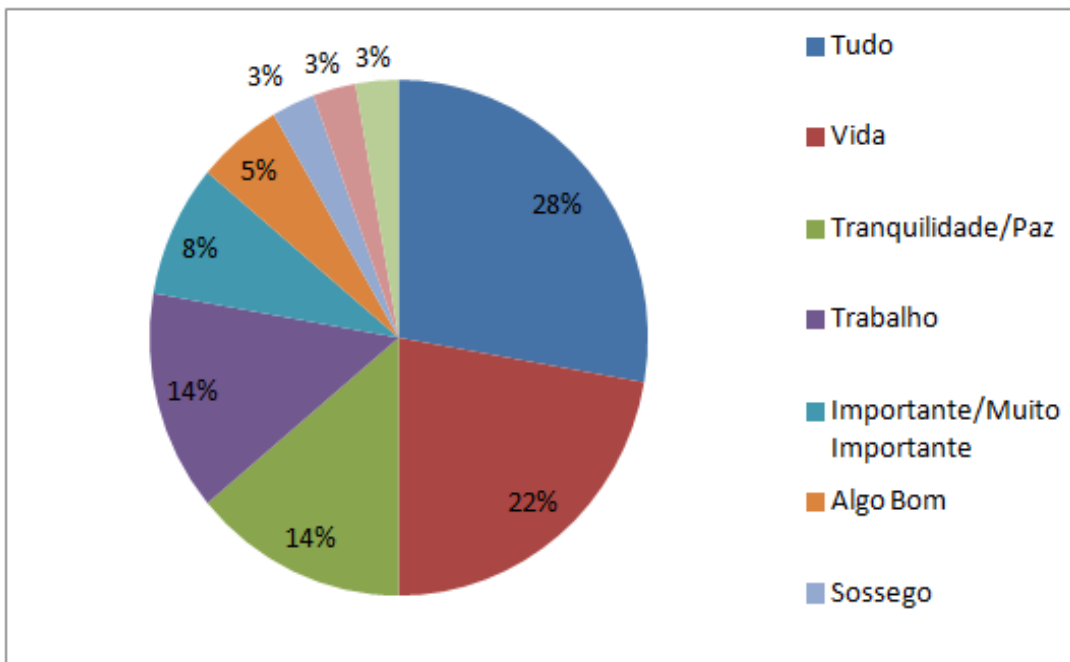
No contexto dessa categoria é importante destacar o enraizamento por parte dos entrevistados com a propriedade rural que constitui sentimentos de topofilia e a aversão aos centros urbanos identificados pelo sentimento de topofobia. Nessa perspectiva, 90% dos entrevistados estão satisfeitos com a propriedade rural e 10% não estão satisfeitos. Isto posto,

entendemos que a maioria dos entrevistados está satisfeito com a propriedade rural e que em hipótese alguma trocariam seu lugar no campo por uma casa na cidade.

#### 4.1.2.4 O assentamento como lugar

Em relação ao Significado do Assentamento (Gráfico 4) para os entrevistados, 28% responderam que significar *tudo* e 22% responderam que significa *vida*. Esses resultados expressam uma afeição com o lugar-assentamento, o que Tuan define de topofilia que é o amor, afeição.

**Gráfico 4. Significado do Assentamento**



Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

Algumas pesquisas mostram que a satisfação com os assentamentos difere regionalmente, como é o caso no Assentamento Florestal (MA) chega apenas a 20% enquanto no Assentamento Promissão (SP) atinge 80% num estudo do Ibope Inteligência (2009) em 1.000 assentamentos consolidados.

A respeito disso, Tuan acrescenta que:



A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1980, p. 107).

Este autor delinea o elo afetivo entre a pessoa e o lugar e suas experiências de vida. Isto posto, percebe-se que a relação dos entrevistados com o assentamento vai além da questão de sobrevivência e produção, estabelecendo raízes profundas com a terra e o espaço vivido.

Nos discursos dos entrevistados sobre a “Imagem Antiga”, seis (6) responderam ter a imagem de Mato/Pasto; oito (8) responderam ter a imagem de Muita Dificuldade e quatro (4) responderam ter a imagem Degradada do Assentamento. No tocante da imagem de mato e pasto que os entrevistados responderam, deve-se ao fato que antes da formação do assentamento laborava uma fazenda. Já a imagem degradada, pode estar ligada à situação de pastagem e voçorocas encontradas quando na criação do assentamento, pois a área era ocupada intensamente pela pecuária de uma fazenda.

A respeito disso Melo e Silva (1995), acrescentam que o sistema de manejo no Cerrado adotado na pastagem, promoveu alterações nas propriedades físicas e no conteúdo de matéria orgânica. A compactação provocada pelo pastejo e a redução da matéria orgânica, influenciaram negativamente nas propriedades do solo, aumentando a densidade, diminuindo o tamanho dos agregados e a macroporosidade.

Já a respeito da imagem Atual do assentamento, onze (11) responderam ter a imagem atual de Evolução/ Construção, treze (13) responderam ter a imagem da Casa/ Plantação/Criação e quatro (04) respondeu ter a imagem Preservada.

Outro ponto importante nessa discussão, é sobre o motivo de mudança para o assentamento Fazenda Esperança, os quais entre os vinte (20) entrevistados dezessete (17) responderam ter mudado para o assentamento em Busca da Terra para o Trabalho e Produção; nove (09) responderam ter mudado pelo Contato com a Natureza e quatro (04) responderam que Gosta de Morar no Campo. Trabalho e terra (para moradia e produção) são necessidades básicas do homem. Posto isso, Santos (1996, p. 87) argumenta que:

O trabalho é a aplicação, sobre a natureza, da energia do homem, diretamente ou como prolongamento do seu corpo através de dispositivos mecânicos, no propósito de reproduzir a sua vida e a do grupo... Pois, o homem é o único que reflete sobre a realização de seu trabalho. Antes de se lançar ao processo produtivo, ele pensa, raciocina e, de alguma maneira, prevê o resultado que terá o seu esforço. (SANTOS, 1996, p. 87).

É o trabalho cotidiano pautado no contato direto com a terra, vegetação, animais e água. Assim, as referências ao lugar são feitas na maioria das vezes em relação ao trabalho. Nesse sentido, a propriedade rural é uma alternativa econômica e social para estes assentados que no passado já ficaram excluídos do processo de produção vigente e que conformam a questão agrária brasileira.

#### **4.1.3 Relações Sociais e Associativismo**

Nessa categoria pontuaremos a interação com o lugar, a familiaridade, as formas de relação comunitária e o associativismo que também estabelecem laços afetivos com o mundo vivido. Nesse contexto, entre os 20 entrevistados, 16 participam das Associações e 04 relataram não participar. Sobre as reuniões no assentamento, 14 responderam participar e 06 responderam não participar. Já a respeito das festas no assentamento, 17 responderam participar e 03 responderam não participar. Em relação a satisfação com os vizinhos, 100% dos entrevistados dizem estar satisfeitos com seus vizinhos. Nesse sentido, Carlos (2007, p. 22) acrescenta que:

Produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (CARLOS, 2007, p. 22).

É no mundo vivido que o ser humano cria suas raízes e desenvolve sentimento de pertença e identidade com o lugar. No Assentamento Fazenda Esperança as pessoas percebem-se como comunidade, em eventuais encontros entre os vizinhos, nas reuniões festivas e formais e nas mais variadas formas de manifestações socioculturais. Estas práticas contribuem para o sentimento de afetividade e identidade com o lugar. A Igreja (Figura 7) também é um espaço que pode estreitar as relações sociais entre os moradores.

**Figura 7. Igreja Católica**



Fonte: Lessa (2017).

No assentamento existem cinco associações que não conseguem atender as expectativas dos moradores associados, na opinião dos entrevistados. Neste pormenor, os entrevistados apontaram a desunião e o interesse pessoal dos responsáveis pelas associações, como maiores problemas do associativismo.

#### **4.1.4 Infraestrutura e produção**

O grau de satisfação com o lugar também depende das condições básicas de manutenção, produção e infraestrutura (meios e serviços) disponíveis aos moradores em assentamentos. Assim, os bens de consumo e produção, disponibilidade de água, serviços médicos e produção são meios e condições para relações topofílicas ou topofóbicas das pessoas nos assentamentos rurais estudados.

##### **4.1.4.1 Bens duráveis de consumo**

Bens de consumo são os bens utilizados pelos indivíduos ou famílias, aqueles que podem ser utilizados várias vezes durante longos períodos, como um automóvel, televisão, fogão e outros eletrodomésticos. Dessa maneira, dos 20 entrevistados no Assentamento Fazenda Esperança todos possuem eletrodomésticos como: fogão, geladeira, televisão e

máquina de lavar roupa. 60% dos entrevistados possuem carro e 35% não possuem. 35% possuem moto e 35% não possuem. Os moradores que ainda não adquiriram carro, são aqueles com dificuldades na produção por falta de incentivo financeiro e técnico.

#### 4.1.4.2 Água e serviços de saúde

A água é um recurso natural indispensável à vida de todos seres vivos. É importante fonte de energia e é essencial ao funcionamento da atividade econômica, como por exemplo a agricultura, a indústria e comércio. A falta de recursos hídricos no assentamento Fazenda Esperança é um dos maiores problemas enfrentados pelos moradores devido a distribuição não regular do recurso que impossibilita grande parte da produção no assentamento. Nas entrevistas foi analisado que 80% dos assentados usam poço artesiano coletivo e 20% usam poço artesiano particular. Sendo assim, aqueles que possuem condições instalaram em suas propriedades poço artesiano particular para atenderem suas necessidades básicas e não prejudicar a produção agrícola.

Dentro do Assentamento encontra-se instalado o Programa de Saúde da Família (PSF), programa que conta com uma equipe multidisciplinar e que possui como integrantes básicos Enfermeiro, Técnico de Enfermagem, Médico e Agentes Comunitários de Saúde os quais fazem atendimento uma vez na semana (Figura 8). Em relação a esse atendimento médico 75% dos moradores estão satisfeitos e 35% não estão satisfeitos.

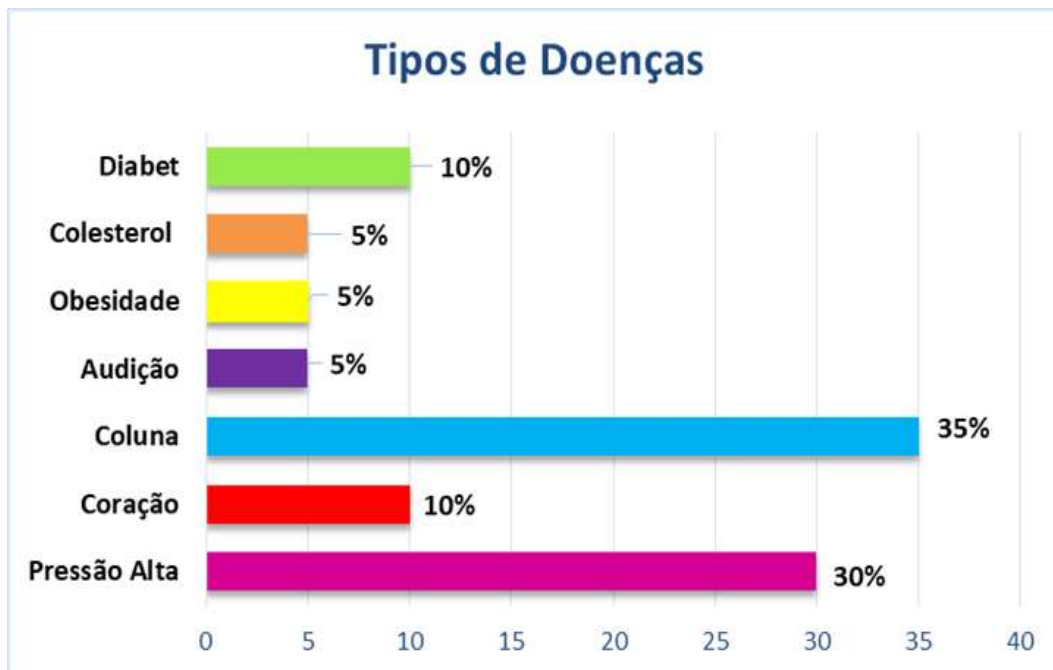
**Figura 8. Posto de Saúde da Gleba Cascata**



Fonte: Lessa (2017).

A maior queixa em relação ao atendimento médico é referente a indisponibilidade do atendimento médico e na falta de interesse nas solicitações de exame dos pacientes por parte do médico. Segundo os moradores o médico só atende uma vez na semana e quando atende não costuma solicitar exames para investigar e acompanhar doenças. Nesse contexto, na análise dos dados da entrevista notou-se que 75% dos entrevistados tem problemas de saúde e 25% não tem problemas de saúde (Gráfico 5).

**Gráfico 5. Doenças mais frequentes**



Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

Diante do gráfico percebe-se que o maior índice de doença entre os moradores é Pressão Alta e problema de Coluna que são doenças adquiridas pela maioria dos idosos. Isso demanda a necessidade de mais atendimento médico dentro do assentamento com mais estrutura e uma ambulância que ainda o assentamento não possui.

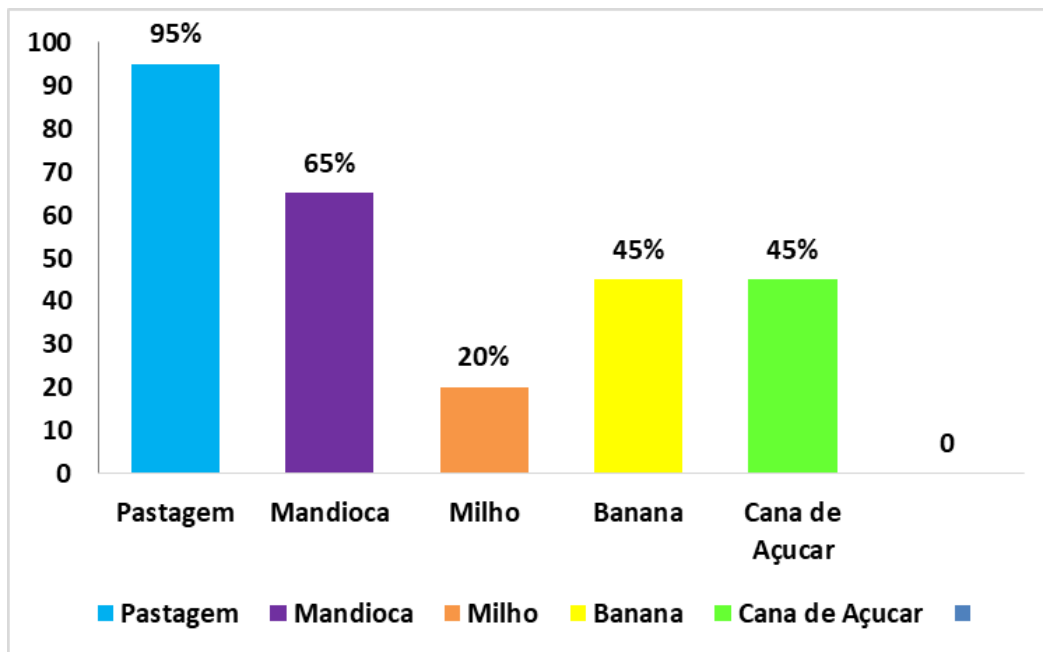
#### **4.1.4.3 A produção e meios de produção**

A dinâmica dos assentamentos, com todas as limitações impostas, permite gerar novas estruturas e novos personagens da produção familiar rural. Nesse aspecto, a análise dos

dados dos produtores rurais entrevistados indica que 75% dos assentados possuem Curral e 25% não possuem. Desses 25% que não possuem Curral, uma parte justifica-se pela falta de recurso para estruturar a propriedade e outra por falta de interesse de desenvolver a atividade.

Na produção agropastoril (Gráfico 6) 95% dos assentados possui Pastagem, 60% possui Pomar e 20% possuem horta, além de alguns cultivos agrícolas.

**Gráfico 6. Uso e Produção Agropastoril**



Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

A mandioca encontra-se no topo da produção agrícola (65% dos lotes entrevistados) pela facilidade do cultivo, resistência a pragas e doenças e mantém seu processo de crescimento no período da seca. A mandioca tem grande utilização para o consumo direto e na produção de farinha, polvilho, araruta e outros.

Já o milho exige mais cuidado com o cultivo e pragas. A produção de cana de açúcar dentro do assentamento é direcionada para alimentação do gado na época da seca.

Os pastos e a pecuária de leite são frequentes nas propriedades e tem importância vital para a renda no assentamento. Além da Pecuária de leite predominante no assentamento, algumas propriedades praticam a pecuária de corte (figura 9).

**Figura 9. Pecuária**

Fonte: Lessa (2017).

Quanto à criação de animais uns percentuais de 70% produzem suínos, 75% aves e 10% peixe. Isso devido a facilidade de criação. Os restos culturais, sobra de alimentação da unidade familiar serve de alimentação para esses animais.

A rusticidade desses animais favorece a criação. Contudo, a criação desses animais é direcionada não só para o consumo direto, mas também para a comercialização em feiras.

No contexto da renda agrícola, 85% dela é adquirida por meio da produção agrícola familiar no assentamento é de 1 a 2 salários mínimo e somente 15% é superior de 3 a 5 salários mínimos. O quadro aponta que 85% dos assentados possuem outra renda e 15% não possuem. Por ser uma comunidade idosa, a maioria dos entrevistados são idosos e possuem aposentadorias, porém continuam trabalhando na roça.

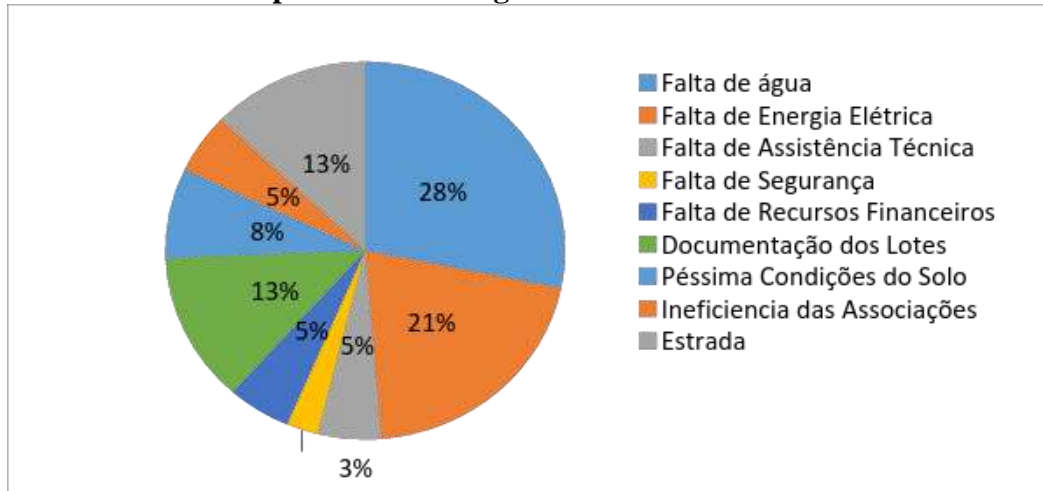
O modelo de agricultura familiar ou de subsistência também aderiu a modernização da produção agrícola com uso de técnicas com base em insumos e defensivos agrícolas. Nos discursos dos produtores é perceptível a unanimidade no uso de produtos químicos no cultivo agrícola. Esse fato não implica somente em impactos ambientais, mas também na relação da população com o ambiente.

#### **4.1.5 Desejos e necessidades dos Moradores**

Os lugares impõem às pessoas certas demandas básicas especialmente de infraestrutura e isso não é diferente em assentamento rural onde larga literatura já tem

apontado para o tema. Neste caminho, no assentamento Fazenda Esperança, 28% dos entrevistados apontaram a falta de água e, outros 20%, falta de energia elétrica, entre os maiores problemas (Gráfico 7).

**Gráfico 7. Maiores problemas do lugar**



Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

Esses resultados apontam a falta de condições básicas de sobrevivência bem como a falta de atenção básica por parte dos governantes às famílias assentadas. No Brasil, os assentamentos têm se formado mediante forte pressão social e sem planejamento no que se refere à oferta de serviços essenciais, especialmente na área da saúde, energia elétrica, estradas (figura 10), água e outros (SCOPINHO, 2010).

**Figura 10. Estrada do Assentamento Fazenda Esperança**

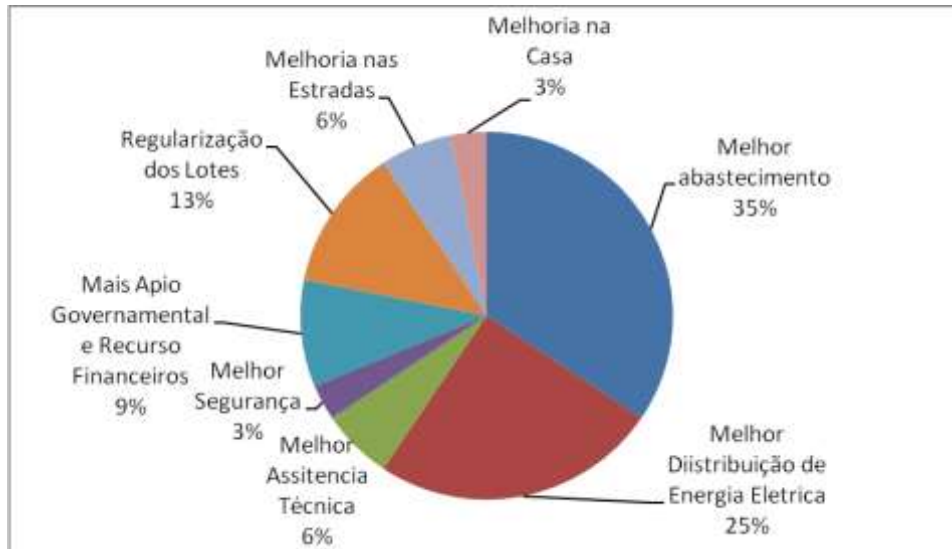


Fonte: Lessa (2017).



O Gráfico 8 mostra que quando insatisfeitos com o lugar as pessoas expressam isso na forma de desejos, algo bastante comum nos assentamentos rurais.

**Gráfico 8. Desejos referentes ao lugar**



Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

Com base no gráfico acima, 34% dos entrevistados desejam melhor abastecimento de água e 25%, melhor distribuição de energia elétrica. Posto isto, reafirma-se a falta de atenção básica à infraestrutura, por parte do Poder Público às famílias assentadas.

Diante dos dados acima é importante destacar o grau de satisfação dos entrevistados que mesmo com problemas de infraestrutura e incentivo governamentais 90% afirmam estar satisfeitos com o assentamento e 28% dizem que o assentamento significa tudo.

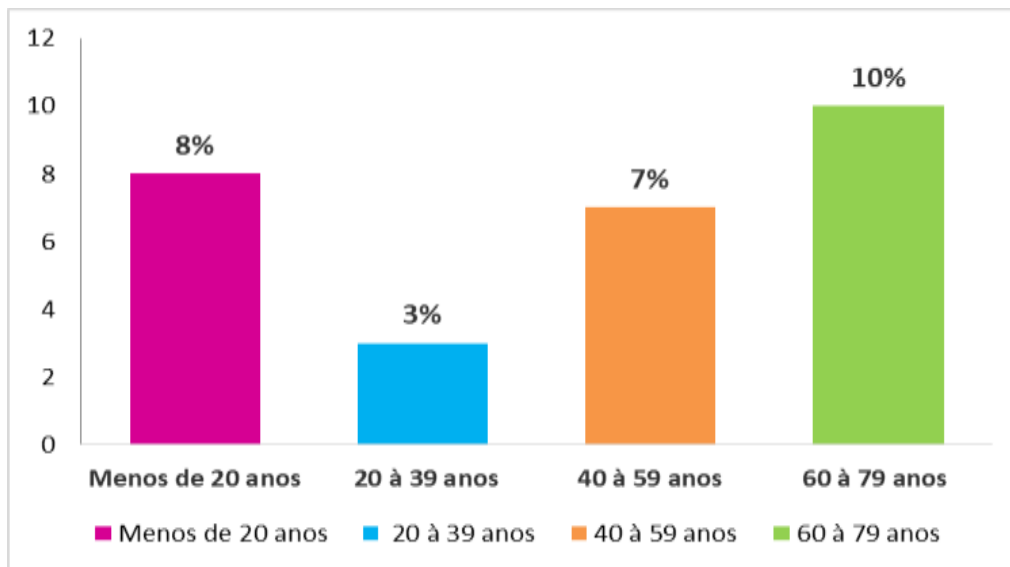
## 4.2 O CASO DO ASSENTAMENTO PADRE JOZIMO

### 4.2.1 O lugar e a socioeconomia

O Assentamento Padre Jozimo apresentou uma composição média familiar de 2,8 pessoas por família entrevistada, com no mínimo 02 pessoas e no máximo, 05 pessoas da família, compostas por 17 homens e 11 mulheres (Gráfico 11). Do total de 28 pessoas, 11 delas estão estudando. Sobre a questão da religiosidade a Religião Católica também

predomina no assentamento Padre Jozimo, sendo 09 Católicos e 01 Evangélico. Dentro do assentamento a origem mato-grossense se destaca entre os entrevistados sendo 06 do Estado de Mato Grosso, 03 da Bahia, 02 de São Paulo, 01 do Ceará e 01 do Paraná os quais 06 responderam ser 1º proprietário do lote. Nota-se que 35% dos entrevistados são idosos com a média de idade de 60 a 79 anos e 35% entre 40 a 59 anos de idade (Gráfico 9).

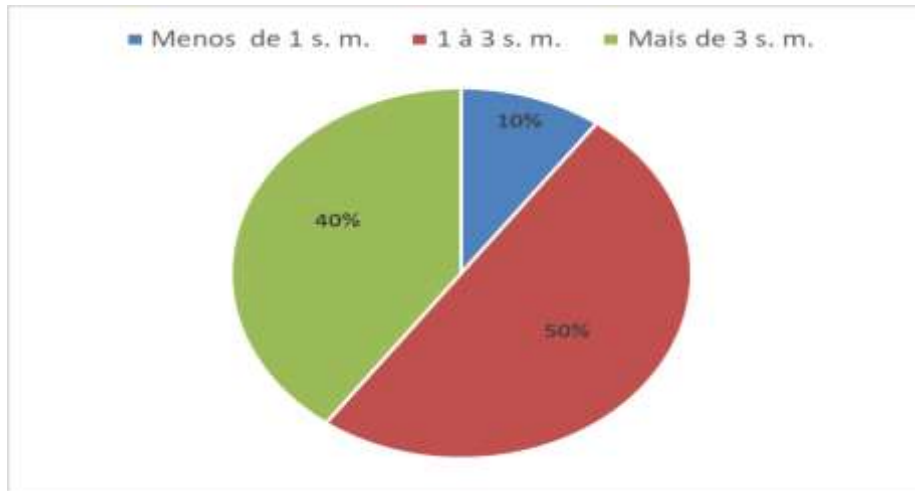
**Gráfico 9. Idade**



Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

Isto posto, podemos considerar que o percentual entre adultos e idosos dentro do assentamento são nivelados, composto por 17 homens e 11 mulheres entre os quais 11% não tem escolaridade, 22% possui o Ensino Fundamental e 33%, o Ensino Médio completo.

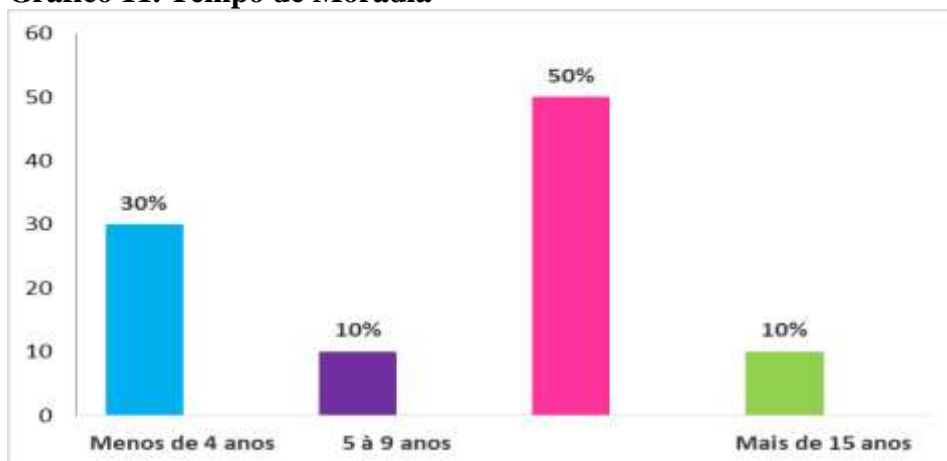
No tocante à renda familiar (Gráfico 10), percebe-se que 50% dos entrevistados possuem a renda de 1 a 3 salários mínimos, 40% mais de 3 salários mínimos e 10% menos de 1 salário mínimo. Esta renda é composta pela renda agrícola e não-agrícola (bolsas e outros benefícios governamentais).

**Gráfico 10. Renda Familiar**

Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

Os 10% que percebe menos de um salário mínimo, são famílias recém-chegadas no assentamento em busca de terra para trabalhar e que ainda não possuem outra renda e estão tentando se estruturar. No entanto, com base nos dados podemos analisar que as famílias entrevistadas do Assentamento Padre Jozimo são mais estruturadas e produtivas em relação às famílias do Assentamento Fazenda Esperança. Conforme os entrevistados, as atividades produtivas que desenvolvem no assentamento são para o consumo próprio e para comercialização.

A renda também está relacionada com o tempo de moradia (Gráfico 11) no assentamento que possibilita estrutura melhor para produção e, conseqüentemente, um incremento à renda familiar.

**Gráfico 11. Tempo de Moradia**

Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

Os dados indicam que 60% dos entrevistados residem há mais de 10 anos e 30% residem menos de quatro anos. Elementos do cotidiano na área rural são importantes na ligação e permanência ao lugar como, por exemplo, o contato com a natureza que é um fator determinante na satisfação com o lugar. A respeito disso, 100% dos sujeitos entrevistados afirmam estar satisfeitos com o assentamento. Nesse sentido, a permanência dos moradores no assentamento não está apenas vinculada a uma questão de trabalho e sobrevivência, mas sobretudo pela identidade com o ambiente natural que constitui o sentimento topofílico pelo lugar.

#### **4.2.2 A Identidade/Significado do Lugar**

Como os homens percebem e concebem seu ambiente, a sociedade e o mundo? Por que os valorizam mais ou menos e atribuem aos lugares significações? Que técnicas os grupos adotam, no sentido de dominar e tornar produtivo ou agradável o meio onde vivem? Como imaginaram, atualizaram, transmitiram ou difundiram seu know-how? Quais são os elos que estruturam os conjuntos sociais e como são legitimados? De que maneira os mitos, as religiões e as ideologias contribuem para dar um sentido à vida e ao contexto onde ela se realiza? (CLAVAL, 2007).

Esse questionamento refere-se a diferentes concepções sobre o espaço e o lugar, e as formas de como as pessoas os valorizam e atribuem significações. Nesse contexto, Tuan (1975), afirma que o lugar é um centro de significados construído pela experiência. O lugar é conhecido não somente através dos olhos e da mente, mas também pelos modos mais passivos e diretos da experiência. Neste sentido a natureza, a casa, a propriedade e o assentamento constituem os lugares-ambientes de relações afetivas e vitais mais próximas dos moradores no Assentamento Padre Jozimo.

##### **4.2.2.1 Significado da Natureza**

Sobre o Significado da Natureza para os entrevistados, sete (7) responderam que a Natureza significa *tudo*, seis (6) responderam que significa *Vida*, dois (2) responderam que significa *Tranquilidade/Paz* e outros dois (2) responderam significar *Clima Gostoso e Ar*

*Puro*. Nesse sentido, Branco (1997, p 22) afirma que:

O homem quer queira quer não, depende da existência de uma natureza rica, complexa e equilibrada em torno de si. Ainda que ele se mantenha isolado em prédios de apartamentos, os ecossistemas naturais continuam constituindo o seu meio ambiente (BRANCO, 1997, p. 22).

Assim sendo, podemos entender que a natureza está no homem e o homem está na natureza, algo inseparável. O sentido da natureza para os entrevistados também está relacionado a algo sagrado, respeitável, admirável e não apenas utilitário e comercial como hoje na sociedade capitalista em que vivemos.

#### 4.2.2.2 A casa como lugar

Conforme foi discutida essa categoria no Assentamento Fazenda Esperança a casa é o lugar mais próximo entre os seres humanos, é o porto seguro que abriga um indivíduo ou família. É onde se estabelece as relações de intimidade, afetividade, de pertença e de acúmulo de experiências. Nesse sentido, 100% dos sujeitos entrevistados estão satisfeitos com suas casas e 60% tem interesse de ampliar e 40% não tem interesse. A casa (figura 11) na zona rural (campo) é desejo de muitas pessoas.

**Figura 11. Casa no Assentamento Padre Jozimo**



Fonte: Lessa (2017).

A primeira extensão depois da casa é a propriedade para o assentado que nem sempre tem a mesma conotação e sentimento topofílico que a primeira.

### 4.2.2.3 A propriedade como lugar

Nessa categoria pontua-se a ligação dos moradores com a propriedade rural que compõem sentimentos de topofilia e a repulsão aos centros urbanos que constitui o sentimento de topofobia. Sobre isso, Tuan (1980, p. 111) debate que:

O apego à terra do pequeno produtor ou camponês é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela. (...) para o trabalhador rural a natureza forma parte deles (...) A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança (TUAN, 1980, p. 111).

Essa afeição e apego com a terra, com as plantações e animais, estão evidenciados nos 100% dos entrevistados que afirmam estar satisfeitos com a propriedade rural, e que em nenhum momento pensam em trocar sua propriedade rural por uma casa na cidade. Isto posto, entendemos que mesmo com todas limitações imposta pelos moradores dentro do assentamento, ainda assim a maioria está satisfeito com a propriedade rural e que em hipótese alguma trocariam seu lugar no campo por uma casa na cidade.

### 4.2.2.4 O assentamento como lugar

De acordo com os dados (Gráfico 12), 25% dos entrevistados responderam que o assentamento significa “Tudo” e 42% responderam que significa “Meio de Sobrevivência”.

**Gráfico 12. Significado do Assentamento**



Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

Com base nos números, podemos afirmar que o assentamento é o meio de vida, trabalho e sobrevivência para essas famílias, sendo, portanto, local e lugar de grande importância para manutenção da própria vida e existência.

Sobre a imagem Antiga do Assentamento, seis (6) responderam ter a imagem de *Mato/Pasto*, um (1) respondeu ter a imagem *Degradado*, um (1) respondeu ter a imagem de *Estrada Ruim* e dois (2) responderam não ter imagem antiga por serem recentes moradores no assentamento.

A imagem antiga que os entrevistados responderam ter de *Mato e Pasto* refere-se ao ambiente que encontraram na criação do Assentamento, fruto da atividade pastoril da antiga fazenda desapropriada. Sobre a imagem Atual do assentamento, cinco (5) responderam ter a imagem atual de *Evolução e Construção*, três responderam ter a imagem da *Casa/Plantação/Criação*, um respondeu ter a imagem *Preservado* e um também respondeu ter a imagem de *Melhora na Estrada*.

Outro aspecto importante nessa discussão é o motivo de mudança para o Assentamento Fazenda Esperança. Entre os entrevistados dez (10) responderam ter mudado para o assentamento em Busca da Terra para o Trabalho e Produção; quatro (4) pelo Contato com a Natureza e dois (2) por motivo de Segurança.

Posto isto, verifica-se que os assentamentos são refúgios para famílias rurais e desfavorecidas pela estrutura fundiária do país e acabam recorrendo às disputas territoriais contra os modos capitalistas de produção, por não terem condições econômicas de acompanhar os processos de modernização e expansão agrícola capitalista.

#### **4.2.3. Relações Sociais e Associativismo**

Do ponto de vista de ajuste ao ambiente social do entorno, a organização da sociabilidade do assentamento apresenta características semelhantes ao do bairro rural, descrito na obra de Antônio Cândido (1999). Segundo o autor, ainda, a estrutura de vizinhança e a posse da terra compreenderam uma função de relativa estabilidade na vida do caipira. Nessa perceptiva, nota-se que as relações comunitárias, vizinhança e o associativismo dentro do assentamento são aspectos que estabelecem laços afetivos e comunitários com o lugar.

Segundo relatos dos entrevistados, 100% estão satisfeitos com os vizinhos. Dos dez

(10) entrevistados seis (6) participam das Associações e quatro (4) não participam. Sobre as Reuniões no Assentamento (Figura 13), sete (7) responderam participar e três (03) responderam não participar. Já sobre as Festas no Assentamento oitos (8) responderam participar e dois (2) responderam não participar.

**Figura 12. Salão Comunitário do Assentamento Padre Jozimo**



Fonte: Lessa (2017).

Referente às relações sociais e a cultura nos assentamentos rurais, compreendemos como um conjunto de relações sociais e territoriais formada por atitudes, saberes, técnicas e valores, que fazem parte do cotidiano dos assentados. O lugar somente existe sob uma base territorial e, a seu turno, o território é resultado de "teias ou redes de relações sociais" (SOUZA, 1995).

Desse modo, concordamos que a construção da identidade está conectada a natureza simbólica e a subjetiva (representações) e seus referentes mais objetivos e materiais (a experiência social em sua materialidade), como já sinalizado por Saquet (2007). Em sua análise sobre o conceito de território, discute a importância de um estudo empírico territorial que aborde as dimensões: econômica, política e cultural não deixando de lado a dimensão natural no processo de apropriação do espaço por meio das relações de poder, como se pode ver.



#### **4.2.4 Infraestrutura e produção**

Conforme já foi discutida essa categoria na análise do Assentamento Fazenda Esperança, o grau de satisfação com o lugar também depende das condições básicas de manutenção, produção e infraestrutura (meios e serviços) disponíveis aos moradores em assentamentos. Assim, os bens de consumo e produção, disponibilidade de água, serviços médicos e produção são meios e condições para relações topofílicas ou topofóbicas das pessoas nos assentamentos rurais estudados.

##### **4.2.4.1 Bens duráveis de consumo**

Bens de consumo são os bens utilizados pelos indivíduos ou famílias. Os Bens de consumo duráveis são aqueles que podem ser utilizados várias vezes durante longos períodos, como um automóvel, televisão, fogão e outros eletrodomésticos. Nesse aspecto, dos 10 entrevistados no Assentamento Padre Jozimo todos possuem eletrodomésticos como: fogão, geladeira, televisão e máquina de lavar roupa. Já em relação aos meios de transportes, 80% dos assentados possuem carro e 20% e 60% possuem Moto.

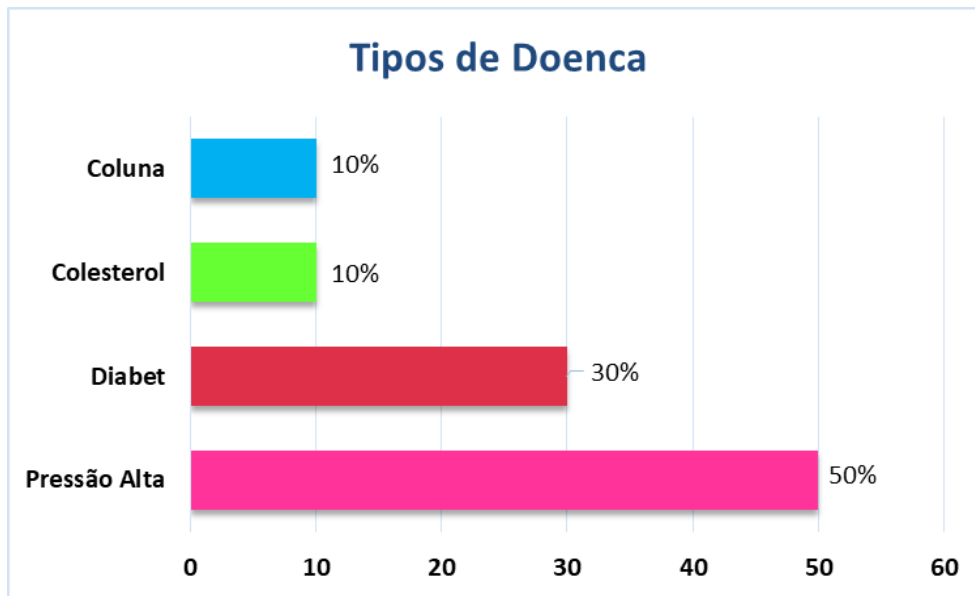
##### **4.2.4.2 Água e serviços de saúde**

Como já citamos aqui, a água é um recurso indispensável a vida de todos os seres humanos, sendo importante fonte de energia e funcionamento de toda atividade econômica. Os moradores do Assentamento Padre Jozimo não têm problemas com abastecimento de água, a distribuição é feita regularmente. Dessa forma, 100% dos entrevistados usam Poço Artesiano público e não precisam investir em poço artesiano particular.

Dentro do Assentamento encontra-se instalado o Programa de Saúde da Família (PSF), programa que conta com uma equipe multidisciplinar e que possui como integrantes básicos Enfermeiro, Técnico de Enfermagem, Médico e Agentes Comunitários de Saúde os quais fazem atendimento dentro do assentamento uma vez na semana. Referente a isso, 90% dos entrevistados estão satisfeitos com o atendimento médico e 10% não estão satisfeitos. A

maior queixa em relação ao atendimento médico nessa comunidade, também está na indisponibilidade do atendimento médico e na falta de interesse nas solicitações de exame dos pacientes por parte do médico. Nesse sentido, com base nos dados, observou-se 70% tem problemas de saúde e 30% não possuem problemas de saúde (Gráfico 13).

**Gráfico 13. Doenças mais frequentes entre os assentados**

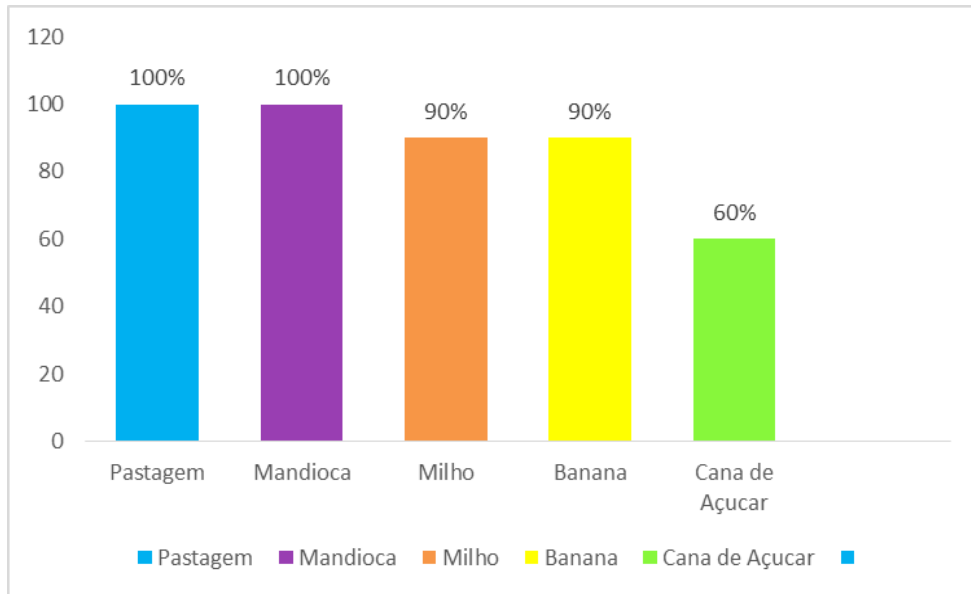


Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

De acordo com o gráfico, podemos considerar que 50% dos entrevistados tem problemas de Pressão Alta e 30% problemas de Diabetes. Sendo assim, reforçamos a necessidade de um Posto de Saúde com atendimento diário e mais estruturado, com uma ambulância.

#### **4.2.4.3 A produção e meios de produção**

Com base nos números do Gráfico 14, todos os sujeitos entrevistados possuem pastagem em suas propriedades. Quanto à produção 100% cultivam mandioca, 90% cultivam milho- banana e 60% cana de açúcar.

**Gráfico 14. Uso e Produção Agropastoril**

Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

Os dados se assemelham aos do Assentamento Esperança, em tipos de produtos e percentagens de propriedades. A mandioca tem grande utilização para o consumo direto e na produção de farinha, polvilho, araruta e outros (figura 13). Já o milho exige mais cuidado com o cultivo e pragas. A banana t'ém problema de fitossanitário (doença da planta). A produção de cana de açúcar dentro do assentamento é direcionada para alimentação do gado na época da seca.

**Figura 13. Mandioca: um dos principais cultivos agrícolas**

Fonte: Lessa (2017).

Uma percentagem expressiva de propriedades com pastos indica a importância da pecuária de corte e de leite. Assim, esta atividade é praticada por 80% dos entrevistados cujos dados condizem com a realidade do Brasil onde na Centro-Oeste as propriedades de agricultura familiar são as que mais trabalham com a pecuária leiteira (61% dos estabelecimentos) (ZOCCAL et. al., 2003).

Tanto a pecuária de corte como a leiteira estão presentes em 80% dos lotes entrevistados, voltada para a comercialização e consumo próprio, sendo praticadas nos mesmos espaços e pastos (Figura 14). O Assentamento Padre Jozimo é um dos fornecedores de leite para o Laticínio Natan em Rondonópolis.

**Figura 14. Pecuária mista de leite e corte**



Fonte: Lessa (2017).

A vida diária do produtor assentado está bastante atrelada à produção de leite que inicia cedo com a ordenha, o transporte até o resfriador de leite (Figura 15) e o manejo do rebanho no pasto e curral.

**Figura 15. Produtor de Leite**



Fonte: Lessa (2017).

Em relação a outras criações, 90% produzem suínos e aves. Isso devido a facilidade de criação. Os restos culturais, sobra de alimentação da unidade familiar serve de alimentação para esses animais e a rusticidade desses animais favorece a criação. Contudo, a criação desses animais é direcionada não só para o consumo direto, mas também para a comercialização em feiras. Nessa perspectiva, 90% da renda da produção agrícola é de 1 a 2 salários mínimos e 10% de 3 a 5 salários mínimos.

Em relação a produção, 100% dos entrevistados usam em seus cultivos agrícolas, produtos químicos. Estes produtores dizem ter consciência de que o uso desses produtos químicos não causa somente impactos ambientais, mas também na relação da população com o ambiente. De acordo com os entrevistados, o manejo orgânico é contínuo, requer técnica e conhecimento além do que nem sempre as características atendem as necessidades do mercado o que determina o uso dos químicos. Dos dez entrevistados, 90% possuem outra renda além da produção. Isso acontece porque a maioria dos entrevistados são idosos e possuem aposentadorias.

Até aqui os dados gerais de bens materiais de consumo e produção corroboram os dados de Kageyama, Bergamasco e Oliveira (2010, p. 37) que analisaram o Censo Agropecuário de 2006 e afirmam que:

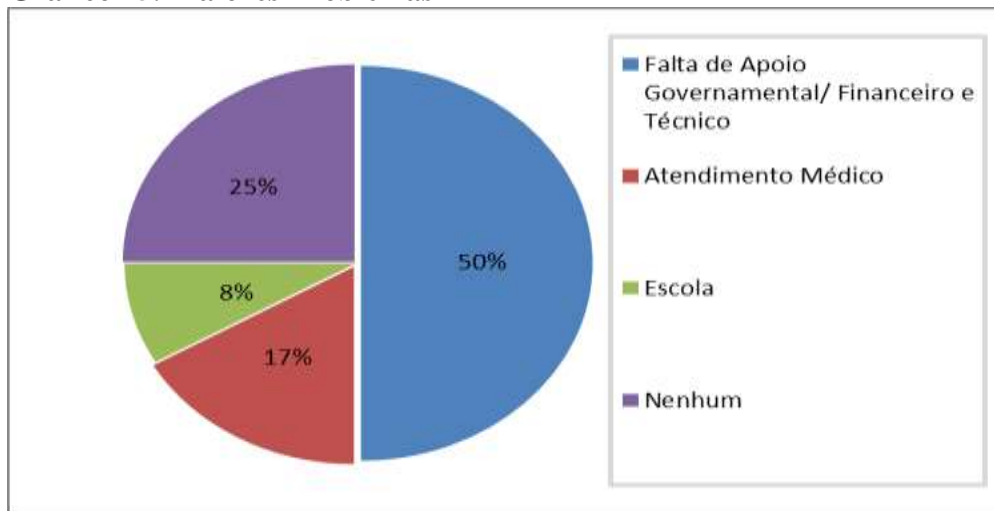
apesar da precariedade dos serviços públicos, dos conflitos iniciais e dos atrasos na liberação de recursos, os dados da pesquisa indicaram que houve melhoria significativa nas condições de vida das famílias assentadas — ainda que sigam bastante deficientes — em relação a moradia, saúde, alimentação, educação e poder de compra (OLIVEIRA, 2010, p.37).

De fato, é notável uma melhora dentro dos assentamentos. O pouco investimento destinado à reforma agrária no Brasil nos anos de 2004 até 2015, teve um rápido retorno e melhor qualidade de vida para essas famílias que necessitam da terra para sobreviver. Isso significa que, quando há investimento e interesse por parte dos políticos o resultado é certo, gera riquezas para nossa sociedade minimizando conflitos e problemas sociais.

#### 4.2.4.4 Desejos e necessidades dos Moradores

A relativa e constatada satisfação com as condições materiais, nos dados acima, não significa que os assentados estão totalmente satisfeitos, por isso indicam muitas demandas em seus desejos (Gráfico 15).

**Gráfico 15. Maiores Problemas**



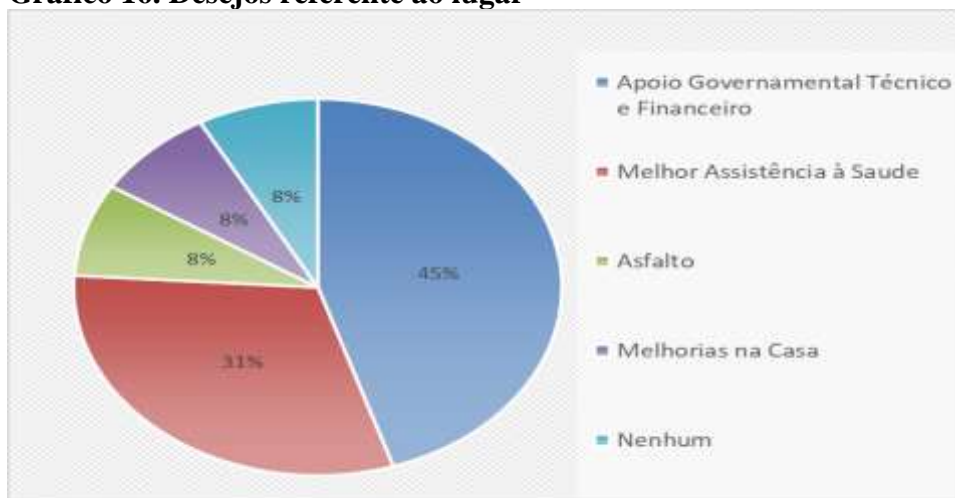
Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

O maior problema relatado levantado é a falta de apoio governamental (50% dos entrevistados) que apoie trabalho produtivo e a atenção básica aos serviços essenciais como saúde e educação. No entanto, 25% da opinião dos entrevistados dizem não ter nenhum problema e que estão satisfeitos com tudo.

Em termos de políticas públicas o campo brasileiro ainda carece de mudanças significativas para o alcance de um desenvolvimento rural. Em relação à política de crédito, os trabalhadores viram como o PROCERA foi substituído pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Esta substituição não só representa uma perda econômica para os trabalhadores, mas também uma derrota política na implementação de um projeto de resistência da luta pela terra. Estas políticas foram criadas em resposta às ações dos trabalhadores "sem-terra", que são resultado de um novo paradigma da questão agrária, chamado de "agricultura familiar", cuja referência o papel central do Estado como gestor principal de projetos para a "integração" dos agricultores no mercado.

Com base nos estudos já feitos a esse aspecto, percebe-se que a reforma agrária não é uma simples distribuição de parcelas de terras, e que para a elaboração de uma política agrícola sólida, é necessário também facilitar as condições de acesso aos subsídios e crédito, assistência técnica e infraestruturas adequadas para a mobilidade e fluidez da produção. Nesse sentido, a não conclusão da reforma agrária não significa apenas que mantemos uma situação objetiva de injustiça social, mas também que isso afeta a produção agrícola de culturas para a subsistência do povo e do país. É uma questão do campo político, social, técnico e econômico. Para tanto, é essencial uma reforma estrutural nas políticas territoriais e sociais, com o engajamento e envolvimento dos atores social na afirmação dos direitos sociais e civis e cidadania. Uma ação conjunta de toda sociedade e governo no planejamento de políticas públicas direcionadas a inclusão social e amparo a população mais vulneráveis no processo de exclusão social.

**Gráfico 16. Desejos referente ao lugar**



Organizado pela autora a partir do trabalho de campo (2017).

Frente aos dados, notamos mais uma vez a carências de apoio governamental técnico-financeiro e nos serviços essenciais como saúde. A situação da saúde como um todo, e no caso rural como uma particularidade, revela a gestão ineficiente dos serviços de saúde nos assentamentos. Podemos afirmar que o Brasil ainda não fez políticas públicas de reforma agrária que efetivamente fortalecesse a agricultura familiar e camponesa, assim como não há nenhum projeto de desenvolvimento rural sustentável. Nesse contexto Fernandes (2004, p.20) argumenta que:

É fundamental, reafirmar que esse novo momento é resultado da inexistência de uma política de reforma agrária, da extinção dos programas de escassas políticas públicas destinadas ao desenvolvimento dos assentamentos, da criminalização das ocupações e da mercantilização da questão agrária (FERNANDES, 2004, p. 20).

Essas questões relacionadas representam um problema histórico no Brasil de má distribuição de terra, onde a elites dominantes e os governos não tiveram interesse de corrigir e resolver. Assim, as injustiças sociais muitas vezes são motivo de conflitos e, conseqüentemente, mortes de trabalhadores no campo. Por isso a importância de uma legislação e política agrárias que realmente atendam às necessidades desse público e promovam a justiça social.

### **4.3 ANÁLISE COMPARATIVA DOS ASSENTAMENTOS**

Após análise e discussão dos dados individualmente nos assentamentos estudados, pode-se fazer uma síntese comparativa de alguns aspectos específicos relacionados com os objetivos da pesquisa. Para isso, a Figura 16, no Quadro a seguir, mostra as categorias de análise para o estudo da identidade do lugar nos assentamentos que são: Assentado e Família, Infraestrutura, Produção, Problemas e Desejos, Identidade e Satisfação com o Lugar e Relações Sociais e Associativismo. Dentre algumas destas Categorias foram escolhidos alguns indicadores ou elementos de análise.



**Figura 16. Quadro comparativo da identidade do lugar na percepção dos moradores nos Assentamentos Fazenda Esperança (Rondonópolis) e Padre Jozimo (São José do Povo) em Mato Grosso**

CATEGORIAS	ASSENTADO E A FAMILIA			INFRA-ESTRUTURA	USO E PRODUÇÃO AGRÍCOLA	PROBLEMAS/ DESEJOS	IDENTIDADE E SATISFAÇÃO COM O LUGAR				
	Indicadores	Faixa etária predominante	Média de Pessoas/Família				Renda Média Familiar (S.M.)	Natureza	Casa	Propriedade	Assentamento
ASSENTAMENTO FAZENDA ESPERANÇA	54% de pessoas entre 40 - 79 anos	2,6 pessoas	1 à 3 Salários Mínimo = 70%  - de 1 Salários Mínimo. = 20%	Satisfeitos:  - 75% com serviços de saúde  Demandas: falta de água	Aves e suínos (75%)  Leite e pastos (95%)  Mandioca (65%) Pomar (60%)	<u>Problemas:</u>  -Água (25%) - Energia elétrica (21%)  <u>Desejos/ Necessidades:</u>  - Água - Energia elétrica	Tudo (60%)  Vida (40,5%)	75% satisfeitos	95% satisfeitos	Tudo (28%)  Vida (22%)  - Todos os significados topofílicos	100% satisfeitos com vizinhança  80% satisfeitos com associações
ASSENTAMENTO PADRE JOZIMO	70% de pessoas entre 40 - 79 anos	2,8 pessoas	1 à 3 Salários Mínimo. = 50%  -1 Salário Mínimo. = 10%	Satisfeitos: - água (100%) - serviços médicos (90%)	Pastagem/leite e Mandioca (100%)  Milho/Banana (90%) Suínos/Aves (90%) Cana-De-Açúcar (60%)	<u>Problemas:</u>  - Apoio governamental (50%)	Tudo (25%)  Vida (21,4%)	100% satisfeitos	100% satisfeitos	Meio de Sobrevivência (42%)  Tudo (25%)  - Todos os significados topofílicos	100% satisfeitos com vizinhança  60% satisfeitos com associações

Fonte: Organização da autora. Dados da pesquisa.

A Figura 16, o Quadro acima apresenta aspectos importantes da pesquisa que tem relação direta ou indireta com a identidade e satisfação dos moradores com o lugar. São eles:

**1- O assentado e a família:** no Assentamento Fazenda Esperança predomina uma faixa etária menor do que no Assentamento Padre Jozimo, que explica possivelmente, uma renda familiar mais alta, chegando a 70% das pessoas.

**2- Infraestrutura:** a satisfação com as condições materiais, bens e serviços é maior no Assentamento Padre Jozimo do que no Fazenda Esperança que pode ser justificado por este último ter sido criado a menos tempo do que aquele. Também soma-se a isso a menor área dos lotes e condições restritivas de solo, topografia e água. Por isso, a falta de água é a demanda e o problema maior no Assentamento Fazenda Esperança.

**3- Produção:** a produção é relativamente diversificada nos dois assentamentos em maior grau no Padre Jozimo, resultado também de maior tempo de criação e, principalmente, das condições naturais para agricultura e criações. Isso é comprovado pela produção de mandioca e produção leiteira presente em 100% das propriedades.

**4- Problemas e Desejos:** estão vinculadas as necessidades e aspirações materiais ou imateriais dos assentados. Os dados mostraram que estes componentes individuais e sociais dos lugares estão integralmente relacionados aos componentes materiais. Assim, a água e a energia elétrica foram os problemas mais relevantes no Assentamento Fazenda Esperança e a falta de apoio governamental, no Padre Jozimo.

**5- Identidade e Satisfação com o Lugar:** aqui estão os dados mais caros para os objetivos da pesquisa, pois mostram de forma mais clara a percepção, representações e grau de satisfação do lugar que vai desde a casa até as relações sociais dos assentados.

A natureza, componente primeira do lugar, é identificada como tudo ou própria vida, para os moradores dos dois assentamentos, com maior ênfase para o assentamento Padre Jozimo. A presença maior e mais próxima da natureza possibilita relação mais íntima de existência e manutenção da vida, podendo converter-se em patrimônio natural (ALMEIDA, 2003).

A casa como lugar teve grau de satisfação maior no assentamento Padre Jozimo (100%) do que no Fazenda Esperança (75%). Isso pode ser explicado pelo tempo do assentamento e de moradia nele como já apontado por Tuan (1983) e Holzer (2003) que veem uma profunda relação entre tempo e lugar.

A propriedade ou o lote recebido no assentamento, também é lugar de grande satisfação para os moradores dos dois assentamentos, ficando na mesma proporção de afeição que a casa. O lugar de produção (terra-propriedade), buscado pelas pessoas sem-terra, transforma-se em lugar de vida (casa).

O assentamento é outra escala de lugar que para os moradores teve significados diversos para entrevistados de ambos os assentamentos. Significa tudo (28%) e vida (22%) dos entrevistados no assentamento Fazenda Esperança e meio de sobrevivência (42% dos moradores) no Padre Jozimo. Em todas as respostas dos entrevistados foram atribuídos significados topofílicos aos assentamentos.

**6- Relações Sociais e Associativismo:** as relações sociais de vizinhança mostraram 100% de satisfação enquanto as de associativismo tiveram menor grau, ou seja, 80% na Fazenda Esperança e 60% no Padre Jozimo. O primeiro assentamento é melhor servido por cinco associações, fato este que pode explicar em parte satisfação total. Já no Padre Jozimo existem apenas duas associações cujo número pode não atender satisfatoriamente aos moradores.

As relações sociais que iniciam na família e se ampliam na vizinhança e associações são componente fundamental para o lugar que, aliadas à natureza e significado, lhe define, mantém ou extingue quando da interrupção das relações afetivas entre o homem e o espaço.

Os dados analisados nos dois assentamentos apontam para a satisfação e pertencimento dos moradores com o lugar, em quase todos os aspectos, com exceção em aspectos de infraestrutura, serviços de saúde e produção, ou seja, demandas externas suas vontades e decisões. Estas informações são importantes para as políticas públicas municipais e estaduais voltadas para os assentamentos e municípios envolvidos na pesquisa.

## 5. CONCLUSÃO

Os caminhos metodológicos e as bases teóricas de Tuan e Sack aplicadas na pesquisa mostraram-se satisfatórios para o conhecimento da identidade do lugar bem como as leituras que os sujeitos entrevistados estabelecem a partir da vivência do lugar.

De acordo com os relatos dos sujeitos entrevistados foi possível perceber uma relação de topofilia com o lugar arquitetado por meio de suas histórias de vidas, participação na construção do assentamento e, sobretudo pela identidade com elementos da vida cotidiana na propriedade rural. Logo, o contato com a natureza é um fator determinante na satisfação com o lugar para os assentados que sobrepõe as demandas da sobrevivência, trabalho e economia.

Nesse contexto, a natureza, componente primeira do lugar, é identificada como tudo ou própria vida, para os moradores dos dois assentamentos, com maior ênfase para o assentamento Padre Jozimo. A presença maior e mais próxima da natureza possibilita relação mais íntima de existência e manutenção da vida, podendo converter-se em patrimônio natural (ALMEIDA, 2003). Posto isso, podemos compreender que a natureza está no homem e o homem está na natureza, algo inseparável. O sentido da natureza para os entrevistados também está relacionado a algo sagrado, respeitável, admirável e não apenas utilitário e comercial como hoje na sociedade capitalista em que vivemos. Entretanto, nas observações *in loco*, foi verificado tanto no Assentamento Fazenda Esperança como no Padre Jozimo, alguns sinais de degradação e uso incorreto dos meios naturais que com certeza acarretará agravos ao meio de vida a essas famílias levando ao rompimento de laços afetivos com meio em que vivem estabelecendo assim relações de Topofobia com o lugar. Com isso torna-se perceptível que os sujeitos da agricultura familiar considerem os limites dos recursos naturais com melhor equacionamento da utilização antrópica e das potencialidades naturais, e sua capacidade de suporte em consonância com a preservação e conservação do meio ambiente.

Por conseguinte, os dados mais caros para os objetivos da pesquisa: a Identidade e Satisfação com o Lugar mostram de forma mais clara a percepção, representações e grau de satisfação do lugar que vai desde a casa até as relações sociais dos assentados. A casa como lugar teve grau de satisfação maior no assentamento Padre Jozimo (100%) do que na Fazenda Esperança (75%). Isso pode ser explicado pelo

tempo do assentamento e de moradia nele como já apontado por Tuan (1983) e Holzer (2003) que veem uma profunda relação entre tempo e lugar. A propriedade ou o lote recebido no assentamento, também é lugar de grande satisfação para os moradores dos dois assentamentos, ficando na mesma proporção de afeição que a casa.

O lugar de produção (terra-propriedade), buscado pelas pessoas quando ainda sem-terra, transforma-se em lugar de vida (casa) para o assentado. O assentamento é outra escala de lugar que teve significados diversos para entrevistados de ambos os assentamentos. Significa tudo (28%) e vida (22%) dos entrevistados no assentamento Fazenda Esperança e meio de sobrevivência (42% dos moradores) no Padre Jozimo. Em todas as respostas dos entrevistados foram atribuídos significados topofílicos aos assentamentos que caracteriza a ligação e permanência no local.

A produção é diversificada nos dois assentamentos em maior grau no Padre Jozimo, resultado também do maior tempo de criação e, principalmente, das condições naturais para agricultura e criações. Isso é comprovado pela produção de mandioca e produção leiteira presente em 100% das propriedades. Dessa forma, esses dados mostram que a dinâmica dos assentamentos com todas as limitações imposta, permite gerar novas estruturas e personagens da agricultura familiar. Nessa afirmação os assentamentos oferecem determinadas alternativas econômicas e sociais para parte significativa de trabalhadores brasileiros, que se encontram marginalizados e excluídos do processo de produção vigente e que conformam a questão agrária brasileira. A partir dos dados da produção agrícola e pecuária é possível verificar que o futuro dessas famílias em relação as condições de produção e renda não será muito diferente da realidade atual onde 10% das famílias do Assentamento Fazenda Esperança e Padre Jozimo ainda possuem renda menor de 1 salário mínimo e que dependem efetivamente da produção agrícola familiar para sobreviver. Isso se não houver mais apoio governamental e facilitar as condições de acesso aos subsídios e crédito, assistência técnica e infraestruturas adequadas para a mobilidade e fluidez da produção.

Já os problemas e desejos dos assentados estão atrelados às necessidades e aspirações materiais ou imateriais dos assentados. Os dados mostraram que estes componentes individuais e sociais dos lugares estão integralmente relacionados aos componentes materiais. Assim, a água e a energia elétrica foram os problemas mais relevantes no Assentamento Fazenda Esperança e a falta de apoio governamental, no

Padre Jozimo. Esses dados sinalizam que o Brasil ainda não fez políticas públicas de reforma agrária que efetivamente fortalecesse a agricultura familiar e camponesa. A não conclusão da reforma agrária não significa apenas que mantemos uma situação objetiva de injustiça social, mas também que isso afeta a produção agrícola de culturas para a subsistência do povo e do país. É uma questão do campo político, social, técnico e econômico. Para tanto, é essencial uma reforma estrutural nas políticas territoriais e sociais, com o engajamento e envolvimento dos sujeitos social na afirmação dos direitos sociais e civis e cidadania. Uma ação conjunta de toda sociedade e governo no planejamento de políticas públicas direcionadas a inclusão social e amparo a população mais vulneráveis no processo de exclusão social.

Os dados analisados nos dois assentamentos apontam para a satisfação e pertencimento dos moradores com o lugar, em quase todos os aspectos, com exceção em aspectos de infraestrutura, serviços de saúde e produção, ou seja, demandas externas suas vontades e decisões. Estas informações são importantes para as políticas públicas municipais e estaduais voltadas para os assentamentos e municípios envolvidos na pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.G. Fronteiras, Territórios e Territorialidades. Revista da ANPEGE, N.2. 2005, p.103-114. Disponível em: <http://anpege.org.br/revista/ojs-2.4.6/index.php/anpege08/article/view/86/46>. Acesso em 15/08/16.

AMORIM FILHO, O.B. Os Estudos da Percepção como a Última Fronteira da Gestão Ambiental. Anais do II Simpósio Situação Ambiental e Qualidade de Vida na Região Metropolitana de Belo Horizonte e Minas Gerais. Belo Horizonte, ABGE, 16-20, 1992.

ANDRADE, M, C. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARONE, L. A.; FERRANTE, V. L. S. B. Assentamentos rurais em São Paulo: estratégias e mediações para o desenvolvimento. **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v. 55, n. 3, p. 755 a 785, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S001152582012000300006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S001152582012000300006&script=sci_arttext). Acesso em 15 Jan. 2016.

BRANCO, S, M. **O meio ambiente em debate**. São Paulo: Moderna, 1997. 95p. (Coleção Polêmica).

BOFF, L. **A águia e a galinha**. 4ª ed. RJ: Sextante, 1999.

BOURDIN, A. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A., 2001.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 3 ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CLAVAL, P. “A volta do cultural” na Geografia. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, n. 01, 2002.

CANDIDO, A. **A formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 4. ed. São Paulo: Martins, 1971. 2 v.

CANDIDO, A. **Os parceiros do rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Editora 34, 2001. vol.7, n2, pp 461-472.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 4.ª ed., 2001, p. 143 a 160.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. São

Paulo: Paz e terra, 1999, vol. 3, p. 411-439.

\_\_\_\_\_ **A Sociedade em Rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_ **Information technology, globalization and social development**. UNRISD Discussion Paper No. 114, September 1999.

COCA, E. L. de F. Territorialidades camponesas nos tipos de assentamentos rurais do Território Cantuquiriguaçu, Estado de Paraná, Brasil. **Revista Digital GeoGraphos**. 16 de março de 2013, vol. 4, nº 48, p. 383-410. Disponível em <https://web.ua.es/revista-geographos-giecryal>. Acesso 20/09/17.

COSGROVE, D. **The palladian landscape**. Geographical change and it cultural representations in sixteenth century Italy. University Park, Pennsylvania State University Press, 1993. P 28.

COSTA, D. A. S. da & COSTA, B. P. da. Geografia das (micro) territorializações culturais nas praças do centro urbano de Manaus. **Revista do Núcleo de Estudo em Espaço e Representações**. Curitiba, 2008. P.29.

DARDEL, E. **L'Homme et la Terre - Nature de la Réalité Géographique**. Paris, Ed. CTHS, 1990. (1ª ed. Paris, PUF, 1952).

DANDO AS MÃOS - ORGANIZAÇÃO DOS ASSENTADOS E EMPREENDEDORES EM GERAL. **Desenvolvimento socioeconômico dos empreendimentos da agricultura familiar da região sul do Estado de Mato Grosso**. Financiado pelo EDITAL PROGRAMA PETROBRÁS DESENVOLVIMENTO & CIDADANIA. Projeto (xérox), 2011.

DEL RIO, Vicente. **Cidade da Mente, Cidade Real: Percepção Ambiental e Revitalização na Área Portuária do RJ**. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (Orgs). **Percepção ambiental: A experiência brasileira**, p. 3-22, 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. 2. ed. São Paulo: UFSCAR/Studio Nobel, 1999.

FERNANDEZ, P. S. M. ALMEIDA, M. G. Geografias e imagens de viagem: o território do rio São Francisco e algumas territorialidades vaporzeiras. *Revista de Geografia (Londrina)*, v. 19, n. 2, 2010. pp. 145-161. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>. Acesso em 03/05/17.

FERREIRA, A.D.D. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro: UFRRJ/CPDA, n.18. 2002, p. 48.

FERRANTE, V.L.S.B; BARONE, L.A. **Homens e mulheres nos assentamentos:**



**violência, recusa e resistência na construção de um novo modo de vida.**1998.  
Disponível em: [perspectivas/article/view/2063](#). Acessado em 2012.

GAIOVICZ, E.F. **Território e poder: a produção agroecológica como estratégia de desenvolvimento territorial.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2011.

GOTTMANN, J. The significance of territory. The University Press of Virginia, 1973.  
HAESBAERT, R. **Da desterritorialização à multiterritorialidade.** Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR. Vol. 3. Rio de Janeiro: ANPUR.

HAESBAERT, R. BÁRBARA, M. J. S. **Identidade e Migração em áreas Transfronteiriças.** Revista Geographia, v. 5, pp. 45-65. Niterói: 2001. Disponível em <http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/53>. Acesso em 15/05/17.

HALL, S. Identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro**, IPHAN, 1996, p. 68-75.

\_\_\_\_\_. **A centralidade da cultura.** Educação & Realidade, Porto Alegre, n. 22, v. 2, jul.-dez. 1997.

\_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 11ª edição, 2006.

\_\_\_\_\_. **Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2003.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** Tradução de Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992 [1989].

\_\_\_\_\_. **O enigma do capital e as crises do capitalismo.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Neoliberalismo: História e Implicações.** São Paulo, Edições Loyola, 2008.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território.** Rio de Janeiro: Garamond – LAGET/UFRJ, 1997, n. 03, p. 77-85.

\_\_\_\_\_. **O conceito de lugar na geografia cultural – humanista: Uma contribuição para a geografia contemporânea.** In: **Revista Geographia** – Ano V – Nº 10- 2003.

- HUSSERL, E. **A crise da humanidade Europeia e a Filosofia**. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2008.
- KAGEYAMA, A. A., BERGAMASCO, S. M. P. P. e OLIVEIRA, J. T. A. **Caracterização dos estabelecimentos de assentados no Censo Agropecuário de 2006**. Retratos de Assentamentos. Araraquara-SP, 2010. nº 13, 320p.
- LOWENTHAL, D. Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology. **Annals of the Association of American Geographers**. 1961.
- McLUHAN, M. **The Gutenberg Galaxy**. University of Toronto Press, 1962.
- McLUHAN, Marshall. **Understanding media: The extensions of man** (Critical Ed., W.T. Gordon Ed.). Berkeley/CA, Ginko Press, [1964] 2003.
- MCLUHAN, Marshal e FIORE, Quentin. **O Meio são as Massagens: Um Inventário de Efeitos** (1967). Ímã Editorial, 2011, pp208.
- MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MASSEY, D. **Space, place and gender**. Cambridge: Polity Press, 1994.
- MASSEY, D. **For Space**. London: Sage, 2005.
- MERLEAU-PONTY, M. **“Sobre a fenomenologia da linguagem”**. In: Signos. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MERLEAU-PONTY, M: **Phénoménologie de la perception**. Paris, Gallimard. Tradução brasileira de Carlos A. R. Moura: Fenomenologia da percepção. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- MEDEIROS, L. S; LEITE, S. (Orgs.). **A formação dos assentamentos rurais no Brasil: processos sociais e políticas públicas**. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Ed. UFRGS/CPDA, 1999.
- OLIVEIRA, L. A percepção da qualidade ambiental. **Caderno de Geografia**. Belo Horizonte. V. 12 n. 18 1º sem. 2002.
- OLIVEIRA, L. **Ainda sobre Percepção, Cognição e Representação em Geografia**. In.: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. LOCAL: EDITORA 2004.
- PIRES, M. E. R. **Estudo das potencialidades e fragilidades da paisagem no Assentamento 14 de Agosto, Campo Verde – MT**. Monografia, Rondonópolis: UFMT, 2015.
- PORTEOS, J. Douglas. Topocide: the annihilation of place. In: EYLES, J. & SMITH,

D. (org) **Quantitative methods in geography**. Cambridge: Polity Press, 1988, p.75-93.  
 RAFFESTIN C., Territorializzazione, deterritorializzazione, riterritorializzazione e  
 informação, In: Turco A., **Regione e regionalizzazione**, Milano, Franco Angeli,  
 1984, p.69-82.

RELPH, E. **Place and Placelessness**. London: Pion. 1976.

ROSSI, A. **A garantia da prestação de informações relativas ao ambiente como  
 instrumento de gestão e de política ambiental no Brasil**. Tese (Doutorado). Escola de  
 Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo, São Carlos. 147p. 2009.

ROSENDHAL, Z. (org). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ,  
 1999.

SCOPINHO, R, A. Qualidade total, saúde e trabalho: uma análise em empresas  
 sucroalcooleiras. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 4, n. 1, p. 93-112,  
 jan./abr., 2000.

SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge  
 University Press. 1986.

SACK, Robert D. El lugar y su relación com los recientes debates interdisciplinarios.  
**Documents D`Anàlisi Geogràfica** 12, 1988, Barcelona, pp. 223-241.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 2000.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ªed. São  
 Paulo: Edusp, 2003.

\_\_\_\_\_. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato;  
 ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ,  
 1998. p. 12-74.

SAQUET, M. A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana: o  
 desenvolvimento econômico na Colônia Silveira Martins (RS)**. Porto Alegre:  
 Edições Est, 2003.

SILVA, E. N. da. A modernização da agricultura: uma aproximação histórica do caso  
 brasileiro e mexicano (1970 – 1980). **Isegoria – Ação Coletiva em Revista**. Ano 01,  
 Vol. 01 Nº 01, março a agosto, 2011.

SILVA, M.E. **Diagnóstico do Município São José do Povo: Migrações,  
 Assentamentos, Segurança Alimentar e Outros Fatores de Base para o Desenvolvimento  
 Local**. Dissertação de Mestrado UCDB- Campo Grande-MS, 2009. pp. 300. Disponível

em <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8135-diagnostico-no-municipio-de-sao-jose-do-povo-migracoes-assentamentos-seguranca-alimentar-e-outros-fatores-de-base-para-o-desenvolvimento-local.pdf>. Acesso em 10/03/17.

SOJA, E. W. **The political Organization of Space**. Washington, D.C: AAG Comission on College Geography. 1971.

\_\_\_\_\_. **Geografias Pós-Modernas. A reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1993.

STURZA, J. A. I. **Lugar e Não Lugar em Rondonópolis –MT, Um Estudo de Cognição Ambiental**. Tese (Doutorado em Geografia). UNESP- Rio Claro, 2005.

SOUZA, M. J. L. de. O território; sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. CASTRO, I. E. de; GOMES, P.C. da C. e CORRÊA. R. L. (Orgs). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

TRUJILLO, Victor. **Pesquisa de mercado qualitativa & quantitativa**. São Paulo: Scortecci, 2003.

ZOCCAL, R. Embrapa - Gado de leite. CEPPA, Curitiba, v. 24, n. 1, jan./jun. 2006. Disponível em <<http://www.cnpgl.embrapa.br/index.php>>. Acesso em: 15 ago. 2003.

## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO

#### I - DADOS GERAIS:

- Nome: \_\_\_\_\_ N.P.: \_\_\_\_\_  
 -Número do Lote: \_\_\_\_\_ Pessoas na família: M: \_\_\_\_\_ H: \_\_\_\_\_  
 -Idade das pessoas (todas): \_\_\_\_\_  
 -Escolaridade: (discriminar segundo cada pessoa) \_\_\_\_\_  
 - No. de Pessoas na escola: \_\_\_\_\_  
 -Renda Familiar: ( ) – de 1 s.m. ( ) 1 a 3 s.m. ( ) + de 3 s.m. -Cidade e Estado de Nascimento: \_\_\_\_\_  
 -Tempo de moradia: \_\_\_\_\_  
 - O que motivou a mudança para o assentamento?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1º. proprietário ( ) SIM ( ) NÃO

#### II – Infraestrutura e Política

- Casa:** ( ) satisfeito ( ) pouco satisfeito ( ) não satisfeito  
 -Área construída = \_\_\_\_\_ Tem interesse de ampliar a área ( ) SIM ( ) NÃO o quê?? \_\_\_\_\_  
 -Tipo de construção: \_\_\_\_\_ Fossa séptica: ( ) SIM ( ) NÃO  
 -Banheiro: ( ) SIM ( ) NÃO -Curral: ( ) SIM ( ) NÃO  
 -Galpão: ( ) SIM ( ) NÃO -Fogão: ( ) SIM ( ) NÃO  
 -Geladeira: ( ) SIM ( ) NÃO -TV: ( ) SIM ( ) NÃO  
 -Carro: ( ) SIM ( ) NÃO -Moto: ( ) SIM ( ) NÃO  
 -Outro meio de transporte: \_\_\_\_\_  
 -Água ( ) Natural (bica) ( ) Poço Artesiano -Tratamento da água: ( ) SIM ( ) NÃO  
 - Outros bens ou benfeitorias: ( ) SIM ( ) NÃO  
 - Propriedade: ( ) satisfeito ( ) pouco satisfeito ( ) não satisfeito  
 - Quais as dificuldades encontradas: \_\_\_\_\_  
 - Existe alguma perspectiva de mudança: ( ) SIM ( ) NÃO  
 Quais: \_\_\_\_\_

#### Saúde:

- PSF: ( ) SIM ( ) NÃO  
 -Atendimento médico: ( ) SIM ( ) NÃO Satisfeito( ) Pouco satisfeito( ) Não satisfeito( )  
 -Local de atendimento: \_\_\_\_\_ (vezes por mês): \_\_\_\_\_  
 -Nr. De atendentes (agentes de saúde): \_\_\_\_\_

- 4 problemas de saúdes + comuns: \_\_\_\_\_  
 -Remédios caseiros: ( ) SIM ( ) NÃO Quais: \_\_\_\_\_  
 -Casos de emergência: Local: \_\_\_\_\_ Transporte: \_\_\_\_\_  
 - Existe alguma perspectiva de mudança: ( ) SIM ( ) NÃO  
 Quais: \_\_\_\_\_

### III – Trabalho e Produção:

#### Cultivos agrícolas:

- ( ) Mandioca ( ) Milho ( ) banana ( ) cana-de açúcar

Outros: \_\_\_\_\_

-Pastagens: ( ) SIM ( ) NÃO

-Pomar: ( ) SIM ( ) NÃO

Cultivos: \_\_\_\_\_

-Horta: ( ) SIM ( ) NÃO

Cultivos: \_\_\_\_\_

#### -Pecuária:

-Gado ( ) Leite ( ) Corte

-Peixes: ( ) -Ovinos: ( ) -Suínos: ( ) -Equinos: ( ) -Aves: ( )

-Outros: \_\_\_\_\_

- Existe alguma perspectiva de mudança: ( ) SIM ( ) NÃO

Quais: \_\_\_\_\_

#### Comércio:

-Renda da produção (R\$): \_\_\_\_\_

-Destino da produção vendida: \_\_\_\_\_

-Subsistência: (citar produtos) \_\_\_\_\_

-Venda: (citar produtos) \_\_\_\_\_

### IV – Natureza (Ambiente):

- O que é a natureza ou meio ambiente?

\_\_\_\_\_

#### V- Relações Sociais:

**Vizinhança:** Satisfeito( ) Pouco satisfeito( ) Não satisfeito( ) Por quê?

\_\_\_\_\_

- Os moradores fazem algum encontro ou reunião ( ) SIM ( ) NÃO

- Existe alguma perspectiva de mudança: ( ) SIM ( ) NÃO

Quais: \_\_\_\_\_

### VI – Cultura, Lazer e Educação:

#### Educação:

-Escola: ( ) SIM ( ) NÃO -Nível de ensino: \_\_\_\_\_

-Transporte escolar: ( ) SIM ( ) NÃO -Merenda escolar:

